



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ISRAEL PAULINO DA SILVA SOUSA

**ATENÇÃO, HOMENS NA ESCOLA! HISTÓRIA, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE
FORMAÇÃO E PROFISSÃO**

Marabá-PA

2021

ISRAEL PAULINO DA SILVA SOUSA

**ATENÇÃO, HOMENS NA ESCOLA! HISTÓRIA, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE
FORMAÇÃO E PROFISSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência final para obtenção do título de Pedagogo com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.

Orientadora: Prof. Dra. Leticia Souto Pantoja.

Marabá-PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Sousa, Israel Paulino da Silva

Atenção, homens na escola! história, memórias e trajetórias de formação e profissão / Israel Paulino da Silva Sousa ; orientador (a), Letícia Souto Pantoja. — Marabá : [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2021.

1. Professores – Formação - História. 2. Homens – Formação - Educação - História. 3. Ensino. 4. Educação – História - Memória. 5. Discriminação de sexo na educação - História. I. Pantoja, Letícia Souto, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.71

ISRAEL PAULINO DA SILVA SOUSA

**ATENÇÃO, HOMENS NA ESCOLA! HISTÓRIA, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE
FORMAÇÃO E FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência final para obtenção do título de Pedagogo com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.

Orientadora: Prof. Dra. Leticia Souto Pantoja.

Data de aprovação: Marabá (PA), ____ de ____ de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Leticia Souto Pantoja (Orientadora) – UNIFESSPA

Prof. Msc. Davison Hugo Rocha Alves (Membro Interno) – UNIFESSPA

Prof. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante (Membro Iterno) – UNIFESSPA

Marabá-PA

2021

Dedico este trabalho à minha família, a minha esposa a meus filhos e a todos aqueles que muito me incentivaram para que este sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a colaboração e participação de algumas pessoas, muito importantes, que contribuíram para a sua concretização:

A Deus, por me proporcionar sabedoria, persistência, saúde e paciência para enfrentar os obstáculos que surgiram durante todo o processo.

À minha família (mãe e pai), grandes incentivadores dos meus estudos, pelas grandes colaborações, incentivos e confiança, por sempre serem meu porto seguro. Tudo o que sou hoje, agradeço a vocês!

A Josikleia Lopes dos Santos Paulino, minha esposa e melhor amiga, por me alegrar cotidianamente com seus sorrisos e amor sincero, pelo apoio nas horas difíceis, a paciência e acima de tudo, por sempre acreditar no meu potencial.

Aos meus amigos e companheiros de curso em especial Paulo Vítor Peniche, Frederico Oliveira da Silva pelo apoio e companheirismo, pelas grandes trocas de ideias e saberes, pela paciência em suportar todas as horas de trabalho em equipe e por tudo que vivemos em conjunto nos últimos anos. Gostaria de agradecer, especialmente a Karl Marx Cardoso Oliveira, meu maior incentivador, por ter sido a outra metade do meu cérebro quando mais precisei estava lá para me ajudar.

Aos professores Antônio Carlos Farias Vieira, Helenilson Ferreira de Araújo e Jairo Belchior Freitas Oliveira que concordaram em participar desta pesquisa, pela cooperação em forma de entrevistas, agradeço a disponibilidade e apoio manifestado.

A todos os professores que acreditaram na proposta desta pesquisa, em especial a professora Dra. Hildete Pereira dos Anjos, pela rica e eficaz contribuição sem a qual meus olhos jamais teriam avistado o caminho correto e principalmente, gostaria de agradecer a professora Dra. Letícia Souto Pantoja, minha orientadora, pela sua rica orientação científica e sábios conselhos, que me deram entusiasmo em meio aos problemas que surgiram durante este processo, prosseguir sempre com um olhar atento às mudanças,

Sem todos eles, este trabalho não seria concretizado. Obrigado!

“Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da libertação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente. A educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”.

(Professor Ernani Maria Fiori)

RESUMO

Este trabalho investiga as trajetórias de formação e atuação profissional de docentes homens que trabalham educação infantil e ensino fundamental I, na cidade de Marabá-Pa. Através da utilização de entrevistas semi estruturadas, baseadas nos pressupostos metodológicos da história oral, buscou-se compreender os caminhos percorridos e as dificuldades vivenciadas por docentes do sexo masculino em um contexto de prevalência do elemento feminino. Objetiva-se conhecer esses percursos de formação e trabalho, destacando-se as próprias falas dos sujeitos participantes da pesquisa acerca de suas próprias origens, como esses professores se formaram, quais foram suas lutas e conquistas neste percurso, além de destacar-se como enfrentaram a desconfiança em relação as suas capacidades pedagógicas. Assim, pretende-se transpor antigos discursos e estereótipos de que a docência é feita exclusivamente para mulher atuar.

PALAVRAS-CHAVE: Docência masculina. Educação Infantil. Histórias de Vida.

ABSTRACT

This work investigates the trajectories of training and professional performance of male teachers working early childhood education and elementary school I, in the city of Marabá-Pa. Through the use of semi-structured interviews, based on the methodological assumptions of oral history, we sought to understand the paths taken and the difficulties experienced by male teachers in a context of prevalence of the female element. The objective is to know these paths of formation and work, highlighting the very statements of the subjects participating in the research about their own origins, how these teachers were formed, what were their struggles and achievements in this journey, besides highlighting how they faced distrust in relation to their pedagogical capacities. Thus, it is intended to transpose old discourses and stereotypes that teaching is done exclusively for women to act.

KEYWORDS: Male teaching. Early Childhood Education. Life Stories.

LISTA DE ABREVIações

CEB – Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

EJA – Educação para Jovens e Adultos

EAD – Educação a Distância

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

CAPES – Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPASEMAR – Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Marabá

LBA – Legião Brasileira de Assistência

LBD – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MEC – Ministério da Educação

NEI – Núcleo de Educação da Infância

PARFOR – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola

PPC – Projeto Pedagógico de Curso

PROEG – Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

RPPS – Regime Próprio de Previdência Social

SEDUC – Secretaria Estadual de Educação

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESI – Serviço Social da Indústria

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UEG – Universidade Estadual de Goiás.

UFPA – Universidade Federal do Pará

UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	18
1.0 COMPREENSÕES HISTÓRICAS ESSENCIAIS	18
1.1 História da educação para a infância no Brasil	18
1.2 O masculino e o feminino na educação escolar para a infância	19
CAPÍTULO II	27
2.0 ONDE TUDO COMEÇOU	27
2.1 Uso da história oral	27
2.2 Coleta de dados	29
2.3 Perfil dos entrevistados	20
2.4 Pressuposto da análise de dados	32
2.5 Análise das entrevistas	35
CAPÍTULO III - HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Construção da identidade docente em um contexto de prevalência do elemento feminino	37
3.1 Apresentação dos dados	37
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	66
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ANTÔNIO CARLOS FARIAS VIEIRA	68
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – HELENILSON FERREIRA DE ARAÚJO	69
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – JAIRO BELCHIOR FREITAS OLIVEIRA	70
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM ANTÔNIO CARLOS FARIAS VIEIRA	71
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM HELENILSON FERREIRA DE ARAÚJO	86

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM JAIRO BELCHIOR FREITAS

OLIVEIRA 101

INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado “*Atenção, homens na escola! História, memórias e trajetórias de formação*”. É resultado de um estudo feito para conclusão do curso de graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA. Acreditamos que o presente estudo que surgiu de uma inquietação durante o desenvolver do curso, tenha um grande significado em virtude do tema abordado, que ainda está em fase de desenvolvimento e carrega uma vasta cadeia de acontecimentos históricos e fatos de uma construção cultural brasileira de que a educação básica é um espaço de atuação feminino.

Durante nossa formação acadêmica passamos por diversas disciplinas teóricas e estágios para a prática pedagógica, porém nenhuma delas realmente nos prepara completamente para o que vamos enfrentar, aprendemos que para compreendermos determinado saber faz-se necessário o conhecimento prévio de sua origem. Os primeiros passos, o processo inicial de desenvolvimento até uma concepção mais atual sobre aquele saber. Durante estes anos percebemos que quanto mais aprofundávamos em assuntos variados para nossa formação, nos deparávamos com os novos caminhos da docência, porém ainda com práticas ultrapassadas de opressão e preconceito, entendemos que logo seríamos parte de todo esse processo educacional.

Para mim foi um grande incômodo perceber que conhecemos tão pouco sobre os caminhos percorridos e as mazelas sofridas pelos docentes do sexo masculino, neste sentido podemos perceber a relevância em conhecemos nossas próprias origens, surgindo uma inquietação acerca de como esses professores se formaram, e quais foram suas lutas e conquistas durante esse percurso, se assim como eu sofreram preconceito por serem homens, e como enfrentaram toda desconfiança em relação as suas capacidades pedagógicas, quais eram suas práticas e concepções que permearam suas formações, dito isso, pretende-se transpor com os velhos discursos e estereótipos da narrativa construída aos longos dos anos, de que a educação infantil é feita exclusivamente para mulher atuar.

Para melhor compreender a história desses professores fez-se necessário recorreremos ao uso da “História Oral”, devido às características desta pesquisa e por se tratar de uma pesquisa com ênfase no processo de formação desses docentes e suas inserções no mercado de trabalho, algumas características dessas jornadas

estão armazenadas apenas nas memórias dos docentes, por isso o uso da história oral. A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas de vivências dos sujeitos entrevistados, muitas vezes precisamos usar documentos variados, não apenas os escritos vistos suas limitações por isso é importante o uso de lembranças filtradas de suas memórias, quem sabe até carregadas se sentimentos e repletos de recordações. Para mostrar a importância da história oral usaremos um trecho da obra de Paul Thompson:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992: 17).

De acordo com Alberti,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas *contemporâneos*, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989: 4).

Nessa linha, a história oral, conforme a citação centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas.

Muito embora desejássemos trabalhar uma quantidade maior de entrevistas com professores do sexo masculino, enfrentamos uma construção histórica um obstáculo invisível chamado preconceito com a figura masculina dentro da sala de aula da educação básica, isso tornou-se um divisor no processo da nossa pesquisa pois mesmo encontrando o número de participantes almejado, nem todos puderam participar da entrevista, como foi preciso um resumo a respeito da

pesquisa e informar que trabalharíamos com sua formação docente, foi necessário situar nos, para entendermos o contexto da profissão docente ao longo da História.

Neste sentido, houve certo temor de alguns em relatar as motivações que os levaram a ingressar no curso de pedagogia, como tínhamos o interesse em compreender esse processo de inserção no curso, resgatar antigas memórias individuais de formação educacional local, identificar os sujeitos históricos (professores e alunos) que participaram de suas trajetórias, isso fez com que apenas três professores se dispusessem a participar da pesquisa.

A ausência de dados específicos sobre o tema na história marabaense, pesquisas a bibliografias nacionais e relatos impulsionaram o desejo de contribuir com uma pesquisa que pudesse atender a carência nos estudos históricos na região. O resgate das memórias daqueles que durante anos dedicaram suas vidas a docência, esses alunos que se tornaram professores e que durante gerações de alunos seguiram confiantes na docência. Deste modo, a proposta inicial deste trabalho ressalta uma construção de um perfil profissional de docente do sexo masculino trabalhando em um local historicamente construído para atuação de mulheres e por este motivo é um espaço predominantemente ocupado por mulheres.

Assim a pesquisa foi estruturada em três capítulos, em seu primeiro capítulo intitulado “**Compreensões históricas essenciais**”, a pesquisa procurou nesse primeiro momento fazer uma contextualização histórica da educação no Brasil, este capítulo foi dividido em dois tópicos onde procuramos caracterizar esse ambiente da educação básica e seus sujeitos atuantes à frente das salas de aulas.

No primeiro tópico “**História da educação para a infância no Brasil**” neste item essa pesquisa trabalha com uma breve contextualização do que seria e como se construiu a educação infantil no Brasil, seus principais acontecimentos e aspectos que permearam essa construção gradativa. A partir deste momento a pesquisa passou a conhecer os sujeitos responsáveis pelo ensino em sala de aula, para isto temos o seu segundo tópico titulado “**O masculino e o feminino na educação escolar para a infância**” discute o processo de formação docente de homens e mulheres, onde as salas de aula passam por uma mudança, saem de uma maioria masculina para feminina. Buscamos expor trajetória das mulheres que deixaram de fazerem apenas a função natural de seu sexo, procuramos relatar que educação feminina passou a ser mais valorizada, bem como o surgimento da possibilidade da docência feminina.

No segundo capítulo **“Onde tudo começou”** apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, dividimos o capítulo em cinco tópicos, **“Uso da História Oral”** é o primeiro tópico, nele falamos sobre a importância e aplicabilidade para esta pesquisa, depois vem o segundo tópico **“Coleta de dados”**, nele tratamos do roteiro semiestruturado e das perguntas e dos procedimentos da pesquisa. No terceiro tópico **“Perfil dos entrevistados”**, nele apresentamos os sujeitos da pesquisa, alguns aspectos quantitativos das entrevistas e os eixos norteadores. Já no quarto tópico **“Pressupostos da análise de Dados”** apresentamos o tratamento qualitativo dos dados coletados e a apresentação dos eixos norteadores para análise das entrevistas. No quinto e último tópico **“Análises das Entrevistas”** apresentamos um referencial teórico sobre o tema, e qual teórico utilizamos para fazer análise das entrevistas.

No terceiro capítulo desta pesquisa, intitulado **“HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Construção da identidade docente em um contexto de prevalência do elemento feminino”** apresentamos os resultados das entrevistas realizadas com os professores do sexo masculino, expomos suas falas conforme os eixos citados anteriormente. Neste capítulo apresentamos os dados obtidos através do roteiro de entrevista, abordamos temas como: preconceito, capacidades pedagógicas, dúvidas, aliciamento e vida pessoal dos professores, buscamos a representação do cotidiano vivido por elas nas etapas de formação e inserção no espaço docente, em determinados momentos ampliavam-se as vivências nos guiando a outras questões e concepções sobre o ser docente homem na educação básica.

CAPÍTULO I

1.0 – COMPREENSÕES HISTÓRICAS ESSENCIAIS

Falar sobre a História da Educação no Brasil, não fácil, também não é uma coisa extremamente difícil, devidos a vários acontecimentos e precisamos lembrar alguns fatos e eventos marcantes que vão desde a chegada dos portugueses ao território brasileiro, passar pela vinda da família real para o Brasil, recordar a proclamação da República, lembrar-se do regime militar até chegarmos à atual Constituição Federal de 1988 e todos os percalços pós Constituição.

1.1 História da educação para a infância no Brasil.

Discorrer sobre Educação para a infância no Brasil, certamente, faz-se necessário buscarmos na historicidade as abrangências, os valores e crenças obtidos ao longo do tempo, uma vez que a infância é entendida como categoria social e histórica, para então entendermos os elementos recentes relacionados a esse nível de ensino.

A Educação Infantil no cenário histórico-econômico da sociedade capitalista tem como recorte histórico de estudo o período a partir da década de 1920, quando o Brasil inaugurou sua entrada no progresso e se integrou à sociedade “civilizada”, com importantes iniciativas nos campos educacional, cultural e sanitário, processo que representou um enfoque evolutivo para alavancar a nação.

A educação de crianças pequenas no Brasil vem sendo construída aos poucos, podemos observar do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido. Na realidade, foi somente com a Constituição que a criança de zero a seis anos foi concebida como sujeito de direitos.

Dois anos após a aprovação da Constituição Federal de 1988, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90, que, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, inseriu as crianças no mundo dos direitos humanos. De acordo com seu artigo 3º, a criança e o adolescente devem ter assegurados os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, para que seja

possível, desse modo, ter acesso às oportunidades de “[...] desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 1994a).

A definição do termo Educação Infantil no sistema educacional brasileiro é recente. Esse termo é utilizado para delimitar a primeira etapa da Educação Básica, responsável pela educação das crianças de zero a cinco anos. O sistema educacional brasileiro, constituído de diferentes dimensões, tem a Educação Infantil como uma etapa relevante do processo educacional, e atualmente em diversos estudos, encontra-se um retrato da trajetória das instituições brasileiras.

Nos anos seguintes à aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, entre os anos de 1994 a 1996, foi publicado pelo Ministério da Educação – MEC uma série de documentos importantes intitulados: “Política Nacional de Educação Infantil”.

Tais documentos estabeleceram as diretrizes pedagógicas e de recursos humanos com o objetivo de expandir a oferta de vagas e promover a melhoria da qualidade de atendimento nesse nível de ensino: “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, que discute a organização e o funcionamento interno dessas instituições; “Por uma política de formação do profissional de educação infantil”, que reafirma a necessidade e a importância de um profissional qualificado e um nível mínimo de escolaridade para atuar nas instituições de educação infantil.

Sobre os profissionais que trabalham com essa faixa etária, é importante ressaltar que, em função das novas exigências previstas na Lei, faz-se necessário uma formação inicial sólida e constante atualização em serviço. Em se tratando da criança pequena, a realidade tem apontado que ambas as formações é uma das variáveis que maior impacto causa sobre a qualidade desse tipo de atendimento.

1.2 O masculino e o feminino na educação escolar para a infância.

Apesar da presença predominantemente feminina na docência atualmente, os primeiros mestres das instituições escolares foram homens, em geral religiosos, e no Brasil representado pelos Jesuítas. Assim, segundo Louro (1997a), acabaram por se constituir uma das primeiras e fundamentais representações do magistério. Os Jesuítas eram:

Modelos de virtudes, disciplinados disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas. Seu papel de educador combina o exercício de uma 'paternidade, uma magistratura, um apostolado e uma luta' (assim determina, por exemplo, o *Guide des Écoles*, texto de orientação dos antigos mestres maristas, ainda hoje em uso). (LOURO, 1997a, p. 93, grifos da autora).

No Brasil, a escola sempre teve relevante função social: formação do cidadão. A expansão escolar produz necessidades que determinam a expansão da indústria. Enfim, o estado é o mantenedor básico de uma atividade improdutiva, a educação escolar.

Até o final do século XIX, a profissão de professor era quase que exclusivamente masculina. Nesse sentido, as concepções atribuídas ao modelo de docência feminina foram sendo construídas ao longo da trajetória das mulheres como professoras. Em meados do século XIX, já existiam mulheres professoras, mas se limitavam apenas ao ensino de meninas. No entendimento da sociedade e da igreja, a mulher deveria ser bem instruída, ter bom comportamento para se tornar uma boa esposa e mãe e somente elas poderiam educar as meninas.

Desde a época colonial, cabia à mulher atividades “naturais” para seu sexo, como costurar, bordar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, não precisando de educação formal. Devido à forte influência religiosa na família brasileira, durante muito tempo, através de uma imposição cultural, a mulher acreditou que seu papel na sociedade era apenas a reprodução biológica, o cuidado com o lar e o marido. Observando assim um forte receio quanto à liberação da educação feminina e ao seu ingresso no mercado de trabalho:

A mulher deveria cultivar-se para viver em sociedade e ser agradável ao homem, porém não poderia concorrer com ele profissional e intelectualmente, pois isso seria ultrapassar os limites da segurança social e ela representaria um risco se lhe fosse dado liberar-se economicamente do marido ou dos pais e tornar-se-lhe igual no intelecto (ALMEIDA, 1998, p. 119).

Na história brasileira as mulheres tiveram grandes dificuldades para receber educação escolarizada e ingressar na carreira docente. Segundo Aragão e Kreutz (2011, p. 109), “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da

casa e dos filhos”. Esse cenário, entretanto, não foi exclusividade da história brasileira. Também na Europa a mulher ocupava em geral um lugar inferior na hierarquia social, estando suas funções moralmente associadas aos cuidados com o lar, o marido e os filhos.

Na perspectiva cristã da época, a instrução feminina era uma ameaça aos lares e às famílias. Segundo Novaes (1994, p. 22), “a Igreja Católica foi, até meados do Século XX, a principal responsável pela educação da mulher, pois as escolas protestantes eram em menor número”.

Devido à organização burocrática da metrópole e a situação financeira das cidades, as condições de trabalho e salário dos professores eram precárias. Além disso, pela influência religiosa, e também como forma de adquirir maior prestígio social, a docência ficou marcada como um “sacerdócio” e vocação. A universalização da instrução primária, juntamente com a educação feminina, ganharam corpo com os ideais revolucionários franceses.

No âmbito desse aparato ideológico e cultural, a mulher era considerada como o “sexo frágil” e foi designada para o mundo privado, ou seja, dedicada aos cuidados domésticos e maternais com base em uma suposta “natureza delicada e sensível”, foi colocada a uma posição culturalmente inferior. O homem, pelo contrário, possuía qualidades consideradas superiores. De acordo com Silva (2002, p. 12), a eles estava destinado, nessa visão, “o mundo público, onde as qualidades dominantes são a força, a inteligência operacional, a capacidade de decisão, o ‘pulso firme’ e a contenção de sentimentos”.

Ao longo do século XIX mudanças significativas começaram a ocorrer no Brasil, trazendo alterações econômicas, políticas e culturais. Uma delas foi à possibilidade aberta para que as meninas pudessem ingressar na educação formal, passando a ter um pouco mais de instrução. Ao mesmo tempo em que se abriam oportunidades para a educação, no entanto, essa perspectiva estava limitada, pois se enfatizavam mais os trabalhos manuais, domésticos, do que a escrita, a leitura e a aritmética.

Uma dessas mudanças foi o Decreto Imperial de 15 de Outubro de 1827, o qual permitia o ingresso de meninas na educação formal e estabelecia um currículo direcionado à formação de donas de casa, com disciplinas voltadas à leitura, à escrita, às quatro operações matemáticas, à moral cristã, à doutrina

católica e a prendas domésticas (CAMPOS, 2002; ALMEIDA, 1998 apud ARAGÃO; KREUTZ, 2010, p. 108).

Foi na década de 1870 que as transformações se intensificaram, com as reformas na organização da economia e no sistema político, cujo objetivo era alcançar a modernização do país. De acordo com a análise de Aragão e Kreutz (2010, p. 109), tais acontecimentos “[...] evidenciam que o desejo de uma sociedade progressista e esclarecida incentivou a formação de professores, bem como a crescente urbanização e industrialização, que demandavam um contingente de pessoas preparadas para o mercado de trabalho e, por isso, a qualificação docente mostrava-se como um importante investimento”.

A educação feminina passou a ser mais valorizada, bem como a possibilidade da docência feminina. Na questão do trabalho, todavia, vale ressaltar que, de acordo com Hahner (2011, p. 468), “a ênfase ficou na maternidade, a qual eles ligaram ao progresso e ao patriotismo. Eles salientaram o poder da mulher para orientar o desenvolvimento moral de seus filhos e a formação de bons cidadãos para a nação”.

De acordo com o positivismo, a educação deveria se iniciar na família, por isso se atribuiu à mulher o papel de educar e passar valores morais às novas gerações. Sua aceitação na carreira docente foi possível com argumentos de que é da própria natureza da mulher ser generosa, acolhedora, amorosa e paciente. O magistério, portanto, representava uma extensão do lar: a mulher possuía dons naturais para educar seus filhos e agora, como professora, era a pessoa ideal para educar os alunos.

A educação, portanto, por ser essencial para o desenvolvimento do país, passava por diversos debates e discussões, destacando-se dentre eles a questão da coeducação. Importante lembrar que a igreja católica sempre se posicionou contra a coeducação.

Foi com a instituição da República que essa influência diminuiu, pois a ideia de laicidade do ensino prevaleceu. “A República surge defendendo na sua constituição o princípio de laicidade do ensino, libertando a instrução oficial das amarras da igreja católica”, conforme apontou Novaes (1994, p. 21). Foram vários os argumentos dos que defendiam a coeducação, e um deles era o de ordem econômica, como as dificuldades financeiras em manter escolas separadas, tanto normais como as primárias.

Hahner (2011, p. 469) analisou que, “com a expansão da educação nas duas décadas seguintes, o custo de manter o ensino primário separado para meninos e meninas e a escassez de professores homens estimularam a aceitação de classes mistas para crianças menores que não fossem das elites”. Isso oportunizou o crescimento das taxas de alfabetização feminina nos grandes centros, alterando a condição educacional da mulher e afetando também suas condições de trabalho.

A coeducação também desempenhou um papel na feminização da instrução primária no Brasil. Criou mais oportunidades para mulheres entrarem no magistério porque se podia confiar à regência das aulas mistas às mulheres, e não limitá-las a só lecionar nas escolas para meninas (HAHNER, 2011, p. 468).

Verifica-se também, de acordo com Hahner (2011, p. 468-469), que “[...] a introdução da coeducação nas escolas normais aumentaria o número de mulheres e diminuiria o número de homens matriculados, mudando, assim, o futuro caráter da magistratura”. Outras pesquisas também chegaram à mesma conclusão.

A entrada das mulheres no exercício do magistério – o que, no Brasil, se dá ao longo do século XIX (a princípio lentamente, depois de forma assustadoramente forte) – foi acompanhada pela ampliação da escolarização a outros grupos ou, mais especialmente, pela entrada das meninas nas salas de aula (CATANI, 1997, p. 78).

Nas grandes cidades, as taxas de alfabetização feminina comparadas às masculinas foram crescendo cada vez mais. Essa afirmação foi constatada na investigação de Hahner (2011, p. 468), que inferiu que no “Rio de Janeiro, por exemplo, a taxa de alfabetização feminina comparada à masculina subiu de 29% feminina *versus* 41% masculina em 1872 a 44% feminina *versus* 58% masculina em 1890”.

A ampliação das condições de escolarização feminina afetava diretamente as relações de trabalho do magistério, configurando assim as características do trabalho feminino nas escolas.

De acordo com Almeida (1998, p. 23-24), o “fato de não ingressarem nas demais profissões, acessíveis somente no segmento masculino, e a aceitação do magistério, aureolado pelos atributos de missão, vocação e continuidade daquilo que era realizado no lar, fizeram que a profissão rapidamente se feminizasse”.

Diante desses fatores históricos é possível percebermos que a desvalorização profissional da docência no período republicano, não pode ser diretamente relacionada ao fato desta categoria ter sido rapidamente ocupada pelas mulheres.

No início da formação educacional já na república, havia grande distinção em relação ao tipo de educação ensinada aos meninos e meninas. As escolas eram diferenciadas, ensinando modelos específicos de ser homem e de ser mulher. As meninas, nesse período, tinham acesso somente à instrução primária, aprendendo apenas a ler, escrever, contar, conhecer as quatro operações e a doutrina Cristã, acrescidas de ensino de bordado e costura, enquanto os meninos recebiam noções de geometria. Segundo Louro, (1997b, p. 444) Tal distinção no ensino de meninos e meninas contribuía para a baixa remuneração salarial das professoras, pois seu trabalho se diferenciava curricularmente dos demais professores homens.

Embora a lei determinasse salários iguais, a diferenciação curricular acabava por representar uma diferenciação salarial, pois a inclusão da geometria no ensino dos meninos implicava outro nível de remuneração no futuro que só seria usufruído pelos professores (LOURO, 1997b, p.444).

O papel desempenhado enquanto professora era principalmente o materno, que, de modo até estereotipado, exigia paciência, meiguice, doçura e bondade. Era uma forma de emprego que não maculava a reputação por não se expor ao contato com estranhos do sexo oposto.

Em um sistema patriarcal em que o homem era o provedor e responsável financeiro pela família, a remuneração servia mais como um complemento da renda familiar, não tendo tanta importância que os salários fossem baixos. Em tal contexto, a degradação do magistério primário pode ser visto como um produto espontâneo do desenvolvimento urbano-industrial brasileiro, no qual a escola era vista como uma extensão do lar e não propriamente como um ambiente de trabalho.

Assim, como em outras profissões predominantemente femininas, também estereotipadas, mal remuneradas e desvalorizadas, encobrem-se interesses econômicos, que produz e ajuda a manter uma representação profissional que favorece a retribuição desigual de salário e prestígio entre profissões masculinas e femininas.

Aos poucos os homens começaram a abandonar o magistério em busca de melhores oportunidades de trabalho e a urbanização e a industrialização vieram para facilitar a saída definitiva dos mesmos, contribuindo assim para o processo de feminização do magistério. Como afirma Vianna (2002, p. 85):

Na falta de professores homens, as mulheres começaram a assumir também as classes para meninos. As escolas normais tornaram-se praticamente lugares de formação apenas de professoras, aceitando somente as moças solteiras e as viúvas, pois as mulheres casadas não deveriam descumprir com seus deveres de mãe e esposa. Assim, a escola se tornaria a única ocupação das professoras, local no qual se dedicariam inteiramente ao ensino e cuidados dos alunos que seriam como seus filhos.

A predominância das mulheres no magistério gerou muitas críticas e discussões, como demonstra Louro (1997b, p.450) ao apresentar a trajetória das mulheres na educação:

“A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão *natural*, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’ a educação de crianças. [...] Outras vozes surgiram para argumentar na direção oposta. Afirmavam que as mulheres tinham, ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos”.

Nota-se que, enquanto uns alegavam que as mulheres eram desprovidas de inteligência para educar os pequenos, outros tinham convicção que a mulher era ideal para a docência, relacionando o ensino dado por esta com a maternidade, sendo elas, portanto, pré-destinadas à educação de crianças.

Importante ressaltar que apesar da predominância feminina, geralmente quem assumia o cargo de diretor nas escolas públicas eram os homens. E que para as mulheres, o magistério foi uma forma de ampliar suas relações sociais, até então apenas tidas na igreja e no lar. Conforme discute Louro (1997b) é fato que a história das mulheres na profissão docente é marcada pelas relações sociais de poder.

Ainda como discurso associando a docência à maternidade, justificava-se a saída dos homens das salas de aula caracterizando o magistério como eminentemente feminino e articulando a atividade docente a características

religiosas “[...] reforçando ainda a idéia (*sic*) de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão” (LOURO, 1997b, p. 450).

CAPÍTULO II

2.0 Onde tudo começou.

Em determinados momentos durante o curso me deparei com algumas dificuldades em relação à execução das disciplinas de pesquisa e prática e estágios supervisionados, em certos momentos nessas disciplinas tive que ir para atuação prática nas escolas e em algumas delas tive recusas por parte das diretoras e uma não aceitação por parte de algumas professoras, simplesmente por ser do sexo masculino. Em virtude desses acontecimentos procurei compreender a atuação do masculino na educação infantil: como professores homens, que são minoria não apenas políticas, mas numéricas na educação infantil do município, se percebem? Como eles constroem sua identidade docente nesse contexto de prevalência do elemento feminino?

Este estudo baseou-se em uma estratégia qualitativa de pesquisa, de caráter exploratório, por meio do uso da técnica História Oral. Neste sentido, a metodologia envolve entrevistas com pessoas que tiveram experiências ligadas diretamente com o problema pesquisado. Os procedimentos de coleta dos dados supracitados foram através de pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa.

2.1 Uso da História Oral

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história pretérita ou contemporânea. Enquanto metodologia, começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então se difundiu bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros.

No Brasil, a metodologia foi introduzida na década de 1970, porém a partir dos anos 1990, o movimento em torno da história oral cresceu muito. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, reúne-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, e

edita uma revista e um boletim. Dois anos depois, em 1996, foi criada a Associação Internacional de História Oral, que realiza congressos bianuais e também edita uma revista e um boletim. No mundo inteiro é intensa a publicação de livros, revistas especializadas e artigos sobre história oral. Há inúmeros programas e pesquisas que utilizam os relatos pessoais sobre o passado para o estudo dos mais variados temas.

Sendo essa maneira que, a priori, deixou evidente que cobriria as necessidades que surgiriam no decorrer desta pesquisa, optou-se coletar testemunhos com educadores homens, partindo-se de perguntas norteadoras, reunidas em um roteiro semiestruturado, o qual teria a função de agir como uma espécie de gatilho de ativadores de memórias, capazes de possibilitar o acesso às informações que são necessárias para a construção deste trabalho e para responder a pergunta de pesquisa. Isto é, que torne possível alcançar uma resposta acerca de *como os homens constroem a imagem de si mesmos enquanto professores da educação infantil, num contexto escolar onde predominam mulheres?* E claro que, para entender todo o contexto da atuação desses educadores, parte importante do trabalho foi conhecer suas trajetórias de vida, descobrir onde surgiu esse desejo pela profissão, ou não, se a Pedagogia apenas aconteceu, como uma “queda de paraquedas” em suas vidas, como relatado numa das entrevistas.

A História Oral de acordo com Alberti,

[...] apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. (ALBERTI, 1989: 4).

Nessa linha, a história oral, tem um foco na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do ocorrido. Erigir-se das histórias de vida dos entrevistados, suas memórias de formação docente, usar as memórias de passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, porém sem focar na sua totalidade, mas parcialmente em decorrência dos estímulos e seleção de memória.

Não é somente a lembrança de certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar, social e educacional, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas e que de certa forma, filtramos

as lembranças ativando aquilo que queremos que nos sejam significativos já que não podemos impedir que certas lembranças aflorassem, mas podemos controlar a forma como essas lembranças serão utilizadas.

2.2 – Coleta de dados

Toda a pesquisa bibliográfica realizada em sites, livro e revistas buscou compreender o surgimento e a criação da educação infantil, visando identificar se houve algum momento na história em que se definiu que o público docente seria majoritariamente feminino, além de procurar identificar os fatores responsáveis ou motivações que tornaram esse ambiente educacional quase que exclusivamente feminino, com o intuito de inferir ou entender o porquê da pouca atuação dos homens na educação infantil.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado, que abordava o contexto de escolha da profissão, o período de formação e a trajetória profissional dos professores. Foi elaborado também o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, no qual nos comprometemos a preservar a identidade dos sujeitos, os quais poderiam escolher nomes fictícios que seriam, posteriormente, utilizados nas publicações decorrentes da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas individualmente, com durações entre 64 minutos e 92 minutos, gravadas em áudio. Foram transcritas *ipsis litteris*¹, ou seja, na íntegra, para então serem analisadas da perspectiva teórico-metodológica das histórias de vida. Nessa abordagem, também conhecida como método biográfico, o enfoque é direcionado aos sujeitos, à qualidade e à vivência real, rompendo com paradigmas hegemônicos da sociologia e da ciência (NÓVOA, 2000).

Estudados mais a fundo, temos três entrevistas, com três graduados em pedagogia (um deles também tem graduação em psicologia). É interessante ressaltar que todos os entrevistados, têm em tempo de atuação, entre 18 e 23 anos, e apesar de terem iniciado seu percurso profissional em contexto histórico próximos, as entrevistas nos mostraram realidades de vidas diferentes, caminhos distintos que levaram a uma só profissão, e não só o início ou chegada, como também teve um aprofundamento em relação de suas aceitações, tanto pelos pais, equipe gestora da

¹ É uma expressão de origem latina que significa "pelas mesmas letras", "literalmente" ou "com as mesmas palavras". Utiliza-se para indicar que um texto foi transcrito fielmente ao original.

instituição, e pelas próprias crianças; o que é fascinante, pois conseguiu abrir caminhos já conhecidos, e desconhecidos, evidenciando mais ainda o quanto significativo e necessário é reconhecer e conhecer a importância dessa identidade.

As entrevistas foram gravadas, contendo as seguintes bases para perguntas.

- Memórias mais recentes de infância (independente de ser ou não alguma relacionada ao âmbito escolar);
- Lembranças da vida escolar;
- Se houve, durante o início desta vida escolar, contato com professores do sexo masculino;
 - Aceitação nos estágios durante graduação;
 - Sobre o ingresso na profissão que escolheu;
 - Visão de si mesmo enquanto professor ;
 - Sentimento que descreve a trajetória como profissional ;
 - Sobre considerar a existência de alguma diferença entre o profissional do sexo masculino e a do sexo feminino, enquanto atuantes no âmbito escolar como chefes de sala;
 - Descobrir se, o tratamento recebido como professor condiz com aquele que eram apenas expectativas antes da atuação;
 - Conhecer a opinião acerca da instituição pública de ensino;
 - Sondar se há considerações, coisas das quais sentem que deveria ser questionado, que faltou, ou que pelo menos seria bom falar sobre.

Claro que, ao longo das entrevistas, inúmeras outras perguntas foram feitas e se obtiveram respostas, pois como dito o roteiro foi utilizado para iniciar conversas confortáveis, mas que não fugissem do objetivo, além de ajudar na compressão dessa identidade. Todavia, as 'conversas/entrevistas' não se restringiram as perguntas previamente definidas, permitindo-se o surgimento de novos tópicos de discussão, novas perguntas e questionamentos que se relacionavam direta ou indiretamente à temática geral de pesquisa.

2.3 – Perfil dos entrevistados

Participaram desta pesquisa 03 professores com formação em Pedagogia, todos residentes na cidade de Marabá. A intenção inicial proposta pela

pesquisa era entrevistar de 05 a 10 professores do sexo masculino vista a importância de seus relatos resgatando experiências de vida e formação docente. Porém ao longo tempo de busca e conversas, houve grande dificuldade em contatar professores do sexo masculino dispostos a participar da pesquisa.

Após várias e variadas conversas e tentativas de localização de professores que se encaixassem no perfil, encontramos apenas 06 dispostos a participar da pesquisa. Entretanto nas datas marcadas para as entrevistas 03 desistiram de conceder entrevista devido à indisponibilidade de horário dos mesmos.

O primeiro entrevistado foi o professor Antônio Carlos Farias Vieira (46), com mais de 20 anos atuando na educação, começou como Técnico em Magistério² depois concluiu a licenciatura em Pedagogia, atuou no Primeiro e Segundo Ciclos do Fundamental e também como professor do EJA³, atualmente é professor do quarto ano do segundo ciclo do fundamental na escola Walquise Viana da Silveira⁴.

O segundo foi o Mestre em Ciência da Educação e Desenvolvimento Cognitivo Helenilson Ferreira de Araújo (39) professor com formação em Psicologia e Pedagogia com 20 anos de atuação na educação tendo atuado como professor em todos os níveis da educação atuou também como Diretor de Escola e Professor Substituto em Curso de Mestrado, atualmente é Coordenador Pedagógico na escola Profa. Ida Valmont⁵.

O terceiro foi o Especialista em Psicopedagogia Institucional Jairo Belchior Freitas Oliveira (43) professor com formação em Pedagogia com mais de 18 anos de atuação na educação tendo atuado como professor em todos os níveis da educação básica atuou também como Coordenador Pedagógico, Orientador Educacional e Diretor de Escola, atualmente é concursado como Pedagogo na UNIFESSPA⁶, lotado na PROEG⁷, responsável pelo setor de Estágios e Viagens de Campo.

Tabela 1 – Apresentação dos Docentes

² Título recebido após conclui o Magistério (atual Ensino Médio), permitindo que pudesse exercer a profissão de docente.

³ Educação para Jovens e Adultos

⁴ Escola Municipal de Ensino Fundamental Walquise Viana da Silveira.

⁵ Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Ida Valmont.

⁶ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

⁷ Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

Nome	Idade	Tempo de docência	Abreviação
Antônio Carlos Farias Vieira	46 anos	22 anos	P ¹
Helenilson Ferreira de Araújo	39 anos	20 anos	P ²
Jairo Belchior Freitas Oliveira	43 anos	18 anos	P ³

Cada entrevista teve mais de uma hora duração, com um roteiro de perguntas semiestruturadas que foi socializado no início de cada entrevista, já com o intuito de agir como gatilho e destravar memórias antigas. As entrevistas foram realizadas nos dias 01 de Junho, 23 de Julho e 07 de Agosto de 2019, respectivamente.

Com objetivo de extrair o máximo possível das memórias com o uso da História Oral, optamos por realizar as entrevistas nos ambientes escolhidos pelos próprios entrevistados, para que a memória destravada pudesse relatar quais eram as concepções e práticas pedagógicas que permearam em suas formações, resgatando as memórias do cotidiano desses professores.

Com as respostas obtidas nas entrevistas desta pesquisa observou-se tanto as convergências como as divergências das respostas e, também, o sentido das palavras dos entrevistados. A partir dessa análise do significado das respostas, os dados coletados foram agrupados em eixos norteadores. Em seguida, realizou-se o cruzamento dos dados (informações) obtido nas entrevistas, analisando-se a profundidade dos eixos.

À medida que a entrevista era desenvolvida, outras perguntas surgiam a partir de novas hipóteses levantadas após as respostas dos entrevistados. Recorremos à História Oral, para uma representação mais viva do passado na formação docente. Desde o início da pesquisa, todos os caminhos nos guiavam a esta metodologia e as respostas que buscamos atingir com a pesquisa tem seu caminho repleto de História Oral.

2.4 – Pressupostos da análise de dados

Os dados coletados por meio das entrevistas gravadas, que duraram em média oitenta minutos, objetivavam captar a percepção dos pedagogos e também algumas reflexões e a visão de cada um deles em relação ao tema abordado.

Todas as entrevistas foram transcritas e tiveram seus conteúdos analisados considerando os relatos dos entrevistados. Após ponderar o objetivo deste estudo, com a forma escolhida para a coleta dos dados, optou-se por tratar os dados de forma qualitativa.

O tratamento qualitativo dos dados, conforme sugerem Rubin e Rubin (1995), objetiva descobrir o que os entrevistados querem dizer, bem como o que sentem e pensam sobre as questões colocadas, ou seja, seu universo. A pesquisa qualitativa de acordo com os autores permite entender as experiências dos indivíduos e reconstrói-las apesar do pesquisador não ter participação ativa.

Nesse sentido, considerado o conteúdo das narrativas apresentadas pelos entrevistados, chegamos à definição de sete (07) eixos temáticos que possibilitam discutir os principais aspectos em torno da vivência pessoal e da atuação profissional em contextos escolares majoritariamente ocupados por mulheres, quer fossem na condição de docentes e/ou de gestoras. Foram eles:

- Primeiro eixo - Memórias escolares de infância: Esse eixo foi alimentado de duas maneiras, primeiramente com memórias aleatórias, isto é, qualquer uma que fosse, contanto que fosse sua primeira lembrança geral, para esta consideramos mais a importância do que quão relevante ela seria para pesquisa, pois esta agiria como gatilho de lembrança, sentimentos e emoções. A segunda seria a primeira lembrança específica de memória escolar, que é onde podemos vislumbrar melhor onde começou os sonhos (ou não), de trilhar este determinado caminho.

- Segundo eixo - O primeiro contato com um professor do sexo masculino: Neste eixo procuramos identificar se este contato já nos anos iniciais serviria para influenciar em uma futura tomada de decisão profissional, buscamos inferir o impacto causado pelo contato com um professor do sexo masculino neste momento em que os processos de amadurecimento dos alunos meninos, na perspectiva da necessidade de estabelecer conexões de identificação e modelos de comportamento para além do espaço doméstico.

Ou seja, enquanto entrevistados do sexo masculino, enquanto alunos meninos/homens eram importantes para eles encontrarem professores com os quais pudessem se identificar também nesse aspecto, de estabelecer comparações, criar admiração, etc. Algo comum no processo de amadurecimento das crianças (tanto meninos quanto meninas), uma vez que as mesmas precisam no processo de

construção de suas identidades se ancorarem em pessoas mais velhas, que lhe sirvam de modelo de comportamento. Isso ocorre com os pais, mas também com outras figuras de autoridade.

- Terceiro eixo - A escolha pela profissão docente: neste eixo buscamos especificar o momento pela tomada de decisão quanto a ser um professor, salientamos os aspectos individuais relacionados à escolha pela profissão docente assim também como as referências usadas para reforçar ou até mesmo endossar esta decisão.

- Quarto eixo - As vivências em sala de aula: neste eixo procuramos compreender como são ou foram às vivências em sala de aula em determinados momentos nas jornadas desses educadores, tentamos inferir sentimentos, fatos e acontecimentos que causaram algum tipo de impacto tanto positivo como negativo, como por exemplos: desconfiança, preconceito, medo, aceitação, etc.

- Quinto eixo - Diferenciação entre homem e mulher como profissional atuante à frente de uma turma: Neste eixo buscamos explorar um pouco essa noção de dicotomia entre homens e mulheres, quanto docentes, mensurar aspectos dessa construção social de serem diferentes suas relações e comportamento frente uma turma. Tentar provar que a questão de ser um profissional estaria acima de ser homem ou mulher.

- Sexto eixo - Aceitação por parte de pais e da direção da escola: neste eixo procuramos expor como se deu o processo de aceitação de cada professor nesse ambiente os embates históricos, os enfrentamentos, as lutas e as histórias de superação e aceitação de cada profissional. Buscamos comprovar que homens também conseguem cuidar e educar, que os mesmo conseguem quando permitido desempenhar um papel primordial no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e que em certos momentos chegam a desempenhar a função melhor que algumas mulheres.

- Sétimo eixo - Qual o sentimento quanto a seu papel como professor: neste eixo procuramos inferir os sentimentos dos professores quanto ao desempenho de sua profissão. Identificamos sentimentos diversos quanto à dicotomia do tratamento que recebem da sociedade, quando a mesma diz que seu papel é um dos mais importantes na construção de uma sociedade justa, porém quando chega ao momento de remunerar o trabalho e esforço dos professores

mudam o discurso e menosprezam suas ações de combate e enfrentamento para obter melhores condições de trabalho e sobrevivência.

2.5 Análises das entrevistas

Por mais que muitos autores abordem a análise de conteúdo, utilizando conceitos diferenciados com diferentes terminologias, nesta pesquisa toma-se como base a conceituação de Bardin, bem como as etapas da técnica apontadas por este autor. Tal opção se deve a que o autor é o mais citado no Brasil em pesquisas que adotam a análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 30 e 31) refere que a análise de conteúdo consiste em:

A análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas.

Para a descodificação dos documentos, o pesquisador pode utilizar vários procedimentos, procurando identificar o mais apropriado para o material a ser analisado, como análise léxica, análise de categorias, análise da enunciação, análise de conotações (Chizzotti, 2006, p. 98).

Para Minayo (2001, p. 74), a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”. Na visão da autora, constitui-se na análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma aplicação bastante variada, e tem duas funções: verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. Tais funções podem ser complementares, com aplicação tanto em pesquisas qualitativas como quantitativas.

Diante dessa diversificação e também aproximação terminológica, optou-se por elencar as etapas da técnica segundo Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais.

A exploração do material constitui a segunda fase, que consiste na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro). A exploração do material consiste numa etapa importante.

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela à condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais.

As entrevistas foram transcritas, analisadas e agrupadas fazendo-se uso da técnica de Bardin (2006).

CAPÍTULO III

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Construção da identidade docente em um contexto de prevalência do elemento feminino

3.1 Apresentação dos Dados

Para uma análise mais precisa e coerente, os dados obtidos serão trabalhados através de eixos norteadores, os quais foram citados antes, de maneira que, cada eixo será desenvolvido com base em respostas para as questões que o contemplem, se estabelecendo as relações entre as visões dos entrevistados acerca da presença de homens na educação infantil.

Primeiro eixo - Memórias escolares de infância

Esse eixo foi alimentado de duas maneiras, primeiramente com memórias aleatórias, isto é, qualquer recordação dos entrevistados acerca de suas vivências de infância. Essas primeiras memórias e conversas sobre a vida durante a infância, agiram como gatilhos de lembranças, sentimentos e emoções, capazes de criar o ambiente acolhedor para as entrevistas e vincular afetivamente os entrevistados ao tema da pesquisa. Num segundo momento, buscamos identificar junto aos entrevistados a primeira lembrança específica que nutriam acerca do momento de escolha profissional e/ou as primeiras experiências que contribuíram para seu interesse pela docência como caminho pessoal possível de ser trilhado.

A importância de instigar uma lembrança aleatória da infância, numa pesquisa especificamente voltada para a educação, é que os entrevistados acabarão, ou, pelo menos estes acabaram quase que de imediato, levando para as memórias relacionadas à educação; deixando claro que, a primeira motivação para estudar, surgiu dentro de casa, seja porque alguns foram ensinados por uma mãe, por uma irmã ou incentivado pelo avô.

Dentre os três entrevistados, somente um teve acesso durante a infância a modalidade de ensino semelhante ao que hoje classificamos como 'creche'. Segundo suas próprias palavras:

P3: [...] “Já que é pra pensar bem antigas, eu tenho lembranças assim, muito fortes, da ideia do casulo, que era como se fosse à creche que a gente estudava, que tinha o nome de casulo⁸, que era uma creche pública, eu tenho lembrança das primeiras aprendizagens indo lá nesse ambiente, mais a minha mãe que me ajudava a alfabetizar em casa. Aí depois foi o fundamental um, eu estudei lá no Morbach⁹, primeira e segunda série, aí quando fala de marcante lá, tem uma professora que foi marcante na minha vida escolar do período inicial, porque ela tinha realmente um cuidado, apesar de ganhar bem pouquinho, naquela época os professores ganhavam muito mal mesmo, então ela tinha uma preocupação muito grande, tanto com a parte do ensino, mas também com o cuidar da gente, ela tirava do pouco dinheiro que ela recebia, ela tirava sempre um valor no dia das crianças, pra comprar algum brinquedo e sortear entre a gente, fazer um bolo, alguma coisa assim, então ela tinha um cuidado diferente, essa é a lembrança mais marcante que eu tenho do fundamental 1, no fundamental 2 eu já fui estudar... passei pelo Martinho Motta¹⁰ um ano, e estudei no João Anastácio de Queiroz¹¹ também, um ano, depois no fundamental 2 eu fui para o Jonathas Athias¹², que é o colégio da Vale que chamavam, e lá foi fundamental pra mim melhorar meu rendimento, porque é uma escola pública, mas com professores assim de excelente qualidade, que tinha melhor, as vezes, que na particular, foi lá que eu emplaquei nos estudos”. [...]

Como é citado, além de ter o casulo como primeiro acesso a uma instituição, de ensino, vê-se que houve uma grande participação da mãe. Numa época que não havia obrigatoriedade da criança frequentar alguma instituição educacional antes dos 07 anos, vemos que a existência de um familiar de suporte e apoio era crucial para estimular o interesse da criança pela escola

Tanto entrevistado **P1**, quanto o **P2**, relataram que não existia uma modalidade inicial de ensino padronizada e de frequência obrigatória, que antecederesse o Fundamental I, conforme percebemos dos seguintes relatos:

P1: [...] “Eu posso relatar que o apoio muito dos meus avôs, nesse processo, que eles trabalhava... morava na zona rural, até os 7 anos, minha mãe me

⁸ O Projeto Casulo, vinculado à Legião Brasileira de Assistência (LBA), foi criado em 1977, atendia crianças de 0 a 6 anos de idade e tinha a intenção de proporcionar às mães tempo livre para poder “ingressar no mercado de trabalho e, assim, elevar a renda familiar”.

⁹ Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto Bastos Morbach.

¹⁰ Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Motta da Silveira.

¹¹ Escola Municipal de Ensino Fundamental João Anastácio de Queiroz

¹² Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Professor Jonathas Pontes Athias, fundada em 07 de abril de 1986, através de um convênio firmado entre a então Companhia Vale do Rio Doce, Governo do Estado e Prefeitura de Marabá. Iniciou as atividades com aproximadamente 150 alunos, para funcionamento em caráter experimental com classe de alfabetização e até a 6ª série do Ensino fundamental. No ano de 2003 o prédio foi formalmente doado à Prefeitura de Marabá. Inicialmente a clientela da escola era constituída, em sua maioria por filhos dos funcionários da Vale, com o tempo foi-se abrindo para a comunidade em geral e hoje sua clientela é bastante variada. Em 1998 através de convênio com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) a oferta de estudos foi ampliada para o atendimento dos alunos do Ensino Médio, a escola atende hoje 173 alunos do 1º ao 5º Ano, 386 alunos do 6º ao 9º ano e 257 alunos do Ensino Médio, totalizando 816 alunos.

entregou pro meu avô, aí eu morava na zona rural, até os 7 anos, aí sem estudar, aí minha mãe dizia, papai tem que levar esse menino pra estudar, porque não pode... E acabou me levando pra cidade, e eu comecei a estudar numa escola particular, dessas, particularzim da palmatória mesmo, né? De reforço, que era chamado reforço, que eles faziam, mas eles chamavam de particular. E lá foi eu aprendi, aprendi a ler e escrever com ela, eu estudei três anos, primeiro, eu estudei o primeiro ano, não primeiro ano Novo Nordeste¹³, primeiro, segundo e terceiro ano do Novo Nordeste, um livrinho assim pequenininho mas alto, ainda me lembro hoje ainda, nessa escola e muita tabuada, muita matemática, e palmatória de vez em quando, eu nunca fui de apanhar muito, porque eu era muito obediente". [...]

Podemos observar nesse relato, que a opção pelas aulas de reforço foi uma maneira de compensar o tempo que fora entendido como *'perdido'* em face da criança não frequentar uma escola antecedente ao ensino primário. Assim, a família busca alternativas que assegurem a escolarização da criança, mesmo em casa.

Achei importante ainda, enfatizar um pouco mais sobre a importância do avô do entrevistado em seu percurso de escolarização, pois além de ser citado como peça-chave nessa trajetória por estimular o neto, também fez inúmeros sacrifícios para que o neto pudesse estudar.

P2: [...] “Lembrança mais antiga que eu lembro, que a vida escolar não necessariamente acadêmica, né, em respeito a aprendizado. O que eu mais me lembro é que eu aprendi a ler fora da escola, porque eu não tinha idade pra estudar, e foi a minha irmã, que também era professora na época, que me ensinou a ler, não escrever de imediato, eu fui ao contrário de muitos alunos, eu primeiro aprendi a ler, pra depois aprender a escrever. Essa é a lembrança mais antiga que tenho, aí vem tudo a memória, os momentos eu deitado no tapete lá, vendo gibi, aí eu lembro que meu pai comprou um evangelho de Mateus em gibi, que na época era muito raro, porções bíblicas em quadrinhos, não sei como ele conseguiu, mas me deu, era minha leitura favorita, eu gostava muito de ler gibi, não pelo conteúdo em si, mas pelo formato da literatura pelo gênero textual. E outra coisa que eu me lembro é que eu não gostava de ir à escola, nos primeiros dias assim de escola porque naquela época não tinha educação infantil, você já entrava com 6 e 7 anos, eu não gostava de ir pra escola, eu lembro que eu fugia, eu lembro muito disso porque quando eu chegava em casa me escondia, lembro que na época o meu pai tinha uma C10, e eu me escondia atrás dela na garagem, pra não ter que voltar pra escola, eu ficava lá até terminar o horário da escola que era perto de casa, quando o sino tocava eu ressurgia por detrás da C10.” [...]

Paralelamente, podemos destacar como os pontos mais importantes deste outro trecho, a afirmação da inexistência de uma creche e o significado da instrução familiar, assim como nos relatos anteriores, para o processo de alfabetização do entrevistado.

¹³ Cartilha Novo Nordeste era usada na década de 1950 a 1960, apenas citações na internet, só que sem muitas informações ou imagens, apenas nas memórias de algumas pessoas.

Ademais, o amor pela leitura existente no entrevistado e estimulado por seu pai, que sem dúvidas foi um grande facilitador durante o processo, não somente na ação em si, mas como o pai conseguiu fazer com que o filho tivesse esse interesse, ao descobrir um gênero textual que lhe agradava tanto.

Neste primeiro tópico podemos perceber que nas memórias de vida escolar durante a infância desses entrevistados, a questão do exemplo de alguém próximo (professora, familiar, etc), quer fosse homem ou mulher, valorizava a educação formal, a escola, o ler e escrever. Este, foi um dos aspectos essenciais para que eles se interessassem por estudar. Ou seja, a princípio, na infância a questão não é o sexo e/ou gênero do cuidador, mas o cuidado que ele é capaz de dispensar para a criança, o exemplo e o modelo que o adulto pode ocupar na vida desse sujeito.

Já na vida escolar, ainda que se parta da constatação de que a escola é um espaço majoritariamente feminino, quem mais valoriza esse aspecto de que os professores de crianças devem ser mulheres são os próprios adultos da escola (pais e docentes, etc), pois para a criança (se considerarmos as memórias desses entrevistados enquanto crianças que um dia foram) o que é retido pela memória é o cuidado com que foram tratadas por esse ou aquele professor/a, o fato de alguém se importar com eles, independente de ser homem ou mulher.

Independente do quão cedo (ou não) começaram os estudos e independente dos fatores externos, podemos observar que mesmo sem a creche os entrevistados foram alfabetizados, percorreram um caminho tortuoso na educação, mas, sabemos o destino, sabemos que alcançaram uma formação em nível de graduação e atualmente são profissionais, que tiveram experiências como os pedagogos.

Segundo eixo – o primeiro contato com um professor do sexo masculino

Neste eixo procuramos identificar se este contato já nos anos iniciais serviria para influenciar em uma futura tomada de decisão profissional, buscamos inferir o impacto causado pelo contato com um professor do sexo masculino neste momento em que os processos de amadurecimento dos alunos meninos, na perspectiva da necessidade de estabelecer conexões de identificação e modelos de comportamento para além do espaço doméstico.

Ou seja, enquanto entrevistados do sexo masculino, enquanto alunos meninos/homens era importante para eles encontrarem professores com os quais pudessem se identificar também nesse aspecto, de estabelecer comparações, criar admiração, etc. Algo comum no processo de amadurecimento das crianças (tanto meninos, quanto meninas), uma vez que as mesmas precisam no processo de construção de suas identidades se ancorarem em pessoas mais velhas, que lhes sirvam de modelo de comportamento. Isso ocorre com os pais, mas também com outras figuras de autoridade, como por exemplo, professores.

Neste eixo podemos observar que dentre os três professores entrevistados, somente um teve contato com um professor do sexo masculino no Fundamental¹⁴ o que para esse professor foi um divisor de águas, vejamos:

P¹: “Eu lembro de um professor chamado Neto, ele foi um cara que me apoiou muito, eu no segundo ano do ensino fundamental, anos iniciais. Foi ele me ajudou muito assim, eu via ele como um professor moderno, contemporâneo, como de agora, ele era assim, já, naquele tempo, naquela época, ele já era... ele já tinha isso, esse perfil, que eu tinha acabado de sair de uma escola particular da palmatória, aí quando chego encontro um cara daquele ali, no 2º ano, né, que foi totalmente diferente, foi um choque de bondade. Nós jogava futebol, tinha quadrinha, ele era muito esportista, e nos brincava nas recreações, ele dava umas aulas de matemática muito boa, de língua portuguesa, de ciências, eu me lembro assim, de muita... ainda hoje ele trabalha no Maranhão, e aí a gente conversa de vez em quando, ele lembra muito de mim, sabe que eu sou professor”.

O primeiro contato com um professor homem teve um impacto enorme para o entrevistado, menos pelo fato de ser um professor do sexo masculino e mais, pelo modo de exercer a docência, a característica do “choque de bondade”. Assim, a influência causada por este contato foi tão gratificante e transformadora que o influência há mais de 30 anos.

P²: [...] Eu fui ter contato com professor homem já no ginásio, na quinta série, eu lembro da pessoa, mas não lembro do nome, ele era professor de matemática, pensa num cara, era o cara, bicho, era bem jovem, eu admirava muito ele, muito mesmo porque eu me via um pouco nele, ele tinha a estrutura física que eu tinha, alto e magro e ele era muito inteligente, a gente acha inteligente porque assim o cara ensinava matemática e a gente conseguia entender, a gente coloca o cara lá no pedestal. Eu lembro

¹⁴ Nesse período usava-se a nomenclatura de Fundamental, para as turmas de 1º a 4º Série. E Fundamental Dois, para as turmas de 5º a 8º Série. Só que com a Lei 11274/2006 mudou-se o Ensino Fundamental de 8 para 9 anos, e Resolução CNE/CEB nº 3, de 3 de agosto de 2005 mudou a nomenclatura para Primeiro Ciclo os três anos iniciais, Segundo Ciclo o quarto e quinto ano e Terceiro Ciclo para o período que vai do sexto ao nono ano, configurando o novo Ensino Fundamental.

que ele era mineiro, isso já foi aqui no Pará, porque nós mudamos, a primeira vez que viemos todos foi em 1996/1994. Eu lembro que ele era mineiro, tinha o rosto com muitas espinhas, aquela acne bem forte mesmo, e ele não ria, não conversava com ninguém, o cara dava aula, véi, ele dava aula, não tinha esse negócio de, naquela época não tinha esse negócio de relações interpessoais entre professor e aluno, o cara dava aula, ele chegava lá todo mundo calava a boca, ninguém dava um pio na aula dele.

Para este entrevistado, o primeiro contato com o professor homem se deu em momento diferente do anterior (levamos em consideração que ambos começaram a estudar com sete anos, o sujeito P¹ teve seu primeiro contato com oito anos, ou seja, no segundo ano; diferente de P² que só foi ter o primeiro contato com um professor homem, aos onze anos, já quinta série).

Observamos neste caso, que em determinado momento a figura desse professor se tornou um espelho e a admiração era tão grande que o mesmo se tornou um exemplo a ser seguido, tanto de uma maneira física, quanto emocional, como intelectual.

P³: “No fundamental um não, não tive contato com professor do sexo masculino, só do fundamental dois em diante, ou seja, quinta à oitava série. Aí foi só professora, de primeira à quarta série só professora mesmo, não tinha homem, nesse ambiente era muito raro, ainda é, mas naquela época era mais. Aí foi isso, lá consegui conhecer muitos professores que eram muito exigentes, eram bons ensinavam bem, mas eram muito exigentes”.

Podemos observar que para este professor a lembrança do primeiro contato se deu já numa fase de desenvolvimento e amadurecimento diferente dos anteriores, inferimos que suas memórias e lembranças revelavam o contato com uma figura de autoridade que ensinava bem, mas era muito exigente.

Para uma análise mais imparcial das falas, neste momento é importante salientar que a divisão do ensino fundamental era diferente naquela época e por isso falamos que a princípio, apenas um entrevistado teve contato com um professor do sexo masculino no Fundamental, que hoje é chamado de Primeiro Ciclo.

Nas entrevistas observamos o quanto foi importante o contato com esses professores já nos anos iniciais e o quanto impactou a perspectiva de educação dessas crianças/entrevistados; o quanto esses encontros influenciaram seus futuros e o enorme impacto positivo causado por esses docentes, ao ponto de usarem expressões como “choque de bondade” ou ainda, as palavras de um entrevistado

que afirmou que somente pelo fato de o professor ensinar e ele aprender já era motivo de o “colocar num pedestal”.

Terceiro eixo – a escolha pela profissão docente

Neste eixo buscamos especificar o momento da tomada de decisão pela docência. Salientamos os aspectos individuais relacionados à escolha pela profissão docente, assim como as referências usadas para reforçar ou até mesmo endossar essa decisão.

Com base nas respostas, é possível afirmar que um dos entrevistados ingressou na área da educação/docência através de uma mudança de foco, pouco antes de realmente ter que decidir sua profissão. Outro entrevistado ingressou por admiração, pois viu que havia beleza em ser professor; e o terceiro, por pura curiosidade de cientista. Os três relatos a seguir, explicarão melhor as escolhas, pois são palavras ditas pelos próprios colaboradores da pesquisa.

P³: “Eu queria fazer matemática, sempre fui muito bom em matemática, gostava de ler e tudo, a matemática, física, eu era muito bom. Quando eu tava no ensino médio, eu passei os 3 anos me preparando pra fazer matemática, e um professor de matemática, por ironia, que foi o Guaraci, ele quem me convenceu a fazer pedagogia. Aí ele, começou a no terceiro ano conversar comigo, dizer que eu era muito comunicativo, que eu já tinha uma habilidade de aconselhamento, eu tinha 16 anos e estudava a noite, e boa parte dos meus amigos eram alguns adultos, casados, então muita gente me pedia conselho, e ele percebia que eu tinha facilidade de falar e de aconselhar, e ele disse que o curso de pedagogia tinha muito mais a ver comigo do que o de matemática, ele quem me convenceu a fazer pedagogia. Aí me falou das possibilidades do curso e tal, que era mais amplo que fazer matemática, e eu também me saia bem na área de humanas, aí ele... ele foi fundamental pra mim escolher. Ele me convenceu”

De uma forma ou de outra, percebe-se que este homem seria um docente. O desejo dele já estava na sala de aula, antes mesmo da escolha pessoal pela carreira docente. As motivações internas relacionadas ao desejo de compreender o próximo e mesmo, a autopercepção acerca da habilidade de interação social aliou-se a fatores externos e a influência das palavras sugestivas de um professor próximo.

Assim, ao aproximar-se do momento de decisão o entrevistado optou por uma mudança, saindo de um curso que seria de exatas, onde o professor carrega uma imagem mais “racional” do que emocional, partindo para outra, não só pela

motivação sentimental, como também pela amplitude, as diversas possibilidades profissionais que oferecia.

P1: “Foi, o professor chamado Neto, ele foi um cara que me apoiou muito, eu no segundo ano do ensino fundamental, anos iniciais. Ele me ajudou muito assim, eu via ele como um professor moderno, contemporâneo, como de agora, ele era assim, já, naquele tempo, naquela época. [...] ainda hoje ele trabalha no Maranhão, e aí a gente conversa de vez em quando, ele lembra muito de mim, sabe que eu sou professor. Eu digo que me espelhei muito nele, aí ele fica feliz de saber que eu tive, tenho um pouco de sucesso, na minha vida profissional”.

Nesse ponto, gostaria de fazer dois destaques que são: a prova mais concreta do quão um professor pode influenciar na vida de um aluno, levando-o mesmo que involuntariamente a tomar uma decisão determinante para toda sua vida; além do fato de que é justamente esse vínculo que se mantém para a vida toda, tal qual a própria escolha como reflexo do respeito e da sensação de que está na mesma posição em que o seu ‘herói-professor’.

Isso se explica em virtude de modelos que são seguidos pelos alunos tanto em no ambiente familiar como no escolar. Desse modo, o depoente tem em vista ter alcançado o modelo que almejava e que sobressaiu em sua vida, o do professor.

P2: “Bom, eu fiz... eu fiz, eu cara, eu costumo dizer assim que caí de paraquedas na educação, por que eu fui fazer pedagogia? Eu não fiz pedagogia pra ser professor, viu Israel? Eu fiz pedagogia pra eu continuar meus estudos a respeito de como as pessoas aprendem, porque na psicologia você começa a ver muito a questão emocional, psicológica, fisiológica, e eu diria até um pouco axiomática, num sentido da vivência da pessoa em meio à sociedade, mas pedagogia ela diz como que tu aprende e como que tu aprende tudo, como tu aprende a viver em sociedade, como que tu aprende a buscar uma profissão, a tua sobrevivência, tudo fala tudo. A gente sabe que é muito irrisória, a questão de biologia, da própria sociologia a psicologia que tem dentro dos cursos de pedagogia são muito irrisórias né, só estuda comportamento e é uma forma bem básica de aborda o comportamento, bem básica, mesmo (com ênfase), bem resumida. Então assim, mas a pedagogia ela abre um leque pra gente, porque ela te favorece a atuar junto com crianças que estão na idade do aprendizado, a gente sabe que a criança não aprende só na escola, mas é a idade em que, ainda não entendi porquê a lei determina que seja de tal idade para tal idade, eu remeto essa fala a época que eu fiz, porque hoje tá bem mais avançado, bem mais amplo, a criança já pode entrar na escola com três anos de idade, mas na época que eu estudei era sete, então quer dizer que tu perdia quatro anos porque tu não era capaz de aprender, a grosso modo essa era a idéia, por mais que não fosse difundida, mas era a idéia que se tinha, então assim, o que me trouxe para essa área foi isso, ai quando eu pensei assim o professor tem um ganho relativamente melhor do que algumas graduações, isso é um fato, ele não ganha tão bem, mas não ganha tão mal, é um ganho médio que dá pra se manter. Então pensei assim vou usar a educação para ser meu trampolim para passos mais

futuros mestrado, doutorado, para pesquisa científica, porque na verdade o que eu sempre quis, desde o princípio, foi pesquisa científica, eu não quis ser psicólogo pra ajudar pessoas a se encontrarem, talvez se tivesse sido hoje eu não teria sofrido tanto, mas eu falo pessoalmente, porque eu trato de síndrome do pânico, desde que meu pai faleceu é crise atrás de crise depois que o meu pai morreu, faço terapia. Aí cara só que o caminho é muito árduo, a gente pensa vou chegar ao doutorado, mas até chegar lá. Aí olha eu fiz o mestrado em ciência da educação, aí agora eu voltei, fiz um postulado para fazer doutorado também em ciência da educação e desenvolvimento humano que é um pouquinho mais do que desenvolvimento cognitivo, não consegui ser aprovado, ficou faltando um pouco, mas faltou, né não consegui passar, aí o que foi que eu fiz vou estudar agora a parte da neurofisiologia, da neurociência, da neuropsicologia aplicada à educação. Agora eu tô fazendo uma pós, uma especialização em neuropsicopedagogia porque pra mim abrir esse leque porque foi onde eu falhei no postulado de doutorado. Nos próximos dez meses não posso me candidatar, novamente então vou estudar nesse período para chegar lá”.

Diferentemente, para o entrevistado P2, a entrada no curso de pedagogia foi uma seleção secundária, isto é, apenas para somar na sua formação inicial, que era psicologia. Porém, podemos observar no decorrer da entrevista que a paixão pelos aspectos da aprendizagem foi e são alimentados no processo de formação na área de Pedagogia, ou seja, foi na execução da profissão docente que o encanto aumentou, foi no percurso do curso durante os estudos que vislumbrou uma mostra do quanto à profissão é abrangente e o quanto permite aprofundar tanto o autoconhecimento, como os conhecimentos acadêmicos.

Cita a importância da questão financeira, mas, posteriormente retoma a questão do quão necessário é ter um embasamento pedagógico para suas pesquisas científicas.

Apesar das motivações, é possível notar do decorrer das entrevistas que há certo respeito e uma grande admiração pela pedagogia, que independente da forma que a decisão foi tomada, nenhum deles carrega arrependimento na escolha, todos se orgulham da decisão que tomaram, sendo que podemos usar a fala de um deles quando se *diz apaixonado pela profissão*.

Quarto eixo – as vivências em sala de aula

Neste eixo procuramos compreender como são ou foram às vivências em sala de aula em determinados momentos das trajetórias profissionais desses educadores. Tentamos inferir sentimentos, fatos e acontecimentos que causaram

algum tipo de impacto tanto positivo como negativo, como por exemplos: desconfiança, preconceito, medo, aceitação, etc.

Montar um paralelo entre as três entrevistas, nesse eixo, foi um pouco mais difícil, porque somente dois entrevistados foram mais diretos em relação à esse momento em suas carreiras, com a possibilidade de haver focos diferentes para cada situação, onde o primeiro ilustra uma situação importante para esta pesquisa, o segundo, acaba falando um pouco mais sobre a própria formação, enquanto o terceiro, citou sobre o momento em que foi questionado em relação ao presente, mas, em sua resposta, é possível encontrar esse contato com a profissão, e é importante citar porquê da uma nova visão à tudo, já que antes, a escolha fora secundária, sem uma importância maior, enquanto nesta fala, isso é mudado.

P3: “Assim que eu, antes de concluir o curso, eu nunca tinha dado aula, nunca tinha trabalhado em escola, aí a gente formou em dezembro de 2002, aí eu já fiz o concurso de Parauapebas, pra professor de primeira à quarta serie. Aí de cara eu já passei bem colocado, passei em 6º lugar, já fui pra Parauapebas em janeiro, e já comecei a atuar na escola. E nos meus primeiros momentos assim, foi um choque, porque na escola que eu fui, tinha um professor homem de primeira à quarta serie, tinha um professor só, mas ele já era conhecido, então o pessoal já sabia que ele era muito bom. Então os pais, os alunos, a comunidade já aceitava bem. Aí eu fui o segundo professor homem, era uma escola grande, escola com 12 salas, e eu lembro que, a diretora reunia todos os pais e alunos no pátio, dava boas vindas, aí lia a relação dos alunos da turma e dizia "acompanhe o professor fulano de tal", e aí os alunos e os pais acompanhavam o professor pra sala, aí quando leram a lista dos meus alunos, acompanhe o professor Jairo, assim, foi visível na fisionomia de pais e alunos de todo mundo, como se você não tivesse a condições de ensinar a criança, de ensinar não, mas de cuidar. Dois sentimentos que a gente percebia no olhar, a ideia de que o homem não tem condição de cuidar e de ensinar uma criança pequena, e a ideia do assédio, parece que você vai assediar, que você vai aliciar aquelas crianças. A ideia do aliciamento é muito forte, é visível na cabeça. E foi assim, inicialmente foi impactante nesse sentido, os pais procuraram a diretora, dizendo que queriam mudar os alunos de sala, porque não queriam que estudasse com homem, mas assim, ela muito firme, ela disse não, ele é o professor, ele vai ministrar, e vocês vão ter que acostumar. E aí depois eles acostumaram.[...] Foi muito desafiador, porque é diferente, por exemplo, no caso da... primeiro porque eu não tinha experiência ainda. Segundo, diferente das professoras que já eram bem aceitas, tu tem que fazer muito mais pra poder ser reconhecido como um bom profissional. Então eu tinha que estudar mais... Só que assim, usando a inteligência, eu conversava muito com a minha coordenadora, que era a coordenadora do ciclo, e também compartilhava muito a experiência com as outras professoras que já atuavam há mais tempo. O que elas faziam, como faziam, quais eram as ideias, projetos. Fiz assinatura da revista nova escola, fiz uma assinatura na revista super interessante, fiz assinatura da revista mundo jovem, que era muito boa, que é muito boa. E aí nessas formações que eu participava, dentro da escola, que a semed promovia, nessas revistas que eu assinava, tinha muitas experiências, aí eu procurava as experiências bem sucedidas e fazia adaptação. Aí foi fluindo, e foi aí que, o meu esforço foi esforço dobrado, pra dar conta daquilo que as outras

faziam, porque a dúvida de que eu era capaz era muito grande. A desconfiança, né, é uma desconfiança, na realidade a grande desconfiança, o pessoal acha, ou que tu vai aliciar as crianças, tu não vai dar conta de ensinar, porque professor homem é só da quinta série em diante.

Nesta fala, fica evidente que, até mesmo alguém com uma capacidade para ser um ótimo profissional, pela forma que conseguiu a vaga, através de concurso público, acabou passando por uma situação delicada, simplesmente por ser homem. Claro que o mesmo citou a existência de um outro homem que conquistou a confiança de todos, mas não há como negar que, uma professora provavelmente não precisaria provar tal confiança.

No cotidiano, o entrevistado levanta a reflexão de que não vemos uma desconfiança em torno de uma professora do sexo feminino quanto ao saber ou não cuidar de uma criança. Neste sentido, destacamos os sentimentos que permearam o professor, quais fossem: de saber se ele podia ou não ensinar e cuidar das crianças, além do medo coletivo de que as crianças pudessem sofrer assédio por parte do professor.

De acordo com a fala do entrevistado, a desconfiança sobre a competência técnica para ensinar pelo fato de ser homem, estava estampada nos rostos dos pais, alimentada também pela desconfiança de que não saberia 'cuidar' de crianças. Isso deixa implícito que as famílias esperam que na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental, as crianças além de serem "educadas" sejam também "cuidadas", e para muitos este "cuidado" seria uma habilidade específica ou exclusiva de mulheres, visto que desde os primórdios esse era um papel desempenhado pela mãe, não se vendo o pai ou outra figura masculina se posicionando para cuidar das crianças. Por isso, para algumas pessoas essa habilidade seria definida por gênero ou sexo e não pela simples condição de ser humano e sua possibilidade de aprender.

Outro aspecto é a questão do medo do assédio em relação às crianças e isso se relaciona a outra problemática: que é o fato de que o professor homem precisa, por várias vezes, provar em diversos aspectos que é capaz de ser professor e ocupar a posição de professor. Isso de certa forma acaba impactando de maneira negativa o seu trabalho, o fato de ser homem faz com que o professor tenha que estudar mais, sempre buscar mais aperfeiçoamento profissional, por várias vezes gastar mais dinheiro com compras de materiais, ou seja, há um impacto real da

condição de ser homem sobre seu exercício profissional. Isso, inclusive, faz com que os homens desempenhem essas atividades de uma maneira mais impactante que algumas mulheres.

P1: O ingresso foi... Terminei o ensino médio, e a minha cidade muito pequena, não tinha muita opção, mas eu disse hoje pra minha esposa, que não era questão de opção também, eu já tinha vontade também, já tinha vocação, nos meus estágios, eu estagiava, quando eu tava no magistério, porque no magistério a gente estagia, né, fazia meus estágios no quadro de giz lá, aí aconteceu um esquema, botou a mão na parede, no quadro, se ficar a marca, tá nervoso, se não ficar, que era a aula mesmo, era a participação. Aí eu decidi ser professor, já tinha a vocação, mas daí eu decidi mais também pela questão opcional, porque não tinha outra escolha, aí eu abracei as duas causas, a questão do querer com a questão de não ter outra opção. Mas é porque eu já tinha vontade também, porque quando você não quer, mesmo não tem negócio de opção, aí eu iniciei com 21 anos, aí me deram na hora que eu terminei o ensino médio o cara já me chamou, na secretaria do povoado, me chamou, perguntou se eu queria trabalhar no povoado, aí eu disse que sim, aí arrumou contrato pra mim. [...] Onde me criei, terra natal, e onde meus pais moram até hoje, e fui para o interior, chamado Altamira, onde nós morava, aí comecei, peguei dois 4º ano, manhã e tarde, dois 4 série, que hoje é chamado de 5º ano. Aí comecei, e a minha mãe... eu fiquei numa ansiedade tão grande, tão grande, que a minha mãe disse: Meu filho, tu não vai dar conta não. Eu era magrinho, "tu não vai dar conta não", aí eu comecei a estudar, cara, um monte de livro, dentro da barreira, e aquela preocupação, a nossa renda... A minha dificuldade era tão grande que eu não tinha um sapato pra mim começar a trabalhar lá, um amigo meu emprestou o sapato pra mim, um tênis olímpicos, preto, ainda me lembro hoje em dia, um tênis olímpicos preto, e pô, praticamente me deu, né, ele era amigo meu, o pai dele tinha uma condição melhor, ele tinha vários par de sapato, escolheu um dos melhores que tinha lá, e me deu, "leva", fez diferença aquele sapato ali, cheguei no povoado, cheguei todo empolgado, animado, cheguei... Eu cheguei assim... me achando, eu cheguei é... empolgado assim, me sentindo importante, né, sendo professor, o professor chegou, aí botarão na voz da vila (um tipo de rádio local) do povoado, eram 3 professores, eu que chamei eles, eu que convidei eles pra fazer o cadastro lá, e tudo, pra gente poder a lotação, expliquei pra ele, eu que era o líder dele lá, chegamos lá, falei com a diretora, "oh, nós viemos pra fazer a matrícula dos meninos, tal dia a gente volta só pra começar", aí nós chegamos, levamos a fichinha, fizemos a matrícula, e foi um movimento naquela dia, os professores chegaram, pra trabalhar com o 4º, com a 5a série, 6a série, não era nem pra trabalhar com ensino fundamental menor, era com já maior, aí nós começamos lá, aí depois, eu comecei a trabalhar com quarta série, mas a princípio começamos foi a noite, com os meninos, aí matriculei lá o pessoal, fui pra casa, voltei, passei lá mais uns 15 à 20 dia, Aí voltamos já pra iniciar as aulas.

Além de citar sobre a formação (magistério), que naquela época era o que precisava pra dar aula, o entrevistado também fez colocações interessantes a respeito do local onde começou a lecionar e também, podemos observar a dinâmica do que era necessário pra ser professor ou não, ou seja, a prática de colocar a mão no quadro de giz era o que definia se poderia ou não ser professor, haja vista que

através dessa atitude poderiam ser identificados sentimentos, inseguranças e aptidões para a profissão. Mas independente do resultado , em se tratando do entrevistado a decisão definitiva de ser professor já havia sido tomada.

Podemos perceber que o mesmo, não passou pela desconfiança na escola quanto ao saber ensinar e cuidar, pois a cobrança veio da própria casa e, novamente a figura masculina teve que provar que é capa de ensinar; que 'dava conta', que sendo homem era capaz de exercer a profissão tão bem quanto as mulheres. E todas essas expectativas fazem com que ele tenha que estudar mais, comprar mais livros mesmo que ainda fosse recém contratado e não tivesse condições financeiras para isso. Assim, questionamos se é uma questão de sexo ou gênero que se somava a uma questão de preparo para o exercício da docência.

P2: Olha eu trabalhei na educação infantil, eu fui professor da educação infantil por dois anos e oito meses, quando estava fazendo minha dissertação de mestrado que o tema dela foi: O processo de formação do pensamento infantil, o tema dela foi esse , eu escrevi sobre isso. Então como eu ia fazer pra pesquisar se eu não consegui licença pra estudar? Aí eu fui dar aula lá dentro, a minha sala de aula ela foi meu campo de experiência, de pesquisa e tudo mais. E abrindo ainda pras outras turmas, a convivência e tal. Não fui aceito assim como você, na educação infantil de cara, eu fui rejeitado mesmo, eu levei o memorando pro diretor e ele falou "não, aqui não dá, aqui a gente trabalha com mulheres porque são crianças pequenas", eu falei que sabia disso, expliquei pra ele, levei minha carta de apresentação do mestrado, e não, ele não aceitou. Aí voltei na SEMED e falei: é isso que eu quero porque é isso que eu preciso. Então se eu não vou conseguir por essa via aqui, que é normativa que é o trabalho de vocês, vou pela justiça, vocês vão pagar pra ver? Aí não quiseram pagar pra ver e me devolveram de volta, aí o diretor teve que me engolir, e era um homem, e teve que me engolir. Eu fiquei lá por dois anos e nove meses, mas, foi a minha melhor experiência de educação, Israel foi a minha melhor, cara tu ver o menino chega lá pegando o lápis assim (demonstrou pegando torto na caneta) e é muito rápido (estalou os dedos) é num estalo, porque depois de três meses já pegando aqui (pegando corretamente para escrever) tá lá escrevendo "DAVI" mesmo que seja só em bastão, então ele adquire aquele conhecimento, aquele manejo pra fazer aquilo, aí eu me apaixonei, nesse momento me apaixonei, na época eu estava com 26 anos, aí a paixão é uma desgraça até no trabalho, né bicho, porque ela acaba te estagnado, tu fica eu quero é isso aqui, a gente fica assim num clímax contínuo, eu quero ver de novo o menino aprendendo. Hoje eu me vejo e já atuo, porque essa escola aqui, eu já trabalhei em várias escolas aqui em Marabá nesses 10 anos que eu tô aqui no município, e eu vejo assim, que essa escola a gente pode ver o aprendizado e a ensinagem, porque não é só o professor que ensina, a gente se organiza, eu vou pra sala de aula, eu encontro coordenador, isso faz parte, acompanhar o professor, fazer anotações. Tu pega o menino que vem de outras escolas, quinto ano, não sabe ler, às vezes não sabe escrever, ou as vezes é como vitrola, aquilo não tem significado, não consegue extrair nada do texto, a gente procura recuperar esses alunos, pra sair com a bagagem mínima que a lei obriga a desenvolver, então aqui isso é muito palpável, te contagia, você quer fazer parte.

Nesta fala podemos observar a luta que o professor homem enfrenta no espaço escolar e que, por algumas vezes são outros homens que problematizam a questão da presença do homem dentro da sala de aula. Fica evidente que em relação ao ofício de ser professor de criança, é necessário lutar por essa função, por esse lugar identitário, inclusive administrativamente e juridicamente, em razão da não aceitação inicial no espaço da escola, tanto faz que a recusa seja vinda de um gestor homem ou de mulheres.

Verificamos o quanto é importante o exercício desta profissão principalmente os aspectos relacionados ao aprendizado das crianças, isso fica bem especificado quando o entrevistado diz *“a paixão é uma desgraça até no trabalho, né bicho, porque ela acaba te estagnado, tu fica eu quero é isso aqui, a gente fica assim num clímax contínuo, eu quero ver de novo o menino aprendendo”*.

Isso nos mostra o papel que o professor exerce enquanto facilitador da aprendizagem da criança, enquanto sujeito importante para proporcionar as condições para que a criança aprenda e se desenvolva, dentro de uma sala de aula. Isto é importante, pois nos mostra também que o ser professor é uma construção contínua de aprendizagem, que o educador “se torna” professor, ele não “nasce professor” ou é professor pelo simples fato de ser graduado em pedagogia. A identidade docente resulta, desse modo, de um fluxo contínuo de formação.

A princípio temos a visão de um pedagogo que trabalha em conjunto com toda uma equipe docente e gestora, focados no aprendizado da criança e nos problemas desenvolvidos pela carência de uma educação mais completa que antecede a chegada ali, enquanto neste pequeno trecho do final, esse contágio diz respeito sobre a participação como professor, sobre ver, diretamente, o avanço de um aluno, sobre ter significado, fazer parte daquele momento como um educador.

Inferimos nesta fala que é no exercício da docência que o professor constrói sua identidade enquanto tal, sendo a prática cotidiana da sala de aula que possibilita o encantamento com a profissão. Isso não está nos livros teóricos, é no exercício dessa profissão que ele descobre o seu papel social, o seu lugar no mundo e este lugar se estabelece na relação com o aluno e na facilitação do caminho da aprendizagem.

Três situações diferentes, mas uma só questão sobre essas vivências e inserções: reconhecer-se como professor. Claro que, as respostas dificilmente seriam parecidas, considerando o fato de que, são gerações distintas, atuando em

locais diferentes, cada um com sua experiência, relatando-as com base na maneira que sentiram.

Quinto eixo – diferenciação entre homem e mulher como profissional atuante à frente de uma turma.

Neste eixo buscamos explorar um pouco essa noção de dicotomia entre homens e mulheres em relação à docência, mensurar aspectos dessa construção social de que existem diferentes relações e comportamentos por parte de homens e mulheres professores frente uma turma. A questão é perceber que ser um profissional está acima de ser homem ou mulher.

P1: “Existe diferença de atuação? Existe, né! A gente não pode dizer que não existe, porque a forma como é, eu sei que depende da forma como a pessoa foi educada, criada, mas assim, é, geralmente o homem é mais racional, então ele tem a parte emocional, mas ele tem muito a parte racional, então ele acaba sendo mais objetivo, não que não existam mulheres mais objetivas, mas o homem é mais objetivo, é mais direto, se ele tem que dar bronca, ele é firme, mas assim, então pra mim é mais diferente... a diferença principal é a mulher é mais detalhista e o homem é mais objetivo, não significa que seja melhor ou pior, mas a diferença principal de um trabalho eu vejo em relação à isso”

Para ele, a maior diferença é dada pela maneira de sentir o ser emocional de cada um, tendo uma menor, mas importante relação com a forma como o controle de sala é mantido.

Isso nos mostra uma relação de dicotomia entre razão e emoção, entre homens e mulheres, que também é uma construção social.

O fato de fixarem a figura da professora como uma mãe ou a sala de aula como uma extensão de sua casa é algo que percebemos no decorrer da história da educação no Brasil, sendo inclusive uma das razões da não aceitação de homens na educação infantil. Uma vez que acredita-se que a educação de crianças deveria ser conduzida muito mais na esfera dos cuidados físicos e trato afetivo com os alunos, do que propriamente, no âmbito da aprendizagem e da instrução formal.

Contraditoriamente, ao passo que se exige na educação de crianças figuras afetivas e mais emocionais, o relato do entrevistado nos mostra que a aparente condição de racionalidade dos homens em sala de aula, não representa um ponto negativo, mas em diversos aspectos positivos, posto que teria a

capacidade de cuidar e educar de diversas crianças ao mesmo tempo dentro de uma sala de aula, que exige posturas mais enérgicas em diferentes momentos.

Por outro lado, ainda que reconheça que não é o sexo que vai tornar o profissional detalhista ou capacitá-lo para construir um ambiente acolhedor, o entrevistado deixa transparecer que as mulheres se preocupam mais com pequenas questões em sala de aula com questões estéticas, de arrumação; as quais ajudam as crianças a se sentirem mais acolhidas e queridas.

P³: “Eu acho que tá bem equilibrado, eu acho que tá bem equilibrado, porque nós, nós não podemos, o homem pedagogo, ele já é discriminado, ele já tem uma discriminação, mas com tudo, eu vejo que isso já passou também, já não tem mais tanto isso, porque antigamente você via que a mulher ela era professora de língua portuguesa, tinha que ser mulher, de matemática, tinha que ser o homem, hoje não, eu já percebo que tá muito comum o homem professor de língua de portuguesa, muitas mulheres professoras de matemática, de Química, de disciplinas de... que eu antigamente, ninguém nem sonhava que via mulher nesses espaços, né, e hoje em dia vê, então tá bem equilibrado, eu vejo muitas mulheres, muito seguras, muito firme no discurso na sala de aula, eu acho que tá bem equilibrado, eu não vejo desequilíbrio, eu vejo desequilíbrio mesmo é individual, individual mesmo, mas no contexto geral, eu acho que tá bem... bem equilibrado, e a mulher cada vez mais crescendo nesse espaço.”

O terceiro entrevistado comentou sobre a diferenciação entre professores homens e mulheres, buscando esclarecer os avanços da sociedade em relação a como ambos os profissionais são vistos. Ao citar a discriminação, referia-se ao fato de um homem ministrar disciplinas num ambiente antes dominado pelas mulheres, sendo importante ressaltar que, em seu relato, também esclarece que era uma discriminação de ambos os lados, pois a mulher também tinha as limitações com base na crença de que existiam disciplinas em que somente o homem poderia ministrar, no caso as disciplinas da área de exatas.

P²: “Hoje em dia tem várias. Fisiologicamente a gente pode enumerar algumas, também psicologicamente a gente pode fazer essas enumerações, e em relação à cultura social a gente também pode fazer, quando eu passei em salas de aula, eu digo sempre assim "eu luto pra ser um bom professor", as vezes faço até coisa que não devia fazer, não é da minha ossada , mas acabo fazendo. E o que eu percebi, em alguns momentos, o professor consegue um respeito maior. Não é sempre, são algumas vias de regras que ocorrem, isso demonstra que há diferença entre ser homem ou mulher, ser do gênero masculino ou feminino na sala de aula.[...]”

Possivelmente motivado por sua formação inicial, a visão de diferenciação entendida por este, está mais entrelaçada a fatores, fisiológicos, psicológicos, e até culturais.

A primeira e última resposta tiveram semelhanças, já que ambos acabam levando a uma interpretação onde o respeito da turma para com quem está à frente, pode variar com base no seu gênero, enquanto o terceiro citou uma luta de prevalência, motivada por uma divisão entre disciplinas. Podemos ver que a questão mais importante é provar que ser um bom profissional. Indiferente de sexo, ou seja, a questão de ser um profissional estaria acima de ser homem ou mulher.

Sexto eixo - aceitação por parte de pais e da direção da escola

Neste eixo procuramos expor como se deu o processo de aceitação de cada professor nesse ambiente de embates históricos, os enfrentamentos, as lutas e as histórias de superação e aceitação de cada profissional. Buscamos mostrar que homens também conseguem cuidar e educar, que os mesmos conseguem quando permitido desempenhar um papel primordial no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e que em certos momentos chegam a desempenhar a função melhor que algumas mulheres.

P1: “É, tem alguns pais que ainda são bem tradicionais, aí eles vê por esse lado, mas a maioria não vê mais disso não, eu acho que tá bem amplo, tá bem igual, não considero que tenha essa diferença não, pode ser que lá na creche, nas séries iniciais, ainda tenha essa questão, pelo fato de talvez não existir uma pessoa pra cuidar das crianças lá no Jardim 1, ou até mesmo antes na creche, aí precisa -se de uma mulher, porque acha que a mulher tem mais esse cuidado, mais esse carinho, esse apego de lidar com a criança, acha que a mulher tá mais preparada, e na verdade a gente percebe que tá mesmo, mas hoje quando o professor se prepara, quando ele termina o curso, que ele forma, que ele, as vezes que ele faz um concurso, que ele recebe toda uma estrutura de exame, de tudo, ele vai estar preparado, igualmente a mulher também, igual qualquer pessoa, então não vejo por esse lado não, acho que todos...”

Destacamos nesta fala, a importância da aceitação do professor homem dentro da sala de aula, desfazendo a imagem que a mulher está mais preparada para exercer essa profissão tendo em vista que agora, ambos passam pela mesma formação sem distinção de cor, raça, sexo ou religião. Até certo ponto todos passam

pelo mesmo processo, após a conclusão do curso, a opção por continuar se capacitando e profissionalizando é individual.

P²: “Sim, ele cria, o pai, porquê, porque assim, quando o professor é homem, os pais se sentem...não sei se é esse o termo, mas vou usar. Eles se sentem intimidados, parece que o homem ele ainda exerce essa influência simplesmente pelo fato de ser homem, parece que aquele aspecto sorridente da mulher nesse sentido não contribui muito, algumas vezes, o que é que a gente percebe em escolas que eu trabalhei, quando a mulher é mais fechada ela é mais turrona, ela consegue uma assistência maior dos pais, auxílio dos pais. Mas eu acredito que a diferença seja mais cultural, a própria criança, começa do comportamento das próprias crenças, se vê as vezes uma professora fala com um aluno, e hoje, em função desse desfacelamento familiar, dessa estrutura, dessa precariedade que as famílias tem enfrentado, as crianças, os adolescentes não tem mais o temor pela mãe, então quando tem um homem na jogada parece que as coisas funcionam um pouco melhor, mas só um pouco.”

Para este professor a figura masculina de dentro da sala de aula, não pode substituir a de dentro da família, só que como o modelo de família foi modificado as crianças não tem outra opção em que se espelhar. É uma construção histórica relacionar a figura forte e imponente do homem, que independente do local exerceria um respeito maior que a da mulher.

P³: “Não, eu não tive um diretor que evitou colocar não, mas isso foi uma experiência que eu tive, nas escolas que eu trabalhei que eu trabalhei as séries iniciais, os diretores não apresentaram nenhum tipo de receio ou de... de... de rejeição, esse preconceito é mais inicial, daqui a pouco os meninos estavam lendo, escrevendo, aí os pais estavam felizes, final do ano normalmente tinha sempre um relato dos pais afirmando: olha, quando eu vi que meu filho ia com um professor fiquei com medo, mas hoje eu sei que... é tanto que, dessas turmas que era de repetentes, os pais chorando porque nem eu lia, nem o menino conseguia ler aqueles garranchos, e hoje ele escreve, entendo, ele entende, ele tá lendo, aí é lógico né, os pais que passam pela experiência com o professor, com o homem, depois eles começam a compartilhar com os outros pais, não, não se preocupa não, é igual à professora, só que lógico, eu assim como o João, que era o outro professor lá da escola que eu trabalhei, a gente tem aquela, Têm menos aquela ideia de que a mulher... a mulher tem muito aquela tendência de tratar como se fosse filho mesmo, né, e aí o homem ele trata com cuidado, tudo, mas ele trata como uma forma mais profissional, como aluno, mas das diretoras, eu nunca tive né, não sei se outras pessoas passaram por isso”.

Como podemos observar nas partes em destaque das entrevistas, os três entrevistados acreditam que em alguns casos exista certa tradicionalidade que impede a aceitação de imediato da figura do professor do sexo masculino. Todavia, com o desenrolar das atividades escolares, esta cultura de não aceitação tanto no caso de diretores e professoras como no caso de familiares, vai se modificando,

especialmente, em razão das características da atuação do professor que levam a alguns resultados são melhores, tendo em vista o tratamento citado por um dos entrevistados que diz, *“a mulher tem muito aquela tendência de tratar como se fosse filho mesmo, né, e aí o homem ele trata com cuidado, tudo, mas ele trata como uma forma mais profissional”*.

Nesta citação podemos observar a cultura que é bastante empregada no Brasil que é a associação da educação infantil à maternidade, ou seja, a mulher por um instinto materno trataria o aluno em sala de aula como se fosse seu próprio filho. Já o homem trataria todos mais racionalmente, embora houvessem exceções, sendo mais profissionais que a mulher.

Sétimo eixo – Qual o sentimento quanto a seu papel como professor?

Neste eixo procuramos inferir os sentimentos dos professores quanto ao desempenho de sua profissão. Identificamos sentimentos diversos quanto à dicotomia do tratamento que recebem da sociedade, quando a mesma diz que seu papel é um dos mais importantes na construção de uma sociedade justa, porém, quando chega ao momento de remunerar o trabalho e esforço dos professores mudam o discurso e menosprezam suas ações de combate e enfrentamento para obter melhores condições de trabalho e sobrevivência.

P1: “Eu tô realizado, eu não tô tão realizado porque eu não vou dizer que tá 100% realizado, questões como você bem vivência, questões políticas, as questões de desvalorização desse profissional, pedagogo, não é nem questão de ser... do pedagogo contra a pedagoga, é a questão mesmo do profissional da educação, dos profissionais da educação, eu vejo que tá tendo muita desvalorização, cada dia mais crescendo essa desvalorização, e aí isso desmotiva muito a gente”.

Podemos observar que este professor se sente realizado quanto a sua profissão e desmotivado com a forma que os professores são tratados e como são desvalorizados pela sociedade.

P2: “Profissionalmente, eu tô com 37 anos, né, eu sou mestre, eu me sinto no caminho, não tô realizado, nem decepcionado, tô esperançoso. Em relação à que? Que eu consiga o que imaginei quando tinha 18 anos, fazer a pesquisa, facilitar para o professor. A gente estuda pra atuar, mas pega tanta teoria, que quando chega ao campo da prática, cruza os braços. Eu fiz isso, na minha primeira turma, a gente tava lá seguindo o plano de aula, aí eu passei na frente da sala e falei: que diabo é que eu tô fazendo aqui? A

gente sabe que o professor, por ser uma pessoa, ele quer imprimir na educação uma parte dele, ele quer deixar um legado, ele quer transmitir, mas a gente sabe que o sistema não colabora, pela estrutura funcional, burocrática, é complicado, mas é como falei, me sinto esperançoso, chegar no intento primário, me sinto um pouco insatisfeito em relação ao que ganha, ralando muito, menos do que um político. Em relação à estrutura de trabalho, estou satisfeito parcialmente com a escola que trabalho hoje, porque a gente tem uma equipe de professores muito qualificada, equipe gestora completa, não sabemos de tudo, mas com erros e acertos somos o maior IDEB¹⁵ do município com mais de 150 mil alunos, e consegue ter o melhor índice, então tô satisfeito, sei que se tivesse estrutura melhor, ainda falta muita coisa, mesmo passando por reforma”.

Este professor se sente esperançoso quanto à execução de sua profissão, pela forma que trabalha em equipe e pelos resultados alcançados. Ele não nega a existência de um sistema burocrático que às vezes dificulta o seu trabalho, e que paga mais para um político do que para um professor, o que gera uma insatisfação, mas mesmo assim acredita que dias melhores estão por vir.

P3: “Eu sou realizado, eu só não sou mais realizado, por falta de... acho que pela falta de apoio da família, foi o que... porque quando eu trabalho, eu não miro baixo, sempre quero que todos os alunos aprendam, quero que todos os alunos passem, que entrem na facilidade, e nem sempre consegue que todos façam por fatores externos. E eu só não sou mais realizado por isso, mas em relação ao que eu já fiz, quando eu atuei, é tanto que hoje eu encontro meus alunos aqui, na UNIFESSPA, encontrei vários alunos de Parauapebas que eram da educação básica, do primeiro ciclo, do segundo, do fundamental dois, [...] quando eu vejo esses alunos, quando eu sei que eles foram para o ensino médio, entraram na faculdade, encontro com eles adultos, aí eu me sinto realizado, não plenamente, mas mais realizado do que frustrado”.

Esse professor se sente realizado com o trabalho que já realizou e que se tivesse um maior apoio dos familiares talvez tivesse o sentimento de realização por completo. Por isso, para ele, tanto tempo depois ainda é gratificante encontrar seus alunos trilhando um caminho correto e continuando nos estudos, alguns já na faculdade.

Observamos que cada um dos entrevistados tem um mix de sentimentos, não tendo como definir em virtude das mazelas sofridas pela categoria que

¹⁵ O Ideb é o principal indicador da qualidade da educação básica no Brasil. Para fazer essa medição, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) utiliza uma escala que vai de 0 a 10. O Ideb também é importante por ser condutor de política pública em prol da qualidade da educação. É a ferramenta para acompanhamento das metas de qualidade do PDE para a educação básica. O Plano de Desenvolvimento da Educação estabelece como meta, que em 2022 o Ideb do Brasil seja 6,0 – média que corresponde a um sistema educacional de qualidade comparável a dos países desenvolvidos.

escolheram para atuar, porém, cabe destacar que quanto à relação de desempenho de seu papel educacional, todos se sentem realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores entrevistados representam uma parcela de um grupo de profissionais que atuam no ramo educacional brasileiro que é predominantemente formado por mulheres. São professores homens que ingressaram na vida docente por diversos motivos, contudo são reféns e participantes de uma mesma cultura. São seres sociais dotados de emoção, sonhos, realizações e frustrações. Foram crianças que sonharam e aprenderam a desempenhar o mesmo papel que seus modelos e/ou heróis também professores; tornaram-se jovens e aprenderam o exercício da profissão de acordo com o que seu grupo sociocultural exigia; tornaram-se professores, sofrendo as desconfianças, por vezes preconceito e dúvidas quanto suas capacidades de exercer ou não a profissão almejada.

Inferimos que são homens com trajetórias pessoais que precisam ser reconhecidas em suas histórias individuais, que precisam além de um autoconhecimento, uma necessidade de compreender-se para poder atuar frente a sua profissão de uma forma mais completa, identificando suas conquistas no desempenho de seu papel profissional. Contudo, tais trajetórias vêm acompanhadas de uma profunda reflexão acerca de sua postura frente à sala de aula o seu conhecimento pedagógico. Não se nasce professor, não dá para amar o que faz se não soube aprender o que fazer.

Podemos deduzir, que de acordo com as análises históricas até aqui realizadas, que vários foram os fatores que contribuíram para suas tomadas de decisão enfrentando estereótipos de que a educação de crianças deveria ser conduzida por mulheres. Ou seja, mesmo que a educação infantil fosse vista como uma extensão da educação maternal, de uma atividade que a mulher realizava no lar, sendo a mulher dotada de características pessoais que estereotiparam como mais indicada para trabalhar com crianças, por ser amorosa, carinhosa, paciente. A educação foi, assim, desenvolvida como uma atividade ideal para a mulher exercer, sendo assim a área da educação passou a ser vista como feminina, sendo relacionadas às funções educativas escolares à maternidade.

A docência foi uma das primeiras profissões a ser socialmente aceita pela sociedade para as mulheres, pois foi relacionada com a própria maternidade. Esse processo acentuou o número de mulheres no magistério, sendo esta praticamente a única opção que lhes restava, já que as demais continuavam sendo vedadas a elas

por algum tempo. Associado com o fato da baixa remuneração da docência nas escolas destinadas às camadas populares configurou-se uma característica efetiva de feminização e de desvalorização da docência principalmente na educação básica.

Embora essa visão da mulher possa ser contestada, cultural e economicamente o homem foi durante certo tempo o responsável pelo sustento da família, destinando-se à mulher a criação e a educação dos filhos. Esse estereótipo até hoje persiste de que o homem tem que trabalhar pra sustentar a mulher que por sua vez seria a mais indicada para trabalhar com crianças, especialmente pelas ações educativas estarem relacionadas à higiene da criança, como trocar e dar banho. Podemos afirmar que esta visão estaria ligada as relações de dominação criadas pela sociedade que influencia no comportamento das pessoas e que contribuiu para o afastamento dos homens da educação básica.

Em contrapartida, a LDB¹⁶ e o RCNEI¹⁷ vêm para anular esta corrente de ideais que sinaliza que o homem não serve para trabalhar na Educação Infantil, visto que não mencionam nada relacionado ao gênero do educador, ou ao sexo masculino ou feminino ou até mesmo se tem que ser homem ou mulher. As publicações do MEC se referem apenas ao processo de formação profissional para atuar na educação básica que, segundo a LDB deve ter formação superior ou magistério e o RCNEI exige um profissional polivalente, capaz de refletir suas práticas, ensinar e aprender com seus alunos.

A investigação até aqui realizada permitiu analisar os principais elementos históricos e sociais que ocasionaram e permitiram que as mulheres fossem inseridas na carreira docente e alguns fatores como a desconfiança, o aliciamento das crianças pequenas, o baixo prestígio social uma descrença na capacidade técnica dos homens em cuidar e educar uma criança, aliada a uma baixa remuneração e um preconceito histórico, que são enfrentados pelos homens que pleiteiam permanecer nessa profissão, sofrem diariamente, esses fatores acabam contribuindo para uma feminização da profissão docente na educação básica no Brasil.

Mediante a realização desse estudo, constatamos o quanto os homens lutaram e lutam para serem aceitos nesse ambiente profissional notamos existência

¹⁶ Lei de Diretrizes e Bases da Educação

¹⁷ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

de uma cultura muito forte de que a educação básica para muitos ainda é coisa de mulher, observamos o enfiamento a esse estereótipo. O olhar desses homens nos leva a refletir sobre o porquê da desconfiança com a capacidade técnica pedagógica dos mesmos ou será um preconceito maquiado de desconfiança pela comunidade escolar local.

Diante disso ressaltamos que é o interesse do profissional masculino na educação básica, se dá especialmente por se acreditar que homens têm muito a contribuir com o processo educacional de crianças, tanto quanto a mulher o que os coloca em uma posição de igualdade frente ao processo de profissionalização docente, tendo em vista que ambos passam pela mesma formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. ***História oral: a experiência do CPDOC***. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ACCÁCIO, L. O. **Formando o Professor Primário: A escola Normal e o Instituto de Educação do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Liete_Oliveira_Accacio_artigo.pdf> Acessado em 20/09/2020.

ALMEIDA, J. S. de **Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920): Revendo uma Trajetória**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v.76, n.184, p.665-689, set./dez. 1995. Disponível em <<http://rbepold.inep.gov.br/index.php/rbep/article/download/1106/1080>> Acessado em 20/09/2020.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. - (Prismas) Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000028.pdf>> Acessado em 18/01/2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**; tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em <<https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>> Acessado em 18/04/2021.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A formação de professores. Para ensino mútuo no Brasil: O Curso Normal para professores de primeiras letras do Barão De Gérando (1839)**. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/30722/pdf>> Acessado em 20/09/2020.

BRASIL, (1993). **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 05 de outubro de 1988, atualizada pelas Emendas Constitucionais n. 1, de 31 de março de 1992, e n. 2 de 25 de agosto de 1992. 7. ed. São Paulo: Coleção Saraiva de Legislação.

BRASIL, Lei n. 10.172/2001, de 9 de janeiro de 2001. **Dispõe sobre o Plano Nacional de Educação**. Site pesquisado: "<http://www.mec.gov.br>". Acessado em 20/09/2020.

BRASIL, Lei n. 9394/1996, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** promove a descentralização e a autonomia para as escolas e universidades, além de instituir um processo regular de avaliação do ensino. Site pesquisado: "<http://www.mec.gov.br>". Acessado em 20/09/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. Brasília: MEC/SEB, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266> Acessado em 20/06/2020.

BREJO, Janayna Alves. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: EXPECTATIVAS E DESAFIOS**. Revista Paradigmas - Filosofia, Realidade & Arte. CEFS – Centro de Estudos Filosóficos de Santos. Disponível em <<http://paradigmas.com.br/index.php/revista/edicoes-21-a-30/edicao-29/362-formacao-de-professores-de-educacao-infantil-no-brasil-expectativas-e-desafios>> Acessado em 20/04/2020.

CAMPOS, Maria M.; FÜLLGRAF, Jodete e WIGGERS, Verena. **A Qualidade da Educação Infantil Brasileira: Alguns Resultados de Pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006, p. 87-128. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0536127.pdf>> Acessado em 18/10/2020.

CAMPOS, Maria Malta. **Educação infantil**. Disponível em <<https://idis.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Educacao-Infantil.pdf>> Acessado em 18/04/2021.

CHIZZOTTI, Antônio. **PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**. 2ª edição. CORTEZ EDITORA. Disponível em <https://www.academia.edu/38702337/Ant%C3%B4nio_Chizzotti_PESQUISA_EM_CI%C3%80NCIAS_HUMANAS_E_SOCIAIS_2a_edi%C3%A7%C3%A3o_CORTEZ_EDITORA> Acessado em 18/04/2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. v 1. Disponível em <https://tuxdoc.com/download/ferreira-marieta-de-moraes-amado-janaina-usos-e-abusos-da-historia-oral_pdf> Acessado em 20/09/2020.

FONSECA, Sérgio César da. ALMEIDA, Elmir. **A LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA EM SÃO PAULO E A INTERIORIZAÇÃO DE POLÍTICAS PARA A INFÂNCIA**. Revista História da Educação (Online), Porto Alegre v.20 n.49 Maio/ago. 2016 p.123-141. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592016000200123> Acessado em 18/04/2021.

GONÇALVES, Renata. **A HISTÓRIA DAS CRECHES**. DISPONÍVEL EM <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-historia-das-creches.htm>> Acessado em 04/04/2021.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. **“Estudos de gênero no Brasil”**, in: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221. Disponível em

<http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/102_653_EstudosdeGeneronoBrasil1.pdf> Acessado em 18/01/2019

JUNIOR, Paulo Guiraldelli. **Introdução à Educação escola Brasileira: Histórica, Política e Filosofia da Educação.** 2001 Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Introdu-Edu-Bra.pdf> Acessado em 20/09/2020.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. FILHO, Luciano Mendes Faria. VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.) **500 anos de educação no Brasil** 5ª ed. - Belo Horizonte: Autentica, 2011. p 92-134.

LOURO, G. L. **.A História (oral) da Educação: algumas reflexões.** Em Aberto, Brasília, v. IX, n.47, p. 23-28, 1990. Disponível em <<http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/2102/1841/>> Acessado em 20/09/2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf> Acessado em 18/04/2021.

MOURA, Rosana Nadal de Arruda. CARVALHO, Silvana Maura Batista de. **Trajatória de professoras normalistas da década de 50 na Região dos Campos Gerais- PR: Um recorte histórico através da história geral.** Disponível em <<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anpuhpr/anais/ixencontro/comunicacao-individual/SilvanaMBCarvalho2.htm>> Acessado em 20/09/2020.

PENZANI, Renata. **Por que há tão poucos professores homens na Educação Infantil?** Disponível em <<https://lunetas.com.br/homens-na-educacao-infantil/>> Acessado em 20/04/2020.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente, proj. História** , São Paulo (14) fev. 1997. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>> Acessado em 15/01/2021.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte - MG.** Belo Horizonte, 2011. Disponível em <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RamosJ_1.pdf> Acessado em 20/04/2020.

ROMANELLI, Otaiza de **Oliveira. História da educação no Brasil (1930/1973) – 8ª ed.** – Petrópolis : Vozes. 1986. Disponível em <https://www.academia.edu/10417718/Educacao_Otaiza_O_Romanelli_Livro_Historia_da_Educacao_no_Brasil> Acessado em 15/01/2021.

SANTOS, Socorro Maria dos. **A VISÃO DA FAMÍLIA SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL/ CRECHE.** Trabalho de Conclusão do Curso Licenciatura

em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina. 2020. Disponível em <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/9593/A%20VIS%C3%83O%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20SOBRE%20O%20PAPEL%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20CRECHE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acessado em 18/02/2021.

SAVIANI, Demerval. **Formação de Professores: Aspectos Históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**, Revista Brasileira de Educação v. 14 n 40 jan./abr. 2009 143-146. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>> Acessado em 15/01/2021.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. **Escola Normal: O projeto das elites brasileiras para a formação de professores.** Disponível em <<https://docplayer.com.br/2996992-Escola-normal-o-projeto-das-elites-brasileiras-para-a-formacao-de-professores.html>> Acessado em 15/01/2021.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. **Educação escolar na Primeira República: Memória, História e perspectivas de pesquisa.** Disponível em <https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v13n26a03.pdf> Acessado em 15/01/2021.

SILVA, Ângela Cristina Gomes da. **REFLEXÕES SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** São Gonçalo, Rio de Janeiro 2014. Disponível em <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>> Acessado em 20/04/2020.

TELLES, Antonia Marlene Vilaca. **A presença da mulher no contexto da história da educação (1960-1980).** X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/861-0.pdf> Acessado em 18/01/2019.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História e as memórias.* Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados de história. São Paulo, 1997. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>> Acessado em 15/01/2021.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado.* São Paulo: Paz e Terra, 1992. Disponível em <https://www.academia.edu/31924383/A_Voz_do_Passado_Hist%C3%B3ria_Ora_l_Paul_Thompson_pdf> Acessado em 15/04/2021.

TOMBARA, Elomar. ARRIADA, Eduardo. **Civismo e Educação na primeira República – João Simões LO-PES NETO.** História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 279-292, Jan/Abr 2009. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/download/29036/pdf>> Acessado em 15/01/2021.

VIDAL, Diana. Gonçalves. FILHO, Luciano, Mendes de Farias. **Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando de Azevedo.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 31-50, jan./jun. 2002 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11654.pdf>> Acessado em 15/01/2021.

VILLELA, H. de O. S. “O Mestre Escola e a Professora”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (Orgs.) **500 anos de educação no Brasil.** 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 95-134.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

1. Procedimentos iniciais

- Agendamento inicial da visita para entrevista:
- Contato inicial: Leitura do roteiro da entrevista para possíveis intervenções dos entrevistados.
- Objetivo Geral: Obtenção de informações acerca das trajetórias profissionais dos sujeitos entrevistados, analisando aspectos que vão desde a escolha da profissão, passando pelo ingresso na docência, chegando à permanência e consolidação profissional na educação.
- Objetivos específicos: Caracterizar a atuação do professor em um ambiente construído para atuação das professoras, identificar o que levou a escolherem esta profissão, extrair características do seu processo de desenvolvimento como profissionais durante o período que vem atuando na docência, verificando os obstáculos e rejeição de parentes dos alunos e das colegas de trabalho.

2. Procedimentos para coleta de dados:

- Autorização para obtenção de dados (documentos, procedimentos, fotografias, etc)
- Disponibilidade de entrevista filmada ou com o uso de um gravador (autorização para o uso das filmagens e dos relatos fornecidos).
- Roteiro de entrevista semiestruturada.
- Disponibilidade para mais de uma entrevista.
- Verificação da identidade utilizada (nomes verdadeiros ou fictícios)

3. QUESTÕES PARA A ENTREVISTA

3.1. Dados de caracterização do Perfil dos Entrevistados.

- Nome:
- Idade:
- Gênero:
- Estado Civil:
- Tem filhos:
- Formação:
- Tempo de experiência na área da educação como professor:
- Área/Níveis de ensino em que atuou como professor:
- Outras experiências na educação:

3.2. Perguntas para a entrevista.

- Você tem lembranças de sua vida escolar?
- Poderia nos relatar as lembranças mais antigas que possui?
- E as lembranças mais marcantes, que você considera importantes pra você?
- Você tem lembranças específicas de seus professores? Poderia nos relatar?

- Como foi o processo de escolha por essa profissão?
- Como foi o ingresso nessa profissão que você escolheu?
- Como você se vê atuando nessa profissão?
- Se pudesse descrever ou escolher algum sentimento para resumir sua trajetória profissional até o momento, qual seria este? (realizado, desanimado, perdido ou esperançoso).
- Como é atuar como orientador educacional?
- Você acha que existe algum tipo de diferença em como homens e mulheres atuam nessa área profissional? Sim. Poderia explicar melhor?
- Você considera que para os pais, diretores de escolas existem diferença entre o homem e a mulher nessa profissão?
- Durante seu processo de formação você se lembra de alguma prática/atividade/função em que você percebeu que houve diferença no processo de formação entre homens e mulheres?
- Como você descreveria a aceitação do professor homem dentro do ambiente do ensino fundamental (1º e 2º ciclos)?
- Para você, qual é a importância da aceitação do professor dentro desse ambiente? (1º e 2º Ciclos do fundamental)
- Em relação a sua experiência pessoal de trabalho, Você teve dificuldades pra conseguir atuar nessa área?
- Durante os estágios obrigatórios, você teve dificuldades de conseguir estagiar em determinados locais, por ser homem?
- Conhece alguma escola de 1º e 2º Ciclos do fundamental que não aceita homem nessa profissão e nesse nível de atuação? Poderia nos citar esses espaços?
- Na esfera pessoal e de seus relacionamentos fora do trabalho, já ouviu algum comentário sobre você atuar na docência nas séries iniciais? Se sim, que tipo de comentário? Poderia descrever?
- Você considera que de alguma forma existe preconceito sobre a presença de homens na docência nas séries iniciais?
- Você pessoalmente, já sofreu algum tipo de preconceito em função de sua profissão? (por parte de familiares dos alunos e colegas de trabalho)
- Você já vivenciou algum questionamento em relação a sua orientação sexual, baseado no fato de você trabalhar com educação para crianças? Se sim, poderia comentar essa experiência?
- Você considera que há o reconhecimento e a valorização necessária para a profissão que exerce e para sua prática docente?
- Em sua avaliação, o tratamento que recebe como profissional da educação de crianças está condizente com suas expectativas iniciais de trabalho? Explique-nos melhor?
- Você acredita na educação pública?
- Existe algum outro fator ou evento relacionado à sua função que você julga importante e que não me lembrei de abordar? Qual?
- Considerações.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Antônio Carlos Farias Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado para pesquisa intitulada "**ATENÇÃO, HOMENS NA ESCOLA! HISTÓRIA, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO**", desenvolvida por Israel Paulino da Silva Sousa, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (94) 99667-5705 ou e-mail israelpaulino_ipss@hotmail.com. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Dra. Leticia Souto Pantoja.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais são: Descrever a trajetória de formação professor homem e sua inserção em um ambiente profissional quase que exclusivamente feminino.

Minha colaboração se fará formalmente, por meio de entrevista semiestruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela transcrição *ipsis litteris* anexado ao trabalho de conclusão de curso.

Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Marabá-PA, 23 de ABRIL de 2021.

Assinatura do(a) participante:

Antônio Carlos Farias Vieira

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Israel Paulino da Silva Sousa

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Helenilson Ferreira de Araújo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado para pesquisa intitulada "**ATENÇÃO, HOMENS NA ESCOLA! HISTÓRIA, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO**", desenvolvida por Israel Paulino da Silva Sousa, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (94) 99667-5705 ou e-mail israelpaulino_ipss@hotmail.com. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Dra. Leticia Souto Pantoja.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais são: Descrever a trajetória de formação professor homem e sua inserção em um ambiente profissional quase que exclusivamente feminino.

Minha colaboração se fará formalmente, por meio de entrevista semiestruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela transcrição *ipsis litteris* anexado ao trabalho de conclusão de curso.

Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Marabá-PA, 26 de abril de 2021.

Assinatura do(a) participante: Helenilson Ferreira de Araújo

Assinatura do(a) pesquisador(a): Israel Paulino da Silva Sousa

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Jairo Belchior Freitas Oliveira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado para pesquisa intitulada **“ATENÇÃO, HOMENS NA ESCOLA! HISTÓRIA, MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO”**, desenvolvida por Israel Paulino da Silva Sousa, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (94) 99667-5705 ou e-mail israelpaulino_ipss@hotmail.com. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Dra. Leticia Souto Pantoja.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais são: Descrever a trajetória de formação professor homem e sua inserção em um ambiente profissional quase que exclusivamente feminino.

Minha colaboração se fará formalmente, por meio de entrevista semiestruturada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela transcrição *ipsis litteris* anexado ao trabalho de conclusão de curso.

Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Marabá-PA, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do(a) participante: JAIRO BELCHIOR FREITAS OLIVEIRA:57763500263 Assinado de forma digital por JAIRO BELCHIOR FREITAS OLIVEIRA:57763500263
Dados: 2021.04.23 12:04:45 -03'00'

Assinatura do(a) pesquisador(a): ISRAEL PAULINO DA SILVA SOUSA:53101332249 Assinado de forma digital por ISRAEL PAULINO DA SILVA SOUSA:53101332249
Dados: 2021.04.24 23:42:49 -03'00'

APÊNDICE E – Entrevista com Antônio Carlos Farias Vieira

Israel Paulino – o assunto do meu TCC, se deu em torno das dificuldades que eu tive para conseguir estágio, para mim conseguir estágio na creche foi muito difícil.

Antônio Carlos Farias Vieira – foi mesmo?

Israel Paulino – eu passei por quatro creches e as diretoras não aceitavam homens nas creches, elas dizer que não aceitavam homens porque já tinham tido problemas com homens na creche e não aceitava aí eu consegui uma escola que aceitava a diretora aceitou só que ela disse que ia falar com as professoras pra ver com quem poderia ficar, em qual sala que eu poderia estagiar só que nenhuma das professoras aceitaram, aí quando fui pra outra escola aí eu achei uma creche lá no bairro da Paz, aí essa creche no bairro da Paz me abriu as portas, arregaçaram as portas e foi bom que eu não estagiei só numa sala, eu passei em toda a creche todinha foi Jardim I, Jardim II e Alfabetização.

Antônio Carlos Farias Vieira – lá foi bom, teve aceitação né?

Israel Paulino – sim! Um tempo depois o coleio do Sesi Abriu umas vaga para estagiário né, e só os homens se interessaram da sala, os homens da minha sala forma lá, perguntar e saber a respeito do valor do salário e o período pra trabalhar, todos os cinco homens da nossa turma se interessaram e foram lá para querer saber, só que nenhum foi aceito, a mulher até falou agora fala para as meninas que se elas quiserem vim elas podem vim ta, não é só para homens...

Antônio Carlos Farias Vieira – moço que preconceito cara, eu nem sabia que existia isso to sabendo agora essas questões aí da resistência aí de homem essa não aceitação de homem.

Israel Paulino – devido essa não aceitação eu fiquei muito intrigado. Durante as minhas pesquisas encontrei um levantamento básico do IBGE e fui olhar nos Censos de 2010 e 2015 são os mais atuais de 100% dos professores da Educação Infantil 8% ao ano são do sexo masculino...

Antônio Carlos Farias Vieira – 8%?

Israel Paulino – sim. 8% numa escola que tem 10 professores podemos dizer que meio professor é homem, isso na educação infantil na creche. Aí passou o estágio do NEI, veio o estágio Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos. Antes disso fizemos um trabalho de pesquisa de campo sobre o cotidiano do ensino de ciências nas escolas, fomos numa escola que não tinha homem trabalhando, nem na portaria, era uma mulher que ficava como agente de portaria, era uma escola com turmas do primeiro ao quinto ano e no quinto ano já tinha as mocinhas 12 e 13 anos e ainda tinha umas retardatárias de 14 e 15 anos, com isso segundo a diretora, os homens ficavam se engraçando com as meninas, acabou tendo problemas com essas situações e optou por não ter homem na escola.

Antônio Carlos Farias Vieira – será eu acho que não tem isso hoje em dia não, meu Deus que coisa isso é estranho.

Israel Paulino – quando houve a troca de prefeitos eles mudaram as direções de várias escolas e como essa era perto da minha casa fiquei sabendo que tinha mudado a diretora e que ela tinha mudado quase todo o quadro de funcionários da escola, por isso fui investigar se eles aceitariam que um grupo de cinco pessoas estagiassem na escola, sendo quatro homens e uma mulher. Ela aceitou e disse eu não tinha problemas, durante esse estágio tive o primeiro contato com um homem na educação infantil ele dava aula para o 3º ano. E aí tudo isso gerou essa pergunta essa questão no ensino, por exemplo, eu consigo ver que a

formação minha e das outras professoras é a mesma, mais eu a minha orientadora perguntando se teve diferença na formação dos outros professores com mais experiência, para isso vamos fazer uma construção histórica da educação no Brasil como começou lá no período dos Jesuítas no Império.

Antônio Carlos Farias Vieira – lá no começo de tudo.

Israel Paulino – sim. Lá do início até chegarmos em Marabá, mas é muito difícil os dados históricos daqui de Marabá porque 4ure mandou os documentos para Belém pouca coisa tem aqui, mas tem uma aluna que entrevistaram antigas professores aqui e eu peguei o TCC dela para mim para mim respaldar entendeu. E aí eu vou falar como o profissional, o pedagogo professor se sente trabalhando no espaço construído para uma mulher, por que a sala de aula do 1º ao 5º ano foi feito para a mulher da aula e não para o homem.

Antônio Carlos Farias Vieira – do jeito que tinha e tem o preconceito na questão profissional do homem da mulher, da mulher ganhar menos e tal, tudo isso antigamente as mulheres não poder voltar, tudo foi né uma questão muito de machismo, Mas eu também vejo a questão também eu não sei nem se existe essa palavra feminiscismo sei lá da mulher também tá com essas coisas tipo de preconceito com homem na escola de 1º ao 5º. Olha na escola que trabalho só tem eu de homem, eu percebo que muitas vezes sou um pouco, (fez um gesto que pude identificar como, se ele fosse rejeitado) aí eu entro mais porque eu sou meio carrancudo eu entro mesmo assim com alguns questionamentos porque eu sou linha dura mesmo, mas eu percebo elas se fecham um pouco, que assim nem se fecha é que elas não aceita bem.

Israel Paulino – e às vezes sai sem querer ou querendo, você percebe que não tá sendo aceito.

Antônio Carlos Farias Vieira – é as colocações da gente nas reuniões não é bem aceita, mas eu tô sempre colocando as minhas ideias, as vezes tem situações que eu percebo que é uma opinião minha que também não é obrigado aceitar mas que eu vejo também que pode ser boa também e às vezes as pessoas não queriam acatar eu vejo isso tem escola que tem muito isso e você ver essas formações poucos professores poucos homens tem alguns que são “meio menina” aquela questão do homossexual que tem sim algumas situações e os outros que não são, o pessoal querem taxar que são, ah é pedagogo é viado não sei o que. Então tem tudo isso a gente enfrenta tudo isso, agora não já tá muito quebrado.

Israel Paulino – eu tive uma matéria de legislação na faculdade e a professora disse que não existia isso.

Antônio Carlos Farias Vieira – ah não existe? Ah ela falou isso porque nunca trabalhou nas séries iniciais, ela não foi lá para o miudinho lá no começo na base não.

Israel Paulino – eu perguntei isso, se Lea tinha ido pra sala de aula, se tinha ido pelo menos para a coordenação para sentir de perto, não eu terminei minha faculdade aqui e já foi aceito no mestrado e fiz a prova depois já foi professora eu não fui dar aula não sei o que eu não tenho experiência em sala de aula a educação básica, aí eu então vamos fazer assim a senhora fica na legislação que a senhora sabe e deixa o outro lado para quem sabe para quem tem vivência...

Antônio Carlos Farias Vieira – é a prática.

Israel Paulino – porque a senhora não tem, ela disse ah você tá sendo muito ignorante eu retruquei dizendo que ela é que estava sendo com ignorância por tá falando uma coisa que a senhora não sabe...

Antônio Carlos Farias Vieira – é não vivenciou a experiência.

Israel Paulino – falei pra ela olhar quantos homens tinha na sala, pergunta para qualquer um ou a senhora pode fazer uma pesquisa rápida no Google ou Google Acadêmico onde a senhora quiser, faça uma pesquisa pedagogo na educação infantil, quantos artigos a senhora vai encontrar de artigo, artigos depreciativos da figura do homem, outros de são de fortalecimento do trabalho dos homens, tem relatos de gente que sofre, relatos de pais de alunos que batem em professor...

Antônio Carlos Farias Vieira – pais que não aceita a filha deles na escola, pois tem a preocupação da hora de levar a criança no o banheiro tanta coisinha...

Israel Paulino – em creche nem se fala porque você já ouviu falar em creche e você já pensa vai ter que levar minha filha no banheiro...

Antônio Carlos Farias Vieira – vai ter que ir lavar dá banho e porque que o homem não pode também dar o banho.

Israel Paulino – eu tinha um pouco de medo já por isso, pra não ser mal interpretado, aí quando eu fui fazer o meu estágio eu vi que não é função do professor levar as crianças no banheiro...

Antônio Carlos Farias Vieira – não é obrigação dele...

Israel Paulino – na cozinha da tinha três cuidadoras que se revezavam fazendo esse trabalho. Quando precisavam elas ia limpar a professora continuava na sala com os demais alunos.

Antônio Carlos Farias Vieira – o professor é para trabalhar a parte didática o currículo escolar.

Israel Paulino – e tanto é que nesse novo nesse novo concurso o prefeito colocou vaga para cuidador que é só para cuidar do aluno revezando aí ida ao banheiro. Então vamos lá, vou começar o preenchimento, nome?

Antônio Carlos Farias Vieira – Antônio Carlos Farias Vieira.

Israel Paulino – idade?

Antônio Carlos Farias Vieira – 40 anos.

Israel Paulino – gênero?

Antônio Carlos Farias Vieira – masculino.

Israel Paulino – Estado civil?

Antônio Carlos Farias Vieira – Casado.

Israel Paulino – Tem filhos?

Antônio Carlos Farias Vieira – Sim, dois.

Israel Paulino – Formação?

Antônio Carlos Farias Vieira – Pedagogia

Israel Paulino – Fez o magistério?

Antônio Carlos Farias Vieira – sim trabalhei vários anos, porque já habilitava pra dar aula de 1º a 4º série, mais tarde mudou para ano. Assim era ano, mudou pra série, voltou pra ano e os pais ficam doido com esse negócio e agora com o ciclo acaba de piorar, tem professor que não sabe.

Israel Paulino – eu mesmo não sabia me perdi todo na universidade, na prática é que fui me achar e entender as nomenclaturas.

Antônio Carlos Farias Vieira – tem professor graduado com vários anos de atuação na rede e não sabe passar pros pais essas informações.

Israel Paulino – Quanto tempo nesta área de atuação?

Antônio Carlos Farias Vieira – Olha, eu comecei em 96, 1996, agora nesse intervalo eu tive uma parada aí, de uns 3 anos, então vamos subtrair aí... Eu conto 20 anos.

Israel Paulino – Começou em 96, e vai até hoje, parou 3 anos.

Antônio Carlos Farias Vieira – É... parei 3 anos, que eu tive uma dificuldade lá no Maranhão, aí eu parei, desisti e voltei de novo. Eu concursado e tudo.

Israel Paulino – O senhor atuou em todas as áreas de 1° ao 5° ano? De 1° ao 2° ciclo?

Antônio Carlos Farias Vieira – Sim

Israel Paulino – Creche também?

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, não. Tá falando lá nos espaços... no campo, né?

Israel Paulino – **é como professor o senhor atuou em todos os níveis?**

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, só do 1° ao 5° ano mesmo, trabalhei com o 1° ano, com o 3° ano, é trabalhei, então conta no... Que hoje a gente chama de anos iniciais e anos finais do fundamental, não é nem primeiro e segundo seguimento, agora é anos iniciais e anos finais, só que foi pouco tempo, né, nos anos finais. 6° e 7° trabalhava de... Que era quinta série, sexta e sétima, eu trabalhava, essas três turmas com história geografia, que nesse tempo não era ano, era série, aí quarta série finalizava aquela sequência, aí passava para os anos finais, que era quinta, sexta série, sétima série, oitava série.

Israel Paulino – O senhor, na área da educação, trabalhou em outro setor? Gestão, coordenação... ou só como professor?

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, trabalhei com educação física um tempo, esporte na escola, mas na área mesmo, foi só professor.

Israel Paulino – E na sua vida escolar? O senhor tem lembrança da sua vida escolar? Como foi assim?

Antônio Carlos Farias Vieira – tenho tava vendo isso hoje, isso aqui tenho lembrança demais.

Israel Paulino – Pode relatar algumas pra nós?

Antônio Carlos Farias Vieira – Rapaz, eu vou relatar só uns três pontos, tem... Positivos, e também negativos, tem uns negativos. Melhor relatar os positivos, que é mais interessante, que é mais... Gostoso.

Israel Paulino – Os negativos às vezes serve pra correção...

Antônio Carlos Farias Vieira – Serve, eu também gosto de falar dos negativos. É importante

Israel Paulino – Lhe construiu como professor,

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu posso relatar que o apoio muito dos meus avós, na questão, nesse processo, que eles trabalhava... morava na zona rural, até os 7 anos, minha mãe sempre, meu pai morreu, aí minha mãe entregou pro meu avô, aí eu morava na zona rural, até os 7 anos, aí sem estudar, aí minha mãe dizia, papai tem que levar esse menino pra estudar, porque não pode... E acabou me levando pra cidade, e eu comecei a estudar numa escola particular, dessas, particularzim da palmatória mesmo, né? De reforço, que era chamado reforço, que eles faziam, mas eles chamavam de particular. E lá foi eu aprendi, aprendi a ler e escrever com ela, eu estudei três anos, primeiro, eu estudei o primeiro ano, não primeiro ano Novo Nordeste, primeiro, segundo e terceiro ano do Novo Nordeste, um livrinho assim pequenininho mas alto, ainda me lembro hoje ainda, nessa escola e muita tabuada, muita matemática, e palmatória de vez em quando, eu nunca fui de apanhar muito, porque eu era muito obediente.

Israel Paulino – Mas pegou umas pancadas?

Antônio Carlos Farias Vieira – Peguei! Batia também, era um pouco matuto, era assim meio... eu vim da roça.

Israel Paulino – E o aluno batia também no outro ou só o professor quem batia no aluno?

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, o aluno batia, tinha o argumento na sexta feira, se eu acertasse eu te batia, se eu errasse tu me batia.

Israel Paulino – Um contra o outro?

Antônio Carlos Farias Vieira – É, na filinha, se você acertar, vinha de lá pra cá, 5 erraram, o sexto acertou, tu ia bater nos 5. Aí entrava a professora, se tu não batesse, tu apanhava da professora. Então era bem tradicional,

Israel Paulino – Aí batia?

Antônio Carlos Farias Vieira – era tradicional, a palmatória chupava às vezes, na perna ficava a marcona. Uma coisa horrível, mas... Não posso nem dizer que aquilo ali ajudou, né, no crescimento, porque apanhar, não acho que acrescenta em nada. Aí meu avô, que eu acho do positivo nisso, é a questão do meu avô, o meu avô era quem comprava caderno pra mim, cara, eu tava falando ali, é complicado, a gente até se emociona às vezes, quando eu falo nessa parte, meu vô comprava caderno pra mim, lá no interior ele mandava pra mim, quando ia pra receber o aposento dele, aí comprava o caderno, lápis, essas coisinhas, me bancava. Meu avô me bancou, cara, na minha escola, até quando ele morreu. Caderno de poesia, roupa, nós éramos de uma classe bem baixa mesmo. Eu comecei a trabalhar muito cedo, vendendo peixe na rua, bolo, outras coisas, e aí... Mas estudando direto, sandalhasinha havaiana... remendada, não tinha sapato não, eu era um cara pobre mesmo... pobre mesmo assim, que não tinha... baixa renda mesmo.

Israel Paulino – Sei como é.

Antônio Carlos Farias Vieira – E trabalhando, e me esforçando sempre na escola, aí eu saí da escola particular, quando eu saí que fui pra pública, eu cheguei pública, em um ano, eu estudei só um ano na escola particular, mas eu desarmeí bem que já tava lendo, aí quando eu fui pra pública, aí fiz o teste, já tava lendo e tal, aí ela fez o teste comigo, no primeiro ano, se eu avançasse eu já ia pro segundo, aquela provinha que eles fazem, até hoje se faz ainda. Aí eu fiz e passei, aí eu fui logo pro segundo, aí eu não parei mais, aí eu passei pro terceiro, quarto, aí já fiquei retido na oitava série, me envolvi com namoro... me lembro dessas coisas tudinho, eu comecei a namorar, e relaxei um pouco, sentava lá no fundo, hoje eu me lembro da questão de sentar no fundo, aquele negócio lá... até cobro dos meninos hoje em dia, "rapaz, senta mais na frente" e tal, só que mudou muito, né, hoje em dia eu entendo assim, eu mudei muito, quando eu comecei a trabalhar eu ainda tinha um pouco até de tradicionalismo também. E aí eu me lembro muito disso, essas questões assim do tempo que eu estudava que eu avancei muito, tive muito professor, eu me lembro de alguns professores que me ajudou muito, cara, era uma vida muito difícil, tinha... a mãe brigava, me deixava na escola, nós éramos 8 irmãos, só eu e mais uns 3 que tiveram... que se sobressaíram, tem uma aqui que é professora também, outra no Maranhão. A restante tem umas que nem estudaram, ficaram analfabeto mesmo.

Israel Paulino – Então dos 8, os 3...

Antônio Carlos Farias Vieira – É, só 3 que são professores, são todos os 3 pedagogos.

Israel Paulino – Todos os 3 pedagogos concluíram...

Antônio Carlos Farias Vieira – Concluíram! Concluíram depois de mim, depois que eu... Eu sou o mais velho, aí depois eles tiveram um espelho, eu percebi que...

Israel Paulino – Só o senhor de homem?

Antônio Carlos Farias Vieira – Só eu de homem, eram quatro homens e quatro mulheres dos homens só fui eu, os outros não quiseram estudar. Eu enfrentei mesmo assim, por ser o mais velho e sair da zona rural, eu acho que superei alguns obstáculos naquela época, porque eu acho que eu deveria ter sido um dos que, de evadido, e hoje ter... estar por aí, as vezes sem nem assinar o nome, porque tem muita gente, né, então é isso, eu... A minha experiência, até a questão de eu ter iniciado na escola particular, sofrendo o tradicionalismo mesmo.

Israel Paulino – Sobre as suas lembranças, o senhor lembra assim, a mais antiga que teve? De educação?

Antônio Carlos Farias Vieira – essa bem aí... é inicial. Essa aí é inicial.

Israel Paulino – O senhor tava com quantos anos nessa época?

Antônio Carlos Farias Vieira – Tinha 7. Essa é a inicial. Mas teve outras assim no decorrer da vida, história né.

Israel Paulino – E qual a mais marcante que o senhor teve? Pode relatar? O senhor lembra da mais marcante?

Antônio Carlos Farias Vieira – Eita, cara, a mais marcante... pode ser até lá nas séries iniciais?

Israel Paulino – Qualquer série, qualquer etapa...

Antônio Carlos Farias Vieira – Até no nível... universidade...

Israel Paulino – Qualquer uma, que seja mais importante, que possa ter lhe mudado mesmo... se foi nessa época, então é útil até demais né, mas se foi em outra também, sendo na educação... a lembrança mais marcante que o senhor considera assim importante pra você

Antônio Carlos Farias Vieira – Olha, eu considero mais marcante eu no ensino médio, no... no... no terceiro ano, já no magistério, que eu estudava, que eu acho mais marcante é quando eu estudava, que eu tinha que, depois de um dia de trabalho, na olaria fazendo tijolo, que escola particular no ensino médio, aí eu tinha que pagar a mensalidade, as vezes passava o dia fazendo tijolo, e quando eu chegava em casa, pra jantar, aí a janta não tava pronta, ainda não tinha comida, aí eu ia pra escola... tomava banho, aí as... os tijolo, faz tijolo, fica os pé muito cinzento, por causa do barro, da argila, aí eu passava um pouquinho de óleo de cozinha nos pés, aí botava a calça, e a sandaliazinha, estragadinha assim, aí ia pra escola estudar, e ainda pra fechar ainda tinha que vender... rapaz, eu superei... ai tinha que vender o tijolo, pagar minha mensalidade com tijolo, porque eu não conseguia achar nenhum comprador.

Israel Paulino – E lembrança de professor, o senhor tem lembrança de professor?

Antônio Carlos Farias Vieira – De professor? Tem demais, Vish.

Israel Paulino – Que o senhor possa relatar...

Antônio Carlos Farias Vieira – Aí meu deus do céu...

Israel Paulino – Lembrança sempre tem de professor, né, mas e as que pode relatar?

Antônio Carlos Farias Vieira – É...

Israel Paulino – Mas não é do senhor como professor, é do senhor como aluno com algum professor.

Antônio Carlos Farias Vieira – Lembrança de professores, de professor meu, eu tenho... Eu lembro muito assim, de um professor chamado Neto, Neto foi um cara que me apoiou muito, eu no segundo ano.

Israel Paulino – Segundo ano do ensino médio?

Antônio Carlos Farias Vieira – No segundo ano do ensino fundamental, anos iniciais. Esse cara foi bem...

Israel Paulino – Assim que o senhor saiu da escola particular, então?

Antônio Carlos Farias Vieira – Foi, aí ele me ajudou muito assim, eu via ele como um professor moderno, contemporâneo, como de agora, ele era assim, já, naquele tempo, naquela época, ele já era... ele já tinha isso, esse perfil, que eu tinha acabado de sair de uma escola particular da palmatória, aí quando chego encontro um cara daquele ali, no 2º ano, né, que foi totalmente diferente, foi um choque de bondade. Nós jogava futebol, tinha quadrinha, ele era muito esportista, e nos brincava nas recreações, ele dava umas aulas de matemática muito boa, de língua portuguesa, de ciências, eu me lembro assim, de muita... ainda hoje ele trabalha no Maranhão, e aí a gente conversa de vez em quando, ele lembra muito de mim, sabe que eu sou professor. Eu digo que me espelhei muito nele, aí ele fica feliz de saber que eu tive, tenho um pouco de sucesso, na minha vida profissional, então ele pode... ele fica assim muito confiante, porque sabe que a gente tá no caminho certo.

Israel Paulino – Então foi o... ele foi um dos seus, como é que eu posso dizer...

Antônio Carlos Farias Vieira – Propulsor, né, que a gente chama.

Israel Paulino – Ele que lhe ajudou, que foi o inspirador no processo, na escolha.

Antônio Carlos Farias Vieira – Isso! Eu acho que eu posso dizer que ele foi, a princípio um espelho, porque por parte dele eu comecei ver que dá pra mim ser também professor.

Israel Paulino – Então no processo de escolha do professor, ele foi o...

Antônio Carlos Farias Vieira – É, ele foi o cara que... incentivador

Israel Paulino – Hm, entendi. E como foi esse processo de escolha? Que o senhor teve, escolher pra ser professor? O senhor lembra quando "não, eu vou ser professor", já no 2º ano? A gente já pensa um pouquinho, né, bombeiro, policial aquelas profissões...

Antônio Carlos Farias Vieira – Essas questões de querer ser, de querer escolher uma profissão, hoje eu converso com os alunos meus, converso muito, porque não dá pra esperar lá do... você termina o ensino médio pra poder escolher, não, não é. Eu acho que tem que começar é de baixo já, mas também você não tem que ter aquela certeza, você diz que é, aquelas brincadeiras, "tu quer ser o que?", no trabalho, a gente faz as tarefas, "tu quer ser o que?", "eu quero ser médico", maioria dos meninos querem ser médico, quero ser... alguns querem ser policiais, outros querem ser advogados, pouca gente quer ser professor, principalmente hoje em dia. Isso é muito importante esse frisar.

Israel Paulino – Os do residência querem trabalhar no camilo, mas não querem ser professor

Antônio Carlos Farias Vieira – Pois é, ninguém hoje em dia, hoje quando eu vejo alguns alunos falando que quer, "quero ser professor", eu fico surpreso

Israel Paulino – Pouquíssimos

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu pergunto de novo. "É mesmo?", aí eles diz "é", a meninazinha ali diz que quer ser professora, eu digo "Ivaneide¹⁸, tu fica na tua, não diz nada, deixa que ela quer, então vamos lá", se é o que ela quer, então vamos deixar querer, o importante é que a pessoa fazer aquilo que gosta, aquilo que quer. Independente de questões salariais, as questões salariais a gente ver depois.

Israel Paulino – E o ingresso, como foi?

Antônio Carlos Farias Vieira – O ingresso foi... terminei o ensino médio, e a minha cidade muito pequena, não tinha muita opção, mas eu disse hoje pra minha esposa, que não era questão de opção também, eu já tinha vontade também, já tinha vocação, nos meus estágios, eu estagiava, quando eu tava no magistério, porque no magistério a gente estagia, né, fazia meus estágios no quadro de giz lá, aí aconteceu um esquema, botou a mão na parede, no quadro, se ficar a marca, tá nervoso, se não ficar, que era a aula mesmo, era a participação. Aí eu decidi ser professor, já tinha a vocação, mas daí eu decidi mais também pela questão opcional, porque não tinha outra escolha, aí eu abracei as duas causas, a questão do querer com a questão de não ter outra opção. Mas é porque eu já tinha vontade também, porque quando você não quer, mesmo não tem negócio de opção, aí eu iniciei com 21 anos, aí me deram, na hora que eu terminei o ensino médio o cara já me chamou, na secretaria do povoado, me chamou, perguntou se eu queria trabalhar no povoado, aí eu disse que sim, aí arrumou contrato pra mim

Israel Paulino – Isso lá na... morava aonde nessa época?

Antônio Carlos Farias Vieira – Morava na cidade de Alto Alegre do Pindaré, Maranhão.

Israel Paulino – O senhor é de lá mesmo?

Antônio Carlos Farias Vieira – Sou, sou de lá, nascido lá mesmo. Onde me criei, terra natal, e onde meus pais moram até hoje, e fui para o interior, chamado altamira, onde nós morava, aí comecei, peguei dois 4º ano, manhã e tarde, dois 4 série, que hoje é chamado de 5º ano. Aí comecei, e a minha mãe... eu fiquei numa ansiedade tão grande, tão grande, que a minha mãe disse: Meu filho, tu não vai dar conta não. Eu era magrinho, "tu não vai dar conta não", aí eu comecei a estudar, cara, um monte de livro, dentro da barreira, e aquela preocupação, a nossa renda... A minha dificuldade era tão grande que eu não tinha um sapato pra mim começar a trabalhar lá, um amigo meu emprestou o sapato pra mim, um tênis olímpicos, preto, ainda me lembro hoje em dia, um tênis olímpicos preto, e pô, praticamente me deu, né, ele era amigo meu, o pai dele tinha uma condição melhor, ele tinha vários par de sapato, escolheu um dos melhores que tinha lá, e me deu, "leva", fez diferença aquele sapato ali, cheguei no povoado, cheguei todo empolgado, animado, cheguei... Eu cheguei assim... me achando, eu cheguei é... empolgado assim, me sentindo importante, né, sendo professor, o professor chegou, aí botarão na voz da vila¹⁹ do povoado, eram 3 professores, eu que chamei eles, eu que convidei eles pra fazer o cadastro lá, e tudo, pra gente poder a lotação, expliquei pra ele, eu que era o líder dele lá, chegamos lá, falei com a diretora, "oh, nós viemos pra fazer a matrícula dos meninos, tal dia a gente volta só pra começar", aí nós chegamos, levamos a fichinha, fizemos a matrícula, e foi um movimento naquela dia, os professores chegaram, pra trabalhar com o 4º, com a 5º série, 6º série, não era nem pra trabalhar com ensino fundamental menor, era com já maior, aí nós começamos lá, aí depois, eu comecei a trabalhar com 4º série, mas a princípio

¹⁸ Esposa do entrevistado.

¹⁹ Um tipo de rádio local.

começamos foi a noite, com os meninos, aí matriculei lá o pessoal, fui pra casa, voltei, passei lá mais uns 15 à 20 dia, Aí voltamos já pra iniciar as aulas.

Israel Paulino – E hoje, como o senhor se vê atuando hoje?

Antônio Carlos Farias Vieira – Ah, hoje... Já foram tantas conquistas, tantas vilas, tantos lugares, trabalhei muito, muito em zona rural, no Maranhão eu trabalhei muito tempo, esse povoado mesmo, primeiro que eu trabalhei, eu trabalhei 10 anos, aí trabalhei em outros lugares, 1 ano, 6 meses, e vim pra cá já tá com mais de 10 anos também, aqui já foi mais na zona urbana. Mas eu fiz o concurso pra zona rural aqui em Marabá, aí fiz concurso no nível médio, aí fui pra zona rural, depois queria voltar pra zona urbana, por causa da questão familiar, e tava difícil de vim, aí disse que só poderia vim através de permuta, que era troca, aí a lei não tava permitindo vim se não fosse através da permuta, da troca. Até que eu consegui a permuta, vim pra cá, e a mulher que tava aqui foi pra minha vaga na zona rural, aí trocou, agora eu fiquei urbana, e ela rural. e aí hoje eu sempre me mantive a regularidade, nunca tive, é hoje eu me sinto mais empenhado, porque sou mais experiente, tenho mais... amadureci mais, eu não... Eu bebia naquele tempo, hoje eu não fumo mais, sou mais responsável, digamos assim, porque a gente fica mais irresponsável, porque o álcool ele deixa a gente... se perde um pouco em alguns momentos, e aí chegando até a faltar em algum emprego, por causa da questão do cansaço, desgaste, e hoje eu não tenho isso, não tenho problema com questão de falta, se presença, hoje sou super participativo, participo, interajo muito com os meus alunos, as vezes muito brincalhão, mas muito, com muita seriedade e compromisso, eu cobro muito os meninos a questão da seriedade, do compromisso, da dedicação, o respeito, que hoje em dia é muito, muito comum a educação de hoje em dia nós vemos a sala de aula com muita indisciplina, que se você não tiver uma boa firmeza, uma boa segurança, comando de sala, controle, você não consegue trabalhar bem hoje nesse atual momento, você não consegue, isso aqui é uma questão que eu vejo professores colegas meu aí, sofrendo, tento ajudar, e as vezes ele não tem mais domínio, porque não implantou no início, não tem segurança, e aí se você não tem segurança o menino não vai parar, e se ele não para, não consegue absorver nada de informação, porque ele num... com essa nova tecnologia ele não consegue ser mais aquele aluno lá de 10 anos atrás,...

Israel Paulino – Onde o professor era dono de todo saber.

Antônio Carlos Farias Vieira – É... então hoje em dia é assim, você tenta manter uma regularidade de controle de sala pra você simplesmente mediar os conhecimentos, não pra você dizer "para aí" e pronto, travar o menino, é simplesmente pra organizar o processo de discussão, de uma socialização, entre todos, não é só professor, é todos.

Israel Paulino – O seu sentimento hoje, durante toda essa sua trajetória profissional, como é? Como poderia descrever? Pode-se dizer que se sente realizado como professor? Ou desanimado? Ou perdido como professor? Ou mais ou menos?

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu tô realizado, eu não tô tão realizado porque eu não vou dizer que tá 100% realizado, questões como você bem vivência, questões políticas, as questões de desvalorização desse profissional, pedagogo, não é nem questão de ser... do pedagogo contra a pedagoga, é a questão mesmo do profissional da educação, dos profissionais da educação, eu vejo que tá tendo muita desvalorização, cada dia mais crescendo essa desvalorização, e aí isso desmotiva muito a gente, tem vez que eu penso em parar, desistir, seguir uma carreira própria de autônomo, uma coisa, buscar, mas aí a minha esposa me dá

força, "não, vamos continuar, no próximo ano pega só um turno", "vamo tentar vamo outro negócio", mas eu tô aí, ainda tô muito esperançoso, que ainda tem, ainda virão dias melhores, pra gente, pra mim concluir minha carreira até me aposentar, ou pra quem tá vindo, pra quem tá chegando, eu acredito que ainda existe esperança.

Israel Paulino – O senhor acha que tem diferença entre homens e mulheres nessa área de atuação?

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu acho que tá bem equilibrado, eu acho que tá bem equilibrado, porque nós, nós não podemos, o homem pedagogo, ele já é discriminado, ele já tem uma discriminação, mas com tudo, eu vejo que isso já passou também, já não tem mais tanto isso, porque antigamente você via que a mulher ela era professora de língua portuguesa, tinha que ser mulher, de matemática, tinha que ser o homem, hoje não, eu já percebo que tá muito comum o homem professor de língua de portuguesa, muitas mulheres professoras de matemática, de Química, de disciplinas de... que eu antigamente, ninguém nem sonhava que via mulher nesses espaços, né, e hoje em dia vê, então tá bem equilibrado, eu vejo muitas mulheres, muito seguras, muito firme no discurso na sala de aula, eu acho que tá bem equilibrado, eu não vejo desequilíbrio, eu vejo desequilíbrio mesmo é individual, individual mesmo, mas no contexto geral, eu acho que tá bem... bem equilibrado, e a mulher cada vez mais crescendo nesse espaço.

Israel Paulino – Você acha que pro pai, assim, pra mãe, família, tem diferença entre o professor homem e a professora mulher? Pai, diretor, pai do aluno, o senhor acha que ele vê diferença entre o homem e mulher?

Antônio Carlos Farias Vieira – É, tem alguns pais que ainda são bem tradicionais, aí eles vê por esse lado, mas a maioria não vê mais disso não, eu acho que tá bem amplo, tá bem igual, não considero que tenha essa diferença não, pode ser que lá na creche, nas séries iniciais, ainda tenha essa questão, pelo fato de talvez não existir uma pessoa pra cuidar das crianças lá no Jardim 1, ou até mesmo antes na creche, aí precisa -se de uma mulher, porque acha que a mulher tem mais esse cuidado, mais esse carinho, esse apego de lidar com a criança, acha que a mulher tá mais preparada, e na verdade a gente percebe que tá mesmo, mas hoje quando o professor se prepara, quando ele termina o curso, que ele forma, que ele, as vezes que ele faz um concurso, que ele recebe toda uma estrutura de exame, de tudo, ele vai estar preparado, igualmente a mulher também, igual qualquer pessoa, então não vejo por esse lado não, acho que todos...

Israel Paulino – E o seu processo de formação, recorda de alguma prática, de alguma atividade, que o senhor percebeu que houve diferença entre homem e mulher? O senhor lembra assim? No seu processo de formação como professor, na escola, no magistério, o senhor lembra de alguma coisa que aconteceu que dá pra ver que o professor fazia a diferença entre homem e mulher, que isso era mais pra homem, mais pra mulher, como o senhor falou a questão de matéria que existia naquela época, como é que é?

Antônio Carlos Farias Vieira – É, eu já vi diferença já, muita diferença já às vezes no passado, a questão Principalmente assim, as aulas de matemática, na questão também da... só controle da sala de aula, da organização, do respeito, eu acredito que os meninos eles no contexto geral, eles tem uma... eles intimidam mais com o professor, né, no contexto geral, mas isso não é agora, acho que antes era muito mais comum, então questão do homem, do professor, ele tinha um ponto, ele tinha uma liderança maior, um domínio maior, hoje já tá mais, só tá mais igual, mais normal, não vejo tanto... A mulher quanto o homem, isso depende muito de cada

um, não vejo que é... Que é no contexto geral, acho que depende muito de cada pessoa, cada um depois do seu treinamento, da sua preparação.

Israel Paulino – Entendi, aí vai indo. Então a aceitação do professor no ambiente é tranquila para o senhor, o senhor acha que tem essa aceitação? Como o senhor descreve a aceitação? "Não, a aceitação pra mim, é um pouco assim do menino, da menina, ou o menino aceita melhor o homem do que a menina, como é que é?"

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu vejo assim, eu acho que as meninas são mais apegadas com o professor, e os meninos são mais apegados com a professora, eu percebo muito isso, mas isso depende muito, depende muito da gente, é como você vai lidar com esse aluno, como vai lidar com ele, se você tem um carinho, esse carinho, a forma de como você tratar todos, todos vão te tratar igual, tanto o aluno como a aluna, o homem quanto a mulher, vai ter um carinho especial por você, não vai ter diferença, isso vai depender muito de como eu vou me direcionar com o próximo, com aquela criança, porque hoje tá muito comum, assim, você tratar bem, você vai receber o tratamento bem, você tratar mal, hoje em dia os meninos tão te respondendo lá na educação infantil, tratando mal, e se você não tiver cuidado, até o pai vem pra cima de você, o pai vem todo cheio de razão, ele não vai tá lá todo dia perguntando como é que tá aí o andamento do filho, com aquela coerência toda, ele não vai tá chegando desse jeito não, vai chegar e só vai na escola no dia que tiver um problema, que o filho dele apanhou, ou então na reunião de pais que for obrigado chamar ele, geralmente é mais raro você ver os pais na escola na educação infantil, porque tem que deixa todo dia, e buscar, porque a criança ainda não consegue ir só, ainda não consegue né, mas quando chega no primeiro ano em diante, no segundo aninho, aí pronto, o menino já vai sozinho, já volta só, a gente não conhece... As vezes o ano todinho não conhece o pai, só quando tem reunião, as vezes ele não vai, e assim, é complicado as vezes

Israel Paulino – Esse ato de aceitação, como o senhor vê essa importância?

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu vejo que ela tem um resultado muito grande, quando tem aceitação, aí você aproveita você aproveita pra trabalhar melhor, vem à confiança, vem à credibilidade, aí vem à credibilidade dos pais, porque vou te falar, você ser taxado como professor ruim, você começar e já ser taxado como professor ruim como um profissional ruim no começo da sua carreira, pra tu desfazer aquilo dali, olha que as vezes não consegue não, então a gente tem que ter muito cuidado no começo, é a base de tudo, eu fui muito feliz na minha vida, porque eu acredito, eu me considero um professor bem regular.

Israel Paulino – O senhor não teve dificuldade pra entrar na... área

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, não. Logo eu tive muito apoio, aí quando eu cheguei, cheguei muito ansioso, e já foi empolgado, então eu fiquei muito feliz, e aquilo dali ajudou muito.

Israel Paulino – Mas o senhor falou que naquela época dos estágios lá, que o senhor fez, que decidiu ser professor, o senhor se lembra de algum, que o senhor teve algum tipo de preconceito que o senhor sofreu? Teve dificuldade, com o preconceito pra conseguir estágio por ser homem? Ou não? Porque normalmente a gente tem essa dificuldade se você for...

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, não, tinha muitos homens na minha turma, muitos homens no magistério, só que no magistério, ninguém sabia que ia continuar na pedagogia, porque no magistério não tem tanto preconceito ali, pra área da educação, porque você pode fugir pra outra... magistério, você faz o

magistério, você pode fugir pra uma área, pra outra, agora quando você entra na pedagogia, aí você já tá mais, tá mais ingressado, tá mais dentro, aí já é mais um educador mesmo, magistério as vezes nem continua, desiste, faz o ensino médio.

Israel Paulino – É porque a maioria nas escolas, o maior impedimento que a gente encontra, é na escola particular, parece que o filho do rico, ou a família rica, por ter mais conhecido às vezes, eles são mais preconceituosos, preconceituosos quanto a isso. Por exemplo, na creche que eu consegui estágio, foi... era pública, nas creches particular eu não consegui... O professor, o dono dizia que não aceitava, as donas diziam que não aceitavam, porque a família não aceitava, que tinha família de gente importante e desembargador não ia gostar de saber que tinha um estagiário.

Antônio Carlos Farias Vieira – Desembargador pai do aluno? É porque tem....

Israel Paulino – Pai do aluno, saber que...

Antônio Carlos Farias Vieira – Saber que a filha dele tinha um professor.

Israel Paulino – Tinha um professor homem, que se precisar levar no banheiro, como é que fica? Porque é na creche, na particular não tem estagiário, essas coisas, então eu, por isso que eu fiz essa pergunta pro senhor, porque eu sofri esse tipo de preconceito diversas vezes.

Antônio Carlos Farias Vieira – É porque nós somos de gerações bem diferentes

Israel Paulino – É, essa geração já...

Antônio Carlos Farias Vieira – É, tudo aí já era bem... essa que tá vindo, que vem agora ali, já é outra situação, entre tu e ela²⁰, tem outra geração, uma ou duas.

Israel Paulino – O senhor conhece alguma escola do 1º ciclo, que o senhor acha que não aceita homem nessa profissão como professor?

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, conheço nenhuma não. Pode ser que tenha...

Israel Paulino – Aquele escondido?

Antônio Carlos Farias Vieira – Mas conhecer, eu não conheço, pra apontar assim... não.

Israel Paulino – Ah, escola X... é até bom, porque eu conheço.

Antônio Carlos Farias Vieira – Não conheço não, mas, logo que eu não ando assim... Não tô andando pra ver essas questões direitinho, tu que tava rodando, procurando, aí tu consegue mais visualizar isso, no momento em que a pessoa te recebe, do jeito que ela te trata no portão...

Israel Paulino – E na sua esfera de relacionamento, de pessoal, de... por aí, de igreja, de ciclo de amizade, de professor, o senhor já sofreu, já ouviu algum tipo de comentário por atuar na área inicial? Alguém já falou alguma coisa? Tanto pejorativamente, como... como o senhor falou no início, né, sempre associa com homossexualismo, como o senhor falou.

Antônio Carlos Farias Vieira – Já. É... Mas eu...

Israel Paulino – Mas o senhor já ouviu alguma coisa assim?

Antônio Carlos Farias Vieira – Já, mas é muita piadinha.

Israel Paulino – Como é que era as piadinha?

²⁰ Apontou para sua filha que estava brincando, próximo a nos.

Antônio Carlos Farias Vieira – Ah, rapaz, isso é curso de menina, coisa de viado, não sei o que, e tal, essas questões, ah tu anda na Universidade carregando o livro assim²¹, e depois já tá carregando assim de lado, e depois quando sai já tá todo... abraçado com os livros, mas por outro lado também, depois que começa a trabalhar as pessoas, já ouvi muito... graças à Deus, mais elogio do que critica, porque também a gente vai enfrentar crítica, não vai agradar todo mundo, vai ter também aquele grupinho de pais que não gosta do teu trabalho, mas graças à Deus eu tenho tido sorte, porque a maioria gosta, onde eu tenho passado, tenho tido a honra de... tá ali no meio dos melhores, daquela instituição, daquele colégio, eu tenho visto isso, a gente percebe

Israel Paulino – Percebe o preconceito, né?

Antônio Carlos Farias Vieira – É, a gente percebe o preconceito

Israel Paulino – Então o senhor já sofreu?

Antônio Carlos Farias Vieira – Já, aqui trabalhando na educação, principalmente o homem... na verdade tu tá falando do homem mesmo, né? Do papel do professor. Do homem na sociedade da educação dos anos iniciais

Israel Paulino – O homem já é construído pra ser...

Antônio Carlos Farias Vieira – Mais pra frente não tem mais não, já ultrapassa tudo, já briga com o aluno ali, já mata professor, já é outro sistema.

Israel Paulino – Mas o senhor em si, já sofreu, né, algum preconceito.

Antônio Carlos Farias Vieira – Já...

Israel Paulino – É ruim, né. Alguém já questionou a sua orientação sexual por isso?

Antônio Carlos Farias Vieira – De perguntar mesmo, de chegar...

Israel Paulino – É, já que o senhor da aula pra criança, será que o senhor não é homossexual?

Antônio Carlos Farias Vieira – É, já pergunta logo se é viado mesmo, é, "tu é viado, é, cara?", Eu digo não, mas professor é viado? Como eu trabalhei muito na zona rural, tem muito isso na zona rural. Ele não consegue ver de outra forma, só consegue ver numa linha geral, que o professor, na maioria, se for professor é viado. É homossexual. Aquele pessoal bem tradicional mesmo, e aí é onde entra a não aceitação. Quando pega o cara homossexual pra trabalhar com o filho de uma família tradicional, aí vem o embate, deixa o cabelo crescer demais, ou então bota um brinco, e vai pra zona rural, hoje tá bem comum já isso aí, mas no tempo que eu comecei... era bem forte, acho que era arriscado o pai buscar o menino na sala de aula e dizer "não, nunca mais o meu filho vem pra escola não".

Israel Paulino – Professor, o senhor pode falar da nossa valorização agora? Nós como professor, como é que o senhor vê? Somos valorizados... Ou não, pra nossa prática docente? O senhor acha que temos a valorização necessária pra isso? Pra nossa prática docente ser valorizada como professor?

Antônio Carlos Farias Vieira – Não, ainda agora, anteriormente, eu falei, a desvalorização é muito grande, então eu acredito que precisa de políticas públicas de valorização, pro educador, pro professor, porque é muita baixa, é muita rejeição, por parte do governo, né, parte das políticas públicas, em prol da educação, não só do educador, em prol do contexto geral, e acaba sofrendo na ponta, é o professor.

Israel Paulino – O senhor acredita na educação pública?

Antônio Carlos Farias Vieira – Acredito! Meus filhos não estudam em educação... Não sei nem se é porque eu não tenho condição, não sei como é, mas

²¹ Referência a um costume da época.

eu vejo muitos colegas meus, que tem filhos, e tá na escola particular, e ele tá na escola pública, ele tá dizendo que o trabalho dele não é positivo, e eu não, a minha menina estuda na escola pública e vai continuar na escola pública, até... até na faculdade, porque eu vejo muito importante. Então por que na hora da disputa do concurso, por que é que o cara da escola pública entra na frente? Aí é que tá o problema, no critério de desempate, tem muita gente correndo atrás dos critérios de desempate dos concursos, e um dos itens é a escola pública, “tu cursou aonde o ensino médio? A faculdade? Então tu já tá na frente daqueles outro, aí vem outros critérios.

Israel Paulino – Eu também tô correndo atrás do meu.

Antônio Carlos Farias Vieira – Do critério de desempate?

Israel Paulino – Sim, fiz pra técnico previdenciário. Do IPASEMAR²², porque como não ia ser no prazo, eu não ia me formar no prazo, então eu já olhei tudo, como eu vi que eu não ia me formar no prazo, então eu não fiz pra professor, porque na prova de título eu ia ficar, então eu já fiquei mais cabreiro com isso, não, não vou fazer isso não, vou fazer pra outra coisa.

Israel Paulino – O senhor acha que, na sua função assim... alguma coisa que aconteceu com o senhor, que o senhor vivenciou, que o senhor fez, que eu esqueci de perguntar para o senhor, o senhor contaria a questão de alguma coisa assim, que eu não falei, algum assunto assim que eu não entrei

Antônio Carlos Farias Vieira – Considerações finais... alguma coisa?

Israel Paulino – Quase isso. Pode ser

Antônio Carlos Farias Vieira – Mas é alguma coisa que eu acho que ficou faltando, né?

Israel Paulino – Ficou faltando! Com a sua experiência já, pelo que o senhor passou, entendeu?

Antônio Carlos Farias Vieira – Eu acho que teve tava coisa importante, tu perguntou tudo, completou bem, mas , eu vejo que, que precisa ter mais companheirismo na educação, eu quero até parabenizar esse grupo de vocês que tá agora nessa luta, eu já parabenizei uma vez ali na sala, nas formações nossa, parabenizar de novo, porque é muito importante, porque de ver muitos, oh, tem vários homens lá, muitos pedagogos concluindo, e as meninas também, mesmo por ser meninas, mas que estão ali, tendo coragem de encarar o ingresso na educação, de ser professor, porque a desvalorização é muito grande, muito alta, e o cara hoje, enfrentar uma faculdade, enfrentar uma faculdade de pedagogia, tendo várias outras que dá pra ter sucesso na sociedade, então eu acredito que... Tem muita, não é nem falsidade, é falta de companheirismo, na nossa categoria, um não quer mais ajudar o outro, não quer mais... Te ver na escola que ele trabalha, em qualquer escola , a gente vê que existem muitos problemas, muitas briguinhas , divergências, que precisam ser melhoradas, precisam de mais união, a gente vê mesmo nos sindicatos dá categoria, quanto tem. uma reunião, uma assembleia, aparece pouca gente, pra discutir as ações, pra debater.

Israel Paulino – E aí, alguma consideração pra fazer?

Antônio Carlos Farias Vieira – As minhas considerações é agradecer pelo convite, de poder contribuir em alguma coisa, contribuir nesse processo, me sinto honrado de estar participando, e dizer que... desejo muito sucesso, pra esse pessoal, pra vocês que estão entrando agora, pra vocês que tão já nessa luta há um

²² O Ipasemar – Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos do Município de Marabá – é uma autarquia municipal responsável pela gestão do Regime Próprio de Previdência Social (RPPS) de Marabá

bom tempo, digo entrando agora porque tão finalizando já, pra poder entrar... pegar aí suas salas de aula, futuramente, porque com certeza vai deixar, e desejar muito sucesso, porque é muito difícil, mas é muito prazeroso, tem momentos que é gratificante trabalhar com essa meninada, tem hora que a gente... a gente só não desiste porque tem momentos que eles que, é eles quem levantam a gente, tem dia que derrubam, aí no outro dia vem eles e levantam novamente. Aí a gente renova as energias, e está pronto pra uma nova batalha. Então fico feliz de estar participando, porque eu vejo... eu sou muito observador, eu sou muito ligado nessas questões contemporâneas, quero ver sempre as coisas andando certinho, organizado, principalmente na hora da educação, porque quando eu penso na educação, eu penso nela como... eu vejo ela como um pilar de tudo, da saúde, da segurança pública, da infraestrutura, porque se tem uma educação boa, eu acredito que nós não morava... nós não tinha uma infraestrutura pequena, essa própria rua aqui, isso não passa nenhum tipo de educação pro meu filho, pro aluno que passa aqui, o que ele vai dizer lá frente? Quando formos trabalhar o bairro, o que ele vai dizer na sala de aula? Vai falar como na sala de aula? Que o bairro não tem uma quadra de esportes, não tem um posto de saúde, não tem uma escola boa, Não vão dizer, não tem rua pavimentada, não tem água encanada, não tem serviços públicos, que era pra ser básico, não tem, triste mas a gente tem que lutar, não desistir, porque é através da gente que não podemos contribuir pra uma educação melhor, através do pedagogo, ele é o principal sujeito de transformação dessa sociedade. Eu acredito que a minha filha vai ter sucesso, porque ela vai ter os professores, e eu vou estar cobrando, vou cobrar, sou cobrado, vou cobrar também, quando eu ver que não tá avançando bem, eu vou ver se eu não to contribuindo, se não é eu, se é a mãe, se é o professor que não.. ver onde é, vai conversar, se todos os pais conversarem assim, era muito bom, a gente vê aluno ali que não tem um pingão de estrutura familiar, aqueles que tão no reforço, aquele reforço ali, cara, é um espelho pra vocês, que eu nunca tive aquilo na minha vida, vocês estão tendo uma oportunidade de começar, uma criança daquela, acho que na próxima semana, vocês vão pra sala de aula, tá previsto.

Israel Paulino – Em agosto

Antônio Carlos Farias Vieira – Aí já é sala mesmo, estágio regular mesmo, observado.

Israel Paulino – Observado, observar e atuar. Com professor, ajudar o professor em tudo, se ele precisar sair da sala deixar alguém no comando...

Antônio Carlos Farias Vieira – Já pode comandar.

Israel Paulino – Queria agradecer o senhor pela entrevista, foi muito gratificante.

Antônio Carlos Farias Vieira – disponha, precisando de algo mais é só avisar.

APÊNDICE F – Entrevista com Helenilson Ferreira de Araújo

Israel Paulino – no meu TCC eu vou fazer uma construção de como o pedagogo se vê no ambiente de trabalho, mas só que esse ambiente foi feito para uma mulher trabalhar e não para homens. Eu tive muitas dificuldades pra conseguir estágios pelo fato de ser homem e ainda estar em um grupo com mais dois homens tem escolas que não aceitaram a nossa presença, teve um NEI²³ em que a diretora aceitou, põem nenhuma professora aceitou homens nas suas salas de aulas, então não adiantou muito. Porque é uma construção histórica, não é normal ver homens nesse nível da educação.

Helenilson Ferreira de Araújo – É ainda mais quando é com criança é complicado e com crianças menores fica mais complicado ainda.

Israel Paulino – O senhor já passou por isso e sabe como é em escola particular ainda é mais difícil, eu estudei em escolar particular, conheço dono de escola particular, mas nem assim consegui vaga pra estagiar, sempre com a alegação de por se tratar de crianças muito pequenas, isso é uma questão muito antiga, por mais que a sociedade evolua.

Helenilson Ferreira de Araújo – Nessa parte não vai evoluir.

Israel Paulino – Não sei bem o que acontece, mas nessa parte sempre fica batendo na mesma tecla.

Helenilson Ferreira de Araújo – é incrível.

Israel Paulino – Então vai ser assim, temos o roteiro pra seguirmos com algumas perguntas, para desencadear outras perguntas, daí vou anotando só o tempo, para não ter que ficar repetindo suas falas. Quando chegar em casa ouço com atenção e faço uma transcrição fiel do que o senhor falou, lhe envio junto com um termo de consentimento de publicação o senhor vai ler e se quiser alterar algo vou alterar e o senhor vai assinar o termo de publicação da entrevista sem o qual não poderei usar nenhum dado dessa entrevista nem defender o meu TCC, porque essa entrevista vai anexada no meu TCC para que outras pessoas possam continuar minha pesquisa ou através desta surja novas pesquisas.

Helenilson Ferreira de Araújo – entendi.

Israel Paulino – Então vamos começar.

Israel Paulino – Seu nome?

Helenilson Ferreira de Araújo – Helenilson Ferreira de Araújo

Israel Paulino – Idade?

Helenilson Ferreira de Araújo – 37 anos

Israel Paulino – Gênero?

Helenilson Ferreira de Araújo – masculino

Israel Paulino – Estado civil?

Helenilson Ferreira de Araújo – divorciado

Israel Paulino – Filhos?

Helenilson Ferreira de Araújo – Sim, um

Israel Paulino – Formação inicial?

Helenilson Ferreira de Araújo – Técnico em magistério ²⁴que era o ensino normal da época, depois eu fiz psicologia ai depois eu fiz pedagogia como ensino superior.

Israel Paulino – Tempo de experiência?

Helenilson Ferreira de Araújo – 18 anos a idade do meu filho.

²³ Núcleo de Educação da Infância

²⁴ Atual Ensino Médio.

Israel Paulino – O que achou das perguntas?

Helenilson Ferreira de Araújo – Bom, eu acredito que elas atende o teu objetivo, né

Israel Paulino – Mas pode colocar alguma coisa também

Israel Paulino – Atuou do 1º ao 5º ano?

Helenilson Ferreira de Araújo – Atuei em todos os níveis de ensino até hoje só não dei aula em mestrado e doutorado, mas iniciei de primeiro ao quinto ano, depois trabalhei do sexto ao nono, que na época era de quinta a oitava série, aí trabalhei no ensino médio com matérias pedagógicas que naquela época existia ainda, aí misturou tudo, dei aula na Universidade particular, depois fiz mestrado, cheguei a dar aulas na UEPA²⁵ aqui em Marabá, como professor substituto durante dois anos e em especialização numa faculdade particular.

Israel Paulino – Concluiu o mestrado?

Helenilson Ferreira de Araújo – Conclui mestrado em Ciências da Educação

Israel Paulino – Então é mestre

Helenilson Ferreira de Araújo – Estou mestre, mas pretendo ir mais longe.

Israel Paulino – Vai virar doutor?

Helenilson Ferreira de Araújo – Estou pensando

Israel Paulino – Mestre em educação

Helenilson Ferreira de Araújo – Minha titulação é mestre em ciências da educação e ensino cognitivo

Israel Paulino – Aí tá na coordenação agora?

Helenilson Ferreira de Araújo – Tô na coordenação desde 2018, tava licenciado, né, aí retornei pro município, nem tava aqui, tava em Goiás, aí retornei para o município já como coordenador. Trabalhei como diretor interino, só 5 meses, não é muito a minha praia esse negócio de ser diretor de escola.

Israel Paulino – Lembranças da vida escolar, quando começou estudar

Helenilson Ferreira de Araújo – Quando começou estudar... mas essas lembranças remetem à que especificamente?

Israel Paulino – As lembranças que tu tem da tua vida escolar

Helenilson Ferreira de Araújo – As boas e ruins

Israel Paulino – Qualquer uma delas.

Helenilson Ferreira de Araújo – Cara, mais é tanta coisa.

Israel Paulino – Tipo como começou... Porque aí durante a conversa a gente já vai desencadeando outras. Começa nisso, depois já vai para as lembranças mais antigas.

Helenilson Ferreira de Araújo – Lembrança mais antiga que eu lembro, que a vida escolar não necessariamente acadêmica, né, em respeito A aprendizado. O quê eu mais me lembro é que eu aprendi a ler fora da escola, porque eu não tinha idade pra estudar, e foi a minha irmã, que também era professora na época, que me ensinou a ler, não escrever de imediato, fui ao contrário de muitos alunos. Essa é a lembrança mais antiga que tenho, aí vem tudo a memória, eu deitado no tapete lá, lendo gibi, aí eu lembro que meu pai comprou um evangelho de Mateus em gibi, que era muito raro, não sei como ele conseguiu, mas me deu, eu gostava muito de ler gibi, pelo gênero textual. E outra coisa que eu me lembro é que eu não gostava de ir à escola, nos primeiros dias... porque naquela época não tinha educação infantil,

²⁵ Universidade do Estado do Pará

você já entrava com 7 anos, eu lembro que eu fugia, chegava em casa e me escondia, lembro que na época o meu pai tinha uma c10, e eu me escondia atrás dela na garagem, pra não ter que voltar pra escola, que era perto de casa. Agora lembranças dessa época, são muitas. Agora outra que eu tenho que foi a primeira pergunta que fez, essas foram as mais antigas, agora da vida escolar mesmo, eu lembro dos meus professores, da minha primeira professora, que era a Núbia, que eu achava ela muito bonita, que depois que eu parei de fugir, que ainda não era ela, quando eu comecei a estudar ela não tava na escola, acho que tava grávida, mas lembro que quando ela retornou, eu gostava de como ela ensinava porque eu entendia, acho que esse é o algoritmo dos professores, fazer com que as crianças entendam, tem professor que não conseguem, tem professor que ensina mas ninguém aprende, assim como tem professor que conseguem ensinar e o aluno consegue aprender eu luto pra ser um desses. Então aquilo foi começando me cativar.

Israel Paulino – O senhor é da época da palmatória? Passou pela palmatória?

Helenilson Ferreira de Araújo – sim. Na escola tinha a prática, mas eu não consegui levar uma palmatorada não, no dia que era pra ir eu fiquei tão nervoso que tive diarreia, só de nervosismos, ai não fui pra escola, fui salvo pela diarreia, salvo pela rabiola.

Israel Paulino – Tinha professor homem nessa época?

Helenilson Ferreira de Araújo – Não, o diretor era homem

Israel Paulino – Isso era quando?

Helenilson Ferreira de Araújo – 1990, 1989 por aí assim

Israel Paulino – Começou com quantos anos?

Helenilson Ferreira de Araújo – 7 anos. 88, 89, 90, essa tríade, mas ainda tinha palmatória, mas a escola que eu fui era uma escola evangélica de rede conveniada, então não tinha muito, mas tinha lá a prática, agora escolas públicas e católicas, o meu ensino médio, por exemplo, fiz no Colégio Marista, lá tinha palmatória, isso quanto tempo depois?

Israel Paulino – Isso em Goiás?

Helenilson Ferreira de Araújo – Isso em Brasília, e Lá tinha palmatória, foi final da década de 90, e ainda tinha,

Israel Paulino – No centro do Brasil.

Helenilson Ferreira de Araújo – No centro do poder, legislador sobre as normas educacionais e tudo mais é lá onde fica o Conselho Nacional de Educação - CNE, além do Ministério da Educação - MEC e tudo mais.

Israel Paulino – Da Núbia pra frente, o senhor teve contato com professor homem?

Helenilson Ferreira de Araújo – Eu fui ter contato com professor homem já no ginásio, na quinta série, eu lembro da pessoa, mas não lembro do nome, ele era professor de matemática, pensa num cara, era o cara, bicho, era bem jovem, eu admirava muito ele, muito mesmo porque eu me via um pouco nele, ele tinha a estrutura física que eu tinha, alto e magro e ele era muito inteligente, a gente acha inteligente porque assim o cara ensinava matemática e a gente conseguia entender, a gente coloca o cara lá no pedestal. Eu lembro que ele era mineiro, isso já foi aqui no Pará, porque nós mudamos, a primeira vez que viemos todos foi em 1996/1994. Eu lembro que ele era mineiro, tinha o rosto com muitas espinhas, aquela acne bem forte mesmo, e ele não ria, não conversava com ninguém, o cara dava aula, véi, ele dava aula, não tinha esse negócio de, naquela época não tinha esse negócio de

relações interpessoais entre professor e aluno, o cara dava aula, ele chegava lá todo mundo calava a boca, ninguém dava um pio na aula dele.

Israel Paulino – Só na aula dele?

Helenilson Ferreira de Araújo – Na dele e da professora Ester que era de português, o resto era uma zorra mas esse dois não ninguém falava nada.

Israel Paulino – Isso na quinta série?

Helenilson Ferreira de Araújo – Sim, na quinta série.

Israel Paulino – E o processo de escolha pela profissão, como se deu?

Helenilson Ferreira de Araújo – Bom, eu fiz... eu fiz, eu cara, eu costume dizer assim que caí de paraquedas na educação, por que eu fui fazer pedagogia? Eu não fiz pedagogia pra ser professor, viu, Israel? Eu fiz pedagogia pra eu continuar meus estudos a respeito de como as pessoas aprendem, porque na psicologia você começa a ver muito a questão emocional, psicológica, fisiológica, e eu diria até um pouco axiomática, num sentido da vivência da pessoa em meio à sociedade, mas pedagogia ela diz como que tu aprende e como que tu aprende tudo, como tu aprende a viver em sociedade, como que tu aprende a buscar uma profissão, a tua sobrevivência, tudo fala tudo. A gente sabe que é muito irrisória, a questão de biologia, da própria sociologia a psicologia que tem dentro dos cursos de pedagogia são coisas muito irrisórias né,

Israel Paulino – É só estuda comportamento

Helenilson Ferreira de Araújo – Sim, só o comportamento e é uma forma bem básica de aborda o comportamento, bem básica, mesmo (com ênfase), bem resumida. Então assim, mas a pedagogia ela abre um leque pra gente, porque ela te favorece a atuar junto com crianças que estão na idade do aprendizado, a gente sabe que a criança não aprende só na escola, mas é a idade em que, ainda não entendi porquê a lei determina que seja de tal idade para tal idade, eu remeto essa fala a época que eu fiz, porque hoje tá bem mais avançado, bem mais amplo, a criança já pode entrar na escola com três anos de idade, mas na época que eu estudei era sete, então quer dizer que tu perdia quatro anos porque tu não era capaz de aprender, a grosso modo essa era a ideia, por mais que não fosse difundida, mas era a ideia que se tinha, então assim, o que me trouxe para essa área foi isso, aí quando eu pensei assim o professor tem um ganho relativamente melhor do que algumas graduações, isso é um fato, ele não ganha tão bem, mas não ganha tão mal, é um ganho médio que dá pra se manter. Então pensei assim vou usar a educação para ser meu trampolim para passos mais futuros mestrado, doutorado, para pesquisa científica, porque na verdade o que eu sempre quis, desde o princípio, foi pesquisa científica, eu não quis ser psicólogo pra ajudar pessoas a se encontrarem, talvez se tivesse sido hoje eu não teria sofrido tanto, mas eu falo pessoalmente, porque eu trato de síndrome do pânico, desde que meu pai faleceu é crise atrás de crise depois que o meu pai morreu, faço terapia. Aí cara só que o caminho é muito árduo, a gente pensa vou chegar ao doutorado, mas até chegar lá. Aí olha eu fiz o mestrado em ciência da educação, aí agora eu voltei, fiz um postulado para fazer doutorado também em ciência da educação e desenvolvimento humano que é um pouquinho mais do que desenvolvimento cognitivo, não consegui ser aprovado, ficou faltando um pouco, mas faltou, né não consegui passar, aí o que foi que eu fiz vou estudar agora a parte da neurofisiologia, da neurociência, da neuropsicologia aplicada à educação. Agora eu tô fazendo uma pós, uma especialização em neuropsicopedagogia porque pra mim abrir esse leque porque foi onde eu falhei no postulado de doutorado. Nos próximos dez meses não posso me candidatar, novamente então vou estudar nesse período para chegar lá.

Israel Paulino – Então usa a profissão de pedagogo pra...

Helenilson Ferreira de Araújo – Como campo de pesquisa

Helenilson Ferreira de Araújo – Olha eu trabalhei na educação infantil, eu fui professor da educação infantil por dois anos e oito meses, quando estava fazendo minha dissertação de mestrado que o tema dela foi: O processo de formação do pensamento infantil, o tema dela foi esse, eu escrevi sobre isso. Então como eu ia fazer pra pesquisar se eu não consegui licença pra estudar? Aí eu fui dar aula lá dentro, a minha sala de aula ela foi meu campo de experiência, de pesquisa e tudo mais. E abrindo ainda pras outras turmas, a convivência e tal. Não fui aceito assim como você, na educação infantil de cara, eu fui rejeitado mesmo, eu levei o memorando pro diretor e ele falou "não, aqui não dá, aqui a gente trabalha com mulheres porque são crianças pequenas", eu falei que sabia disso, expliquei pra ele, levei minha carta de apresentação do mestrado, e não, ele não aceitou.

Israel Paulino – Isso na educação infantil?

Helenilson Ferreira de Araújo – Aí voltei na semed e falei: é isso que eu quero porque é isso que eu preciso. Então se eu não vou conseguir por essa via aqui, que é normativa que é o trabalho de vocês, vou pela justiça, vocês vão pagar pra ver? Aí não quiseram pagar pra ver e me devolveram de volta, aí o diretor teve que me engolir, e era um homem, e teve que me engolir. Eu fiquei lá por dois anos e nove meses, mas, foi a minha melhor experiência de educação, Israel foi a minha melhor, cara tu ver o menino chega lá pegando o lápis assim (demonstrou pegando torto na caneta) e é muito rápido (estalou os dedos) é num estalo, porque depois de três meses já pegando aqui (pegando corretamente para escrever) tá lá escrevendo "DAVI" mesmo que seja só em bastão, então ele adquire aquele conhecimento, aquele manejo pra fazer aquilo, aí eu me apaixonei, nesse momento me apaixonei, na época eu estava com 26 anos, aí a paixão é uma desgraça até no trabalho, né bicho, porque ela acaba te estagnado, tu fica eu quero é isso aqui, a gente fica assim num clímax contínuo, fica se repetindo não eu quero ver de novo o menino aprendendo.

Israel Paulino – Hoje você se vê na área?

Helenilson Ferreira de Araújo – Hoje eu me vejo e já atuo, porque essa escola aqui, eu já trabalhei em várias escolas aqui em Marabá nesses 10 anos que eu tô aqui no município, e eu vejo assim, que essa escola a gente pode ver o aprendizado e a ensinagem, se dando mais efetivamente, porque não é só o professor que ensina, aqui a gente se organiza, eu vou pra sala de aula, eu enquanto coordenador, isso faz parte da minha prática profissional, acompanhar o processo de ensino e lá dentro da sala de aula ver como o professor está trabalhando, fazer anotações, dá uma devolutiva pra ele, o que ele pode melhorar, como pode melhorar, o que enriquecer e como enriquecer e etc. Mas aqui a gente já faz isso, fora da sala de aula com os alunos que tem dificuldades. Então assim tu pega o menino que vem de muitas outras escolas, ele tá no quinto ano e não sabe ler, às vezes sabe ler, mas não sabe escrever, ou às vezes é lê como a vitrola, coloca a visão em cima da linha e sai produzindo som, mas aquilo pra ele não tem nenhum significado, não conhece o significado de termo de ideia, não consegue extrair nada do texto, ele não aprendeu a exegese de forma alguma de texto, então assim a gente procura recuperar esses alunos, pra quando saírem daqui, eles saírem com a bagagem pelo menos mínima do que a lei nos obriga a fazer, que são as habilidades que ele tem que desenvolver, para ir pro sexto ano. Então aqui eu vejo isso é muito palpável e acaba te contagiando que você quer fazer parte e tal, mas é legal.

Israel Paulino – O senhor se sente realizado? Desanimado? Perdido como professor? Ou se sente apaixonado ainda?

Helenilson Ferreira de Araújo – Cara, eu vi essa pergunta e eu sorri, quando vi ela, sabe por quê? Porque essa é uma pergunta muito completa, que exige uma resposta muito minimalista, porque tipo assim, ó, a gente sabe, hoje com tantos estudos tanto avanços, a gente sabe que eu não consigo separar o que é meu profissional, o que é meu pessoal, o que é meu religioso etc. Eu sou essa pessoa eu tenho minha instância emocional, profissional, física, espiritual, pessoal eu sou isso tudo, e a mesma pessoa que eu sou aqui, eu sou na minha casa, eu levo os problemas da minha escola pra minha casa, eu trago problemas da minha casa pra minha escola, da minha vida religiosa, da minha vida amorosa etc. A gente não consegue separar e essa pergunta o quê que ela faz, ela mistura tudo, embola tudo, e quer uma resposta definitiva, só que eu acredito que não tenha resposta definitiva, olha eu dizer que me sinto realizado seria mentira da minha parte, estaria faltando com a verdade, primeiro de tudo porque o ser humano essencialmente, ele não vai se sentir realizado nunca, a gente tá sempre buscando alguma coisa, querendo um pouco mais. Então assim profissionalmente, eu tô com 37 anos, né, eu já sou mestre, eu me sinto no caminho, eu não tô realizado, mas não tô decepcionado, eu tô esperançoso, faltou ai.

Israel Paulino – Vou adicionar essa opção pra ficar mais fácil.

Helenilson Ferreira de Araújo – Eu tô esperançoso em relação a quê? Em relação que eu consiga o que imaginei lá quando eu tinha 18 anos, que foi quando eu comecei a fazer faculdade, que chegar até esse momento de pesquisar sobre o conhecimento a apropriação dele e como facilitar isso pro professor, porque assim você sabe, a gente estuda pedagogia ou qualquer uma habilitação ou licenciatura, pra atuar na ensinagem, mas a gente pega tanta teoria, que quando chega no campo da prática, a gente cruza os braços. Eu fiz isso, dessa forma olha na minha primeira turma, de sala de aula quando eu cheguei lá à gente tava há uma semana seguindo o plano de aula, aquela coisa, a burocracia do sistema, aí eu parei no meio da sala cruzei os braços, naquela época era aquelas carteiras de madeira com apenas um braço, ai olhei assim e falei essa frase mesmo: que diabo é que eu tô fazendo aqui? Desse jeito com essa tonalidade, a gente sabe que o professor, por ser uma pessoa ele quer imprimir na educação uma parte dele, ele quer fazer algo, quer deixar um legado, ele quer transmitir alguma coisa positiva, mas a gente sabe que muitas vezes o sistema não colabora, pela estrutura funcional mesmo, pela estrutura burocrática, é complicado, mas é como falei, me sinto esperançoso, de conseguir chegar no meu intento primário, que era me tornar essa pessoa que vai facilitar o trabalho do professor, não sei quanto tempo vai demorar ou se vai chegar lá, me sinto um pouco insatisfeito em relação ao que a gente ganha, porque a gente rala muito, a gente trabalha muito e ganha menos do que um político, que não estuda nem uma terça parte do que a gente é obrigado a estudar nesse país. Em relação à estrutura de trabalho, estou satisfeito parcialmente com a escola que trabalho hoje, porque a gente tem uma equipe de professores muito compromissada, a gente tem uma equipe gestora completa, a gente não sabe tudo, mas com nossos erros e acertos somos o maior IDEB²⁶ de Marabá, a gente tem o maior índice de desenvolvimento da educação básica de um município que tem uma gama com mais de 150 mil alunos, a gente não tem uma amostra nem de 10% desse número, mas a

²⁶ Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

gente consegue ter o melhor índice, então eu tô satisfeito parcialmente nesse sentido, porque eu sei que se a gente tivesse uma estrutura melhor, a gente passou por uma reforma, mais ainda falta muita coisa, a gente sabe que sempre vai faltar alguma coisa.

Israel Paulino – O senhor acha que tem diferença entre homem e mulher na área?

Helenilson Ferreira de Araújo – Tem, hoje em dia tem. Tem várias. Fisiologicamente a gente pode enumerar algumas, psicologicamente a gente também pode fazer essas enumerações e em relação à cultura social a gente também pode fazer, quando eu passei em salas de aula, eu digo sempre assim eu luto pra ser um bom professor, as vezes faço até coisa que não devia fazer, não é da minha alçada, mas acabo fazendo, pra conseguir fazer um bom trabalho. E o que eu percebi, é que em alguns momentos, o professor ele consegue um respeito maior que as professoras, não é sempre, não é vias de regras são algumas exceções que ocorrem, isso demonstra que há diferença entre ser homem ou mulher, ser do gênero masculino ou feminino dentro da sala de aula. Um exemplo que eu vou te especificar claramente é que a gente sempre tenta trazer a comunidade pra dentro da escola, e isso é uma luta, Israel, de todas as escolas, não só da escola pública, como particular também, então assim, a luta da escola é fazer com que o pai, que já é ocupado, cheio de trabalho, o pai e a mãe, trazer eles pra vida escolar do filho, mesmo que seja pontualmente pra dentro da escola, a gente não tem muito sucesso nisso e isso causa insatisfação pra gente, não conseguir ter pelo menos 90%, acho temos uns 40% de pais que se preocupam, com a educação, com o desenvolvimento do filho, com a questão comportamental e até estrutural da instituição que ele matricula o filho dele. Às vezes o cara vem na escola no dia que matrícula e nas reuniões bimestrais que são quatro reuniões no ano.

Israel Paulino – Dentro dessa convivência entre pai, coordenador, diretor, sente a diferença entre o professor homem e a professora mulher, ele cria?

Helenilson Ferreira de Araújo – Sim, ele cria, o pai, porquê, porque assim, quando o professor é homem, os pais se sentem... não sei se é esse o termo, mas vou usar, eles se sentem intimidados, parece que o homem ele ainda exerce essa influência simplesmente pelo fato de ser homem, parece que aquele aspecto sorridente da mulher nesse sentido não contribui muito, algumas vezes, o que é que a gente percebe em escolas que eu já passei, quando a mulher é mais fechada ela é mais turrona, ela consegue uma assistência maior dos pais, auxílio dos pais, no que os filhos tem que fazer inclusive no comportamento, que a gente sabe que hoje em dia não é muito bom nas escolas. Mas eu acredito que a diferença seja mais cultural, a própria criança, começa do comportamento das próprias crianças, ce vê as vezes uma professora fala com um aluno, e hoje, em função desse não sei nem como deveria dizer desse desfacelamento familiar, dessa desestrutura familiar, dessa precariedade que as famílias tem enfrentado, as crianças, os adolescentes não tem mais o temor pela mãe, então quando tem um homem na jogada parece que as coisas funcionam um pouco melhor, não funciona melhor e só um pouco.

Israel Paulino – Como o senhor vê a... como o senhor descreveria a aceitação desse homem? Tanto por parte dos alunos, pai, diretor da escola, como senhor disse, teve problema. Acha que tem pai que aceita? Como descreveria a aceitação dentro desse ambiente?

Helenilson Ferreira de Araújo – Olha, é como eu tô dizendo, por parte desse desfacelamento das famílias, eu acho que hoje a aceitação dele tá melhor do que de 10 anos atrás, tá um pouquinho melhor, tá mais fácil, tá melhor. Por que as

mães, a gente tem turma que tem média 35 alunos, desses 35 alunos eu acho que só uns 15, talvez nem chegue a 20, que more com pai e mãe, mora com a avó, com tio, só com a mãe, então a figura que eles tem como referência masculina, acaba sendo quem? O professor.

Israel Paulino – E como o senhor vê essa importância da aceitação dele?

Helenilson Ferreira de Araújo – Não vejo isso como positivo, porque aí na verdade a gente tem um déficit, não é um acréscimo, que some, é algo que acaba dando ao professor mais uma responsabilidade que não deveria ser dele, a da educação doméstica, vamos dizer assim. Por que o que ele veio fazer aqui, é ensinar, é um processo acadêmico, e ele acaba tendo que levar a questão da educação social, formal, não acadêmica então eu não vejo isso como uma vantagem. Talvez se a figura do pai tivesse presente, se ela se fizesse presente, seria melhor.

Israel Paulino – Então o senhor não vê essa aceitação como boa para o professor?

Helenilson Ferreira de Araújo – Não vejo boa, nesse sentido do professor se tornar a figura paterna, o referencial masculino, mas é sim positiva a aceitação do professor na sala de aula, porque imagina, um professor que é rejeitado, como é que ele vai conseguir desenvolver o trabalho? Não existe como. E Israel essa questão da aceitação, não sei se vai tocar nisso, não passa só na questão de gênero, é uma questão de raça e é uma questão de status social também, o professor que se veste um pouco melhor, ele é mais bem visto do que aquele que é displicente com o que veste, da forma que ele se porta, os professores brancos, por exemplo, por mais eles tenham alunos negros, eles são mais bem vistos do que professores negros, você não tenha dúvida. Sabe por que eu não tenho dúvidas? Porque eu já vivenciei. Com quem o meu filho vai... com aquela professora. Ah, mas aquela não, não quero que o meu filho vá com aquela professora... E a professora em questão era quem? Uma mulher negra, então existe isso, a nossa sociedade ela é difícil.

Israel Paulino – O senhor vê que, na sua formação, o senhor lembra o senhor tem três graduações... se o senhor viu alguma diferença na formação de homens e mulheres? Percebe alguma coisa?

Helenilson Ferreira de Araújo – Eu vi. É perceptível até hoje, hoje ainda isso é perceptível nos encontros de formação. Porque a professora, a função da professora ela sempre foi muito maternal, a gente sabe disso, até porque no início, bem no início da pedagogia, era homem, num determinado período da história, até pela questão da revolução industrial mesmo, que a mulher ficava em casa e o homem ia trabalhar, quando o trabalho foi esfacelado, foi distribuído, fica ali a divisão dos afazeres, a mulher fica em casa, o homem vai trabalhar. Um pouquinho tempo depois, a mulher vai pro trabalho também, e leva a prole junta, e o que começa aí? Que a mulher começa a ensinar os filhos a fazerem um trabalho, e o pai fica lá de boa fazendo o dele. Vamos dizer assim, "isolado", e ela começa a ensinar. Então nesse período aí nasce à cultura de que professora boa é professora mulher e ainda tem um detalhe, não mulheres novas, ainda tem isso. Se a professora é muito nova, ela ainda encontra um pouco de resistência, se ela for uma senhora não, porque culturalmente já é uma pessoa formada, não no sentido acadêmico, mas porque já tem experiência de vida e tal, e eu esqueci a pergunta.

Israel Paulino – Sobre a diferença de formação entre homens e mulheres.

Helenilson Ferreira de Araújo – Nesse sentido, quando o professor passou a fazer parte desse universo que era 100% feminino, houve rejeição. Hoje não, hoje tá mais aceito, inclusive hoje os papéis praticamente se inverteram. Eu tava vendo numa universidade de Pernambuco, o artigo que um professor de lá escreveu, hoje no Brasil existem mais doutores do que doutoras, que é o inverso de países da Europa, por exemplo, lá a maior parte das cátedras²⁷ são de mulheres, no Brasil é diferente, Tem mais doutores do que doutoras, porque a gente tá vivendo inversão disso aí, não no sentido de dizer que a mulher não pode mais ensinar, mas no sentido de dizer que o homem também consegue ensinar tão como a mulher e as vezes olhe lá se não mais.

Israel Paulino – Eu estava conversando com um professor, sobre o assunto do meu tcc, e durante a discussão do assunto ele deu a idéia de um encaminhamento para um futuro mestrado, que até vou verificar, porque a princípio estou vendo esta questão do homem na sala de aula da educação básica, ou seja, na creche, no fundamental e no primeiro e segundo ciclo, só que ele me abriu os olhos para o ensino médio e no nível superior em alguns cursos os homens foram praticamente expulsos das salas de aulas.

Helenilson Ferreira de Araújo – E sabe que a gente percebe no ensino médio, que no ensino médio os alunos se dão melhor com mulheres do que com homens, isso eu percebi e eu vivi isso.

Israel Paulino – É por causa da formação, que no ensino médio o desenvolvimento do aluno, tanto do menino como da menina, ele tá com uma crise existencial.

Helenilson Ferreira de Araújo – Exatamente.

Israel Paulino – E aí a meu ver a mulher ainda lida com crise existencial melhor do que homem...

Helenilson Ferreira de Araújo – nem que ela não lide, mas ela é vista assim, o adolescente vê ela como um refúgio, mais alcançável do que o homem, ainda existe essa barreira, por isso que eu te falo que é cultural mesmo.

Israel Paulino – O senhor falou que no seu mestrado você teve dificuldade para fazer sua pesquisa. Durante o seu estágio obrigatório, no curso de pedagogia, o senhor teve dificuldade, por ser homem?

Helenilson Ferreira de Araújo – Não tive. Só que eu percebi uma coisa, eu não tive dificuldade de acessar a sala, tá? Mas eu observei que nunca me deixavam sozinho na sala. Existiu sim a resistência pelo fato de um homem estar ali. Quando eu fiz pedagogia, quando eu fiz pedagogia não obrigatório ainda o estágio em núcleo de educação infantil, na época era casulo, não sei se você chegou a acompanhar, na época a educação infantil não era educação infantil, não era do ministério da educação, ela era do ministério da assistência social, a educação infantil era assistencialista, não era educação a criança ia lá pra receber um cuidado porque o pai tava trabalhando, era creche, não era núcleo de educação infantil. Existia o projeto casulo²⁸, que quem assumia inclusive era a Legião Brasileira de

²⁷ Cargo de professor catedrático do ensino superior, obtido por concurso. (Desde a reforma universitária de 1968, não há mais cátedras nem catedráticos no Brasil).

²⁸ O Projeto Casulo foi uma das políticas elaboradas pela LBA, entre 1976 e 1977, para ser aplicada em âmbito nacional com o fim de ampliar o atendimento de crianças em idade pré-escolar. Em linhas gerais, o Projeto Casulo se viabilizava por meio do estabelecimento de convênios ou da ação supervisora da LBA e previa algumas modalidades de atendimento, entre as quais as creches Casulo Institucional, mantidas pela LBA em convênio com entidades, a creche Casulo Comunitária, criada e mantida pela comunidade com suporte da LBA, e a creche Casulo Domiciliar, na qual as crianças ficavam sob a guarda de uma mãe indicada para cuidar delas (Legião, 1983).

Assistência, que era do ministério da assistência social. Essa educação infantil é muito recente, Israel. No projeto casulo elas brincavam com as crianças algumas monitoras, que não eram professoras, elas ensinavam às crianças pintura, desenho, algumas até letra, mas não tinha caráter educativo, era apenas assistencial, mesmo. A nossa história da educação infantil se não me engano a obrigatoriedade de oferta do ensino infantil a partir dos 3 anos é de 2016. Pra você ter uma idéia, antes a educação infantil era 4, 5 e 6 anos, de 3 anos se tornou obrigatório em 2016.

Israel Paulino – O senhor conhece alguma escola que não aceita homem trabalhar?

Helenilson Ferreira de Araújo – Não, conheço e não conheço, porque é aquela coisa assim, essa que eu fiquei lá não tem homem até hoje, então eu imagino que lá esteja a mesma coisa eu fiquei porque eu forcei a barra. E depois de mim, não tive notícia de que algum homem tenha atuado lá.

Israel Paulino – Pode citar o nome da escola?

Helenilson Ferreira de Araújo – Núcleo de Educação Infantil Monteiro Lobato. Não é o Instituto aqui. É pública.

Israel Paulino – Sei qual é, já ouvi falar nela.

Israel Paulino – Na sua esfera pessoal, de relacionamento, fora de trabalho, já ouviu algum comentário sobre atuar na docência das séries iniciais, algum comentário tipo...

Helenilson Ferreira de Araújo – Ah é gay?

Israel Paulino – Alguma forma de preconceito?

Helenilson Ferreira de Araújo – Já sim.

Israel Paulino – Pode nos relatar como foi?

Helenilson Ferreira de Araújo – Na verdade assim, Israel, eu fiz psicologia, esse era o sonho do meu pai, eu vou te contar isso, tu vai entender onde eu quero chegar. Era o sonho do meu pai que eu fizesse psicologia, eu fiz psicologia, mas não foi algo que eu quis fazer, que eu tinha aquela paixão, que me chamou atenção, até porque naquela época, olha eu comecei a fazer faculdade com 17 anos, naquela época um cara de 17 anos sabia o quê dá vida? Nada, Nada. Hoje ele já pensa em fazer tecnologia, desenvolver jogo, ser digital influencer alguma coisa assim, mas naquela época a gente era todo aleatório, a vida não cobrava tanto da gente, até porque esse bum da tecnologia não tinha acontecido ainda, não tinha tanta informação como tem hoje, então assim eu fiz psicologia e fui fazendo, pra você ter uma ideia, eu repeti meu primeiro ano quase todo de psicologia, porque pra mim, meu pai queria, entendeu ele que queria. Beleza, quando eu fiz pedagogia, aí meu pai não sabia, porque ele morava aqui, meu pai tinha terra no aqui no Pará, e ele alugou um apartamento pra gente lá em Goiás, nos ficávamos lá estudando, e o meu pai ficava aqui. Quando eu terminei psicologia, eu comecei a fazer um estágio em um hotel, olha a diferença fui recepcionista em um hotel e aí fiz pedagogia a noite. Inclusive foi a primeira turma de pedagogia da UEG²⁹, de pedagogia à noite, eu consegui entrar nessa primeira turma. Ai ta quando meu pai soube, que eu tava fazendo pedagogia, eu já tava no sétimo período, quase terminando e eu tinha um irmão, meu irmão mais velho ele é pedagogo, inclusive hoje ele foi presidente do Conselho Municipal de Educação, daqui de Marabá, inclusive foi por ele que eu vim pra cá.

Israel Paulino – Como é o nome dele?

²⁹ Universidade Estadual de Goiás.

Helenilson Ferreira de Araújo – Ildeci, ai hoje ele é presidente do fundeb³⁰

Israel Paulino – Eu entrevistei ele no meu estágio de Gestão Escolar.

Helenilson Ferreira de Araújo – Pois é, ele dizia assim, meu pai dizia assim pra mim, tu vai virar boiola, coitado dele, mas enfim. Então assim, isso foi em casa, isso não foi na rua, por pessoa desconhecida, que não tinham ideia da minha índole do meu caráter, que não conhecia minha projeção de futuro, isso foi meu próprio pai. Depois, amigos meus amigos "Ah, tu vai virar boiola, quase todo professor é boiola", eu ouvi isso muitas vezes, mas assim era tom de chacota mesmo, mas, a gente sabe que uma porcentagem da chacota. Então eu ouvi isso sim, não só presenciei isso com outras pessoas, como vivi isso na minha própria pele...

Israel Paulino – Tanto em casa como no ambiente de trabalho.

Helenilson Ferreira de Araújo – Sim, tanto em casa como no trabalho, como no ambiente de convivência com amigos. Mas depois meu pai ele logo começou mudar de ideia, até porque eu não desisti, mesmo. Pra você ter uma idéia, pra eu entrar nesse concurso de Marabá, eu tava muito bem trabalhando em hotel, eu ganhava melhor do que eu ganho aqui, era tipo um político do hotel, eu dirigia um carro do hotel a maioria das roupas que vestia era do hotel, comia no hotel, então era igual político, tinha alguns benefícios bem interessante fora o meu salário, morava por conta do hotel. Então assim eu não iria fazer o concurso de Marabá de 2010, eu fui pra casa do meu pai, porque assim eu trabalhava no hotel, um dos hotéis mais premiado da Amazônia, Sumaúma Parque Hotel, em Barcarena bem na margem do Rio Pará e quando abriu o concurso daqui, meu irmão que já trabalhava aqui, ele falou pra mim, ai falei vou fazer, mas foi aquela coisa assim sabe, vou fazer mas para de me falar disso, né, ai meu pai soube, ai meu pai disse assim se vai fazer, porque concurso público, emprego público é o que dá, olha quando essas empresas fechar aqui e isso vai acontecer, esse hotel vai pro fundo do rio, que é la em Barcarena, que tem o pólo industrial do Pará e tal, e realmente cara, foi profético, porque hoje la, Barcarena, dá mais nada não. Ai eu passou um tempo fui de novo na casa do meu pai, a inscrição terminava em uma semana, ai meu pai falou vai la fazer tua inscrição na internet e traz o boleto pra mim, ele foi pagar o boleto, depois ele fez o meu irmão me trazer aqui pra mim fazer aprova, deu o carro dele por meu irmão me trazer aqui, então assim eu devo isso aqui ao meu pai, eu cheguei aqui em Marabá com duas mochilas, porque o que eu tinha era tudo do hotel. É interessante que você está vivendo a situação e você não percebe isso, depois que você passa ai você pensa cara eu viva daquele jeito, com aquela regalia toda, mas não era nada meu tudo do hotel, se eu adoecesse perdia tudo, hoje não, hoje eu tenho um plano de saúde bacana, eu e meu filho, a minha casa, por mais que seja numa zona alagadiça ela é minha, não é de ninguém é minha, tenho uma motinha velha já tive um carro, depois que cheguei a Marabá, tudo com meu salário de professor, a gente fala que não ganha também porque a gente sabe que existe uma desvalorização profissional desse sentido, mas a gente não ganha tão mal.

Israel Paulino – O senhor pode falar sobre a desvalorização? O quê o senhor acha, como o senhor vê reconhecimento de valorização, ou só desvalorização na prática docente que exerce? A valorização que se tem no momento, o senhor vê pra prática da profissão docente como boa, ruim ou precisa melhorar?

³⁰ Conselho Municipal do Fundeb

Helenilson Ferreira de Araújo – Na verdade a gente já avançou muito, há um tempo atrás, os professores não tinham direito se quer à formação, eram completamente leigos, a gente não pode fechar os olhos pra isso, na década de 90, com pressão de organismos internacionais, a gente sabe disso, o ministério da educação foi criando mecanismos ou ferramentas de formação profissional docente. Não sei se você conheceu o Projeto Gavião³¹ pegava professores que eram leigos que não tinha sequer ensino médio, o técnico magistério e ensinavam pra eles o magistério, a nível médio aqui em Marabá tem muitas pessoas que fizeram isso. Depois veio o PROFA³², que não é esse mais recente da década 2000, é o Profa da década de 90, que era a formação em nível superior, professor não tinha como se formar, imagina eu trabalhe de manhã e de tarde pra sobreviver, o salário é ruim, as vezes trabalha de manhã, de tarde e de noite pra sobreviver, como é que eu vou estudar? Em que momento? Aí o governo, através de portaria do ministério da educação, criou os cursos que eles chamavam de intervalares, não existia esse negócio de EAD³³, não existia essa facilidade aí você tinha que sair e ir pra onde era oferecido, eu conheci várias pessoas que estudaram aqui em Marabá no Marajó, tu é doido o cara sai de Marabá e ir pra Breves, no extremo do Pará, mas fazia isso porque o governo pagava esse curso e garantia que o professor estudasse no período das férias escolares.

Israel Paulino – Aqui ainda tem ele é o PARFOR³⁴, na UNIFESSPA o acesso é pela prefeitura que indica quais professores que vão, dos que só tem magistério pra obter a licenciatura em pedagogia. O curso de pedagogia foi o primeiro curso da UFPA³⁵ em Marabá, só que chegou um tempo e foi pro intervalar, só em 2015 voltou do intervalar, minha turma foi a primeira que voltou para o normal, entre aspas.

Helenilson Ferreira de Araújo – Regular.

Israel Paulino – Porquê assim saiu do intervalar pro regular, ninguém sabia o que fazer. Então o nosso PPC³⁶ ainda era do intervalar, então a gente estudava as matérias bloqueadas, a gente passava três semanas estudando uma matéria só. E a pergunta que ficou foi e o Parfor, vai acabar?

Helenilson Ferreira de Araújo – A tendência é não continuar

Israel Paulino – Vai chegar um nível em que todos os professores de magistério terão o curso de pedagogia. Porque não vai mais dar aula quem tiver só o magistério.

³¹ O Projeto Gavião foi desenvolvido na década de 90 no estado do Pará, iniciou através da união entre a Universidade Federal do Pará, Secretaria Estadual de Educação, o MEC e Secretarias de Educação de diversos Municípios, tendo o apoio da UNDIME. Esse projeto tinha como objetivo profissionalizar os professores leigos. Em 1997, atingiu 107 Municípios, beneficiando 9.877 professores. Sendo implantado em duas etapas: Gavião I, caracterizado como ensino supletivo de nível fundamental, com cinco etapas e duração de dois anos e meio; Gavião II, organizado como habilitação para o magistério em nível médio, com oito etapas e duração de quatro anos.

³² Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, programa lançado em dezembro de 2000 pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (SEF/MEC) com o objetivo de oferecer novas técnicas de alfabetização, originadas em estudos realizados por uma rede de educadores de vários países.

³³ Educação a Distância.

³⁴ Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica é uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para profissionais do magistério que estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula.

³⁵ Universidade Federal do Pará

³⁶ Projeto Pedagógico de Curso

Helenilson Ferreira de Araújo – Se não me engano o ano limite é 2020.

Israel Paulino – Em sua avaliação, o tratamento que recebe como profissional da educação de crianças está condizente com suas expectativas de iniciais de trabalho?

Helenilson Ferreira de Araújo – Olha, essa pergunta é difícil... parcialmente, cara, parcialmente, o poder público aqui em Marabá, não vou dizer que eles gostam dos professores, mas temos um respeito muito grande por partes deles, eles procuram facilitar o nosso trabalho o máximo que eles conseguem, enquanto organismo normativo da educação que eu falo, por parte da comunidade, são vários olhares, pensam que professor pode tudo, que ganha bem, mas não é bem assim também, calma, já outros vêem gente com maus olhos mesmo, então isso é parcial não tem como dizer sim ou não, em partes sim em partes não.

Israel Paulino – O senhor acredita na educação pública?

Helenilson Ferreira de Araújo – Acredito, acredito mais na educação pública do quê na educação particular, porque eu estudei em escola particular apenas o ensino médio, o resto da minha vida foi todo em escola pública e eu não tenho... obviamente que a gente está engatinhando, eu converso muito aqui que a gente tem um mal, tudo que aparece como moda a gente quer incorporar, aí a gente acaba perdendo a nossa essência que é ensinar a ler e escrever o básico da educação é esse não adianta fugir, se o menino não souber ler, não souber escrever não consegue produzir, não consegue entender e nem se fazer entender, e pra essa nossa sociedade de hoje isso é altamente repellido, se a criança não consegue fazer isso ele vai se tornar um adulto frustrado e infelizmente a educação no Brasil caminha com passos de uma tartaruga bebê, não é nem com uma tartaruga adulta, porque seus passos são maiores...

Israel Paulino – às vezes dá oito passos pra frente e vinte pra trás.

Helenilson Ferreira de Araújo – sim vinte passos pra trás, a educação é muito cheia de retrocessos e quando eu falo de retrocesso da educação, eu falo de tudo mesmo, a própria formação inicial dos professores ela é precária. Estuda várias teorias, e quando chega à sala de aula, cadê a aplicabilidade delas? O próprio sistema de ensino que normatiza a grade curricular a habilidade que a criança tem que aprender é uma coisa que parece que foi desenhado não pra nós, eu estava falando pra professora aqui que às vezes eu me vejo como uma criança pequena, que o professor quer que eu escreva na primeira linha do quadro, só que minha mão não alcança a metade ainda, mas parece que é isso que o sistema de educação faz, porque é uma coisa que é construída de cima para baixo. Aqui em Marabá a gente ainda conseguiu muita coisa, que fomos construindo o nosso próprio sistema de educação tanto que no Pará, nós somos um dos poucos municípios que temo um conselho municipal de educação, a gente não se rege mais pelo conselho do estado nós temos o nosso próprio conselho, com as nossas próprias normas, isso é um avanço muito grande, mais ainda falta muita coisa. A gente está engatinhando.

Israel Paulino – Percebeu alguma coisa? Algum fator, algum evento, que o senhor julga importante, mas que não consegui tratar nas perguntas? Algum acontecimento, que serve que eu não consegui relatar.

Helenilson Ferreira de Araújo – Em princípio eu pensei que, você fez uma pergunta de aceitação, que eu achei importante. Não sei se entendi errado, mas me pareceu que a aceitação que você fala, falou muito de aceitação externa, mas não aqui dentro, como que o professor homem é visto pelos próprios colegas de trabalho? Eu não sei se você quis se referir a isso na tua pergunta, até na minha

resposta eu falei mais em relação aos pais, comunidades e equipe gestora, mas não dentro da equipe de trabalho como eles se sentem, não sei se contemplou isso.

Israel Paulino – E como é? Você pode falar sobre isso?

Helenilson Ferreira de Araújo – A aceitação é maior do que externamente as mulheres, elas nos aceitam, as colegas de trabalho, nos recebem mais afetuosamente do que os próprios colegas de trabalho, eu sou homem, eu chego num ambiente pra trabalhar com homens e mulheres, as mulheres tem uma aceitação maior com os homens do que os próprios homens, apesar de que eles sentem na pele aquilo quando ele chega, mas isso é mais natureza masculina.

Israel Paulino – Não tinha percebido isso, vou ter que refazer essa pergunta pra alcançar esse objetivo.

Israel Paulino – O senhor pode fazer suas considerações já estamos com mais de uma hora de entrevista, muito produtiva, esse momento pode ficar a vontade.

Helenilson Ferreira de Araújo – Bom, Israel, eu acho que a tua pesquisa é muito bacana, cara, como é o jargão educacional, é muito relevante pra que a gente se veja, porque na verdade a gente tem o professor profissional, professor ou professora mãe ou pai de família, mas a gente tem um professor que parece que é não identitário, parece que a gente não sabe muito qual que é a identidade do professor e a tua pesquisa quando eu li as perguntas, eu pensei isso aqui é uma luz no fim do túnel, porque isso aqui a ajuda a gente a ir se tecendo quanto à identidade, Ra você ter um ideia a pedagogia a profissão de professor é uma das mais antigas do Brasil, mas a gente não tem uma organização de classe. O que a gente tem é um sindicato assim ordem dos licenciados em Matemática, não existe isso ou ordem do professores do Brasil, não existe, ordem do pedagogos do Brasil, não existe, é interessante isso porque parece que a gente não tem uma identidade, nossa identidade é local, não tem uma identidade abrangente, uma identidade da profissão mesmo a nossa profissão é ser professor, mas a gente só é professor em Marabá? A gente só é afiliado de um sindicato local? Que é um organismo, talvez, meramente político, que não responde pela demanda do que é o ser professor, porque a gente sabe que praticamente todos os estados, todos os municípios, tem sindicato de base, como base, mas ainda falta muita coisa para o professor. Aqui em Marabá tem professor que da aula em sala de aula que é uma casa alugada, que não tem estrutura, que não recebe do poder público esse olhar sensibilizado, em relação ao que que ele está fazendo lá, a gente não está atendendo uma pessoa que depois vai embora e volte depois pra outro atendimento, estamos nos tornando parte da vida das pessoas pra que se tornem pessoas melhores, e pra que elas venham nos servir no futuro. Ontem vi um aluno que foi um dos meus primeiros alunos na EJA, porque eu atuei na EJA quando cheguei a Marabá, o cara tá casado e com uma filhinha, ele me viu e falou comigo, a gente sente o agradecimento, ele é o futuro desse passado bem recente. Que profissional ele vai se tornar? Isso tudo passa pela formação do professor, nos estamos no século 21, e a nossa própria formação ainda é precária. O que eu a achei muito bacana dessa pesquisa, não sei assim qual que é o teu projeto, com a tua pesquisa, se é só pra esse tcc, ou tem algo mais por trás, mas ela é uma luz que se acende pra pensar na identidade do professor e principalmente do professor, do professor macho, homem mesmo, porque você vai pra uma reunião de professores lá dão boas vindas professoras, ai os homens que ainda são gatos pingados, ficam lá boiando na maré, desse jeito.

Israel Paulino – Na escola que fazemos a residência³⁷, tem um homem, mas nas formações todas as palavras usadas remetem ao sexo feminino, agora somos 7 homens 6 residentes e esse professor efetivo, só que dos 22 residentes na escola 6 são homens o resto são mulheres que se junta ao número de professoras, estagiárias e cuidadoras estamos falando de aproximadamente 30 mulheres e 7 homens é mais que o triplo de diferença.

Helenilson Ferreira de Araújo – Pois é parece que não tem esse gênero masculino, nas palavras, por quê? Porque não existe essa construção da identidade docente masculina.

Israel Paulino – É parece que se perdeu com o tempo ou nunca houve, porque a principio eu iria falar da feminização da docência, porque antes era masculina e depois tornou feminina, só que na aula de pesquisa e prática a professora abriu meus olhos, dizendo assim: Israel quando você fala feminização remete a uma coisa que era exclusivamente masculina e passou a ser exclusivamente feminina...

Helenilson Ferreira de Araújo – E não é assim.

Israel Paulino – Só que a educação infantil nunca foi masculina, muito menos exclusivamente masculina ela sempre foi feminina, ela não foi criada pro homem, pelo contrário, foi feita pra mulher, pra mulher sair de casa, se tornar independente entendeu, porque a mulher levava o filho pra fábrica e a fábrica teve que criar uma creche.

Helenilson Ferreira de Araújo – E ela começou ai. Foi com a Revolução Industrial que teve inicio.

Israel Paulino – E as fábricas tiveram que abrir uma sala pra abrigar as crianças, pras mães trabalharem e as crianças não morrerem nas máquinas.

Helenilson Ferreira de Araújo – Mas somente as crianças que não tinha valor laboral, porque as que podiam trabalhar.

Israel Paulino – Já eram encaminhadas pra apertar parafusos.

Helenilson Ferreira de Araújo – Cara era uma coisa de escravidão mesmo, eu fico pensando assim Israel, a gente vive parece que é numa Matrix³⁸, quem detém o poder sabe de tudo que vai acontecer e a gente fica vendo as coisas acontecerem como se fosse novidade.

³⁷ O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes compõem a Política Nacional tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica.

³⁸ O filme The Matrix acompanha a aventura de Neo, um jovem hacker que é chamado para o movimento de resistência liderado por Morpheus, na luta contra a dominação dos humanos pelas máquinas.

APÊNDICE G – Entrevista com Jairo Belchior Freitas Oliveira

Israel Paulino – Essa entrevista vai ser gravada, posteriormente estarei enviando pro senhor a transcrição completa juntamente com um termo de publicação, para anexar a entrevista ao meu TCC. Eu vou está anotando o tempo da entrevista nas perguntas que estão no roteiro que já lhe enviei, optei por fazer desta forma, pra não ficar atrapalhando a conversa pedindo pra repetir alguma fala.

Israel Paulino – Bem no meu TCC vamos construir um perfil de um pedagogo que trabalha em um ambiente feito para mulher trabalha, não para homem, tentaremos construir um perfil de formação docente verificando as existências ou não de dificuldades na formação docente e na inserção desse professor homem nesse ambiente de trabalho.

Israel Paulino – vamos começar.

Israel Paulino – Nome?

Jairo Belchior Freitas Oliveira

Israel Paulino – Idade?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – 41

Israel Paulino – Gênero?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – masculino

Israel Paulino – Estado civil?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – divorciado

Israel Paulino – Tem Filhos?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Sim, apenas um

Israel Paulino – Formação?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Licenciatura plena em pedagogia e Especialização em psicopedagogia institucional

Israel Paulino – Quanto tempo de experiência na área da educação?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – O que tu queres saber? O tempo?

Israel Paulino – Pode ser. Quando começou?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Na área da educação é de 2003 até hoje, assim que eu me formei já tive a experiência de começar

Israel Paulino – Níveis de atuação?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Fundamental 1, 2, médio e superior, há 16 anos aí

Israel Paulino – Trabalhou nos anos iniciais e nos finais, não é?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Sim, trabalhei.

Israel Paulino – Atuou na gestão escolar?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Sim, já atuei como coordenador, orientador educacional, coordenador pedagógico e como diretor.

Israel Paulino – Vamos falar sobre as lembranças da vida escolar, mas essas lembranças podem ser desde quando tu começou mesmo, lá na...

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Quando começou estudar?

Israel Paulino – Isso, quando você começou a estudar!

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Aí tu quer lembranças de várias momentos ou uma só? Que aqui pede a mais antiga.

Israel Paulino – A gente começa a falar sobre as lembranças da tua vida escolar, as que tu têm, aquelas básicas, que começou a estudar, comecei a ler, escrever depois, fui em escola assim, aí depois a gente tem que relatar as lembranças mais antigas, uma puxando a outra, as vezes pula uma pergunta, já vai logo na outra, porque uma é o gatilho da outra, aí depois a gente pega a lembrança

mais marcante, que você considera mais importante, aquela que foi divisor de águas, entendeu?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Já que é pra pensar bem antigas, eu tenho lembranças assim, muito fortes, da ideia do casulo, que era como se fosse à creche que a gente estudava, que tinha o nome de casulo, que era uma creche pública, eu tenho lembrança das primeiras aprendizagens indo lá nesse ambiente, mais a minha mãe que me ajudava a alfabetizar em casa. Aí depois foi o fundamental um, eu estudei lá no Morbach³⁹, primeira e segunda série, aí quando fala de marcante lá, tem uma professora que foi marcante na minha vida escolar do período inicial, porque ela tinha realmente um cuidado, apesar de ganhar bem pouquinho, naquela época os professores ganhavam muito mal mesmo, então ela tinha uma preocupação muito grande, tanto com a parte do ensino, mas também com o cuidar da gente, ela tirava do pouco dinheiro que ela recebia, ela tirava sempre um valor no dia das crianças, pra comprar algum brinquedo e sortear entre a gente, fazer um bolo, alguma coisa assim, então ela tinha um cuidado diferente, essa é a lembrança mais marcante que eu tenho do fundamental 1, no fundamental 2 eu já fui estudar... passei pelo Martinho Motta⁴⁰ um ano, e estudei no João Anastácio de Queiroz⁴¹ também, um ano, depois no fundamental 2 eu fui para o Jonathas Athias⁴², que é o colégio da Vale que chamavam, e lá foi fundamental pra mim melhorar meu rendimento, porque é uma escola pública, mas com professores assim de excelente qualidade, que tinha melhor, as vezes, que na particular, foi lá que eu emplaquei nos estudos

Israel Paulino – E teve contato com professor homem nesse período?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – No fundamental um não, não tive contato com professor do sexo masculino, só do fundamental dois em diante, ou seja, quinta à oitava série. Aí foi só professora, de primeira à quarta série só professora mesmo, não tinha homem, nesse ambiente era muito raro, ainda é, mas naquela época era mais. Aí foi isso, lá consegui conhecer muitos professores que eram muito exigentes, eram bons ensinavam bem, mas eram muito exigentes

Israel Paulino – Chegou a passar pela palmatória... Teve que passar pela palmatória lá?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Tive, lá no fundamental 1 tive. Lá no João Anastácio de Queiroz a Itanhaém, que era a administradora, a tabuada ainda era no bolo. Passei por isso. Isso aí faz parte do período de escola, do meu faz, até a quarta série, esse período da palmatória foi especificamente na quarta série.

Israel Paulino – Isso foi em 1900 e... começou a estudar com quantos anos?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Comecei a estudar com 7, 8, 9, 10... 11 anos, 10 pra 11 anos, esse período da palmatória aí, porque é assim que se acreditava que se ensinava e se aprendia

Israel Paulino – E a lembrança mais marcante que você tem nesse período escolar? Primeiro e segundo ciclo, qual a mais marcante que têm nesse

³⁹ Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto Bastos Morbach.

⁴⁰ Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Motta da Silveira.

⁴¹ Escola Municipal de Ensino Fundamental João Anastácio de Queiroz

⁴² Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Professor Jonathas Pontes Athias, fundada em 07 de abril de 1986, através de um convênio firmado entre a então Companhia Vale do Rio Doce, Governo do Estado e Prefeitura de Marabá.

período assim, que você pode dizer que "isso foi o que marcou minha vida acadêmica, que me levou para o futuro..."

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Mas em relação à professores?

Israel Paulino – Qualquer relação! Tanto colega de classe, professor, casa, que foi desde esse período que te marcou na educação

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Pra mim, foi essa professora da primeira série mesmo. Foi ela! Quando comecei a atuar, me espelhava muito nela, pela... pela falta de recurso, pela falta de condições que ela tinha, mesmo assim ela tinha muito amor pelo que ela fazia, pra mim o mais marcante foi isso, foi a presença dela na nossa vida escolar, e aí um período, um outro período muito forte, também no fundamental 2, já foi no fundamental 2, que foi lá no Jonathas, é que os professores assim, eles tinham essa preocupação, eles lançavam muito a gente nos desafios, de querer ser bom, e aí isso fez que, é tanto que, todo mundo que eu encontro do Jonathas, naquela época, tá formado, bem sucedido, mas o que mais me marcou mesmo foi essa professora de primeira série, foi ela quem me fez...

Israel Paulino – E como foi o processo de escolha da sua profissão?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Eu queria fazer matemática, sempre fui muito bom em matemática, gostava de ler e tudo, a matemática, física, eu era muito bom. Quando eu tava no ensino médio, eu passei os 3 anos me preparando pra fazer matemática, e um professor de matemática, por ironia, que foi o Guaraci, ele quem me convenceu a fazer pedagogia. Aí ele, começou a no terceiro ano conversar comigo, dizer que eu era muito comunicativo, que eu já tinha uma habilidade de aconselhamento, eu tinha 16 anos e estudava a noite, e boa parte dos meus amigos eram alguns adultos, casados, então muita gente me pedia conselho, e ele percebia que eu tinha facilidade de falar e de aconselhar, e ele disse que o curso de pedagogia tinha muito mais a ver comigo do que o de matemática, ele quem me convenceu a fazer pedagogia. Aí me falou das possibilidades do curso e tal, que era mais amplo que fazer matemática, e eu também me saia bem na área de humanas, aí ele... ele foi fundamental pra mim escolher. Ele me convenceu

Israel Paulino – E o ingresso na profissão que escolheu?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Como foi?

Israel Paulino – É?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Assim que eu, antes de concluir o curso, eu nunca tinha dado aula, nunca tinha trabalhado em escola, aí a gente formou em dezembro de 2002, aí eu já fiz o concurso de Parauapebas, pra professor de primeira à quarta serie. Aí de cara eu já passei bem colocado, passei em 6º lugar, já fui pra Parauapebas em janeiro, e já comecei a atuar na escola. E nos meus primeiros momentos assim, foi um choque, porque na escola que eu fui tinha um professor homem de primeira à quarta serie, tinha um professor só, mas ele já era conhecido, então o pessoal já sabia que ele era muito bom. Então os pais, os alunos, a comunidade já aceitava bem. Aí eu fui o segundo professor homem, era uma escola grande, escola com 12 salas, e eu lembro que, a diretora reunia todos os pais e alunos no pátio, dava boas vindas, aí lia a relação dos alunos da turma e dizia "acompanhe o professor fulano de tal", e aí os alunos e os pais acompanhavam o professor pra sala, aí quando leram a lista dos meus alunos, acompanhe o professor Jairo, assim, foi visível na fisionomia de pais e alunos de todo mundo, como se você não tivesse a condições de ensinar a criança, de ensinar não, mas de cuidar. Dois sentimentos que a gente percebia no olhar, a ideia de que o homem não tem condição de cuidar e de ensinar uma criança pequena, e a ideia do assedio, parece que você vai assediar ,que você vai aliciar aquelas crianças. A ideia do

aliciamento é muito forte, é visível na cabeça. E foi assim, inicialmente foi impactante nesse sentido, os pais procuraram a diretora, dizendo que queriam mudar os alunos de sala, porque não queriam que estudasse com homem, mas assim, ela muito firme, ela disse não, ele é o professor, ele vai ministrar, e vocês vão ter que acostumar. E aí depois eles acostumaram.

Israel Paulino – Como tu se viu atuando nesse período? Com todo esse sentimento, com todos esses olhares, como se viu atuando nessa profissão?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Foi muito desafiador, porque é diferente, por exemplo, no caso da... primeiro porque eu não tinha experiência ainda. Segundo, diferente das professoras que já eram bem aceitas, tu tem que fazer muito mais pra poder ser reconhecido como um bom profissional. Então eu tinha que estudar mais... só que assim, usando a inteligência, eu conversava muito com a minha coordenadora, que era a coordenadora do ciclo, e também compartilhava muito a experiência com as outras professoras que já atuavam há mais tempo. O que elas faziam, como faziam, quais eram as ideias, projetos. Fiz assinatura da revista nova escola, fiz uma assinatura na revista superinteressante, fiz assinatura da revista mundo jovem, que era muito boa, que é muito boa. E aí nessas formações que eu participava, dentro da escola, que a SEMED⁴³ promovia, nessas revistas que eu assinava, tinha muitas experiências, aí eu procurava as experiências bem sucedidas e fazia adaptação. Aí foi fluindo, e foi aí que, o meu esforço foi esforço dobrado, pra dar conta daquilo que as outras faziam, porque a dúvida de que eu era capaz era muito grande. A desconfiança, né, é uma desconfiança, na realidade a grande desconfiança, o pessoal acha, ou que tu vai aliciar as crianças, tu não vai dar conta de ensinar, porque professor homem é só da quinta série em diante.

Israel Paulino – Se pudesse descrever, ou escolher algum sentimento pra resumir sua trajetória profissional, até o momento, qual seria este? Aí tem as opções: Realizado, Desanimado, Perdido, Cauteloso, Esperançoso?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não, eu sou, eu sou realizado, eu só não sou mais realizado, por falta de... acho que pela falta de apoio da família, foi o que... porque quando eu trabalho, eu não miro baixo, sempre quero que todos os alunos aprendam, quero que todos os alunos passem, que entrem na facilidade, e nem sempre consegue que todos façam por fatores externos. E eu só não sou mais realizado por isso, mas em relação ao que eu já fiz, quando eu atuei é tanto que hoje eu encontro meus alunos aqui, na UNIFESSPA, encontrei vários alunos de Parauapebas que eram da educação básica, do primeiro ciclo, do segundo, do fundamental 2, que fizeram faculdade, ou que estão na faculdade, aí eu tive uma experiência que foi o seguinte, a turma, além do desafio de estar atuando pela primeira vez, além do preconceito da comunidade em relação ao homem, eu ainda peguei turmas que eram de repetentes, alunos que tinham repetido dois, três, as vezes 4 anos, então tinha alunos de 8, 9, 10, até de 14 anos numa turma de quarta série por exemplo. E eram alunos que eram considerados burros, que ninguém queria aí a diretora selecionava e mandava pra mim. Formava uma turma só com esse grupo, aí era mais desafiador ainda, aí eu tive que conquistar eles, porque né, já eram desacreditados pelos pais, pela escola, eles mesmos não acreditavam, diziam que eram burros, aí eu me sinto realizado quando eu vejo esses alunos, quando eu sei que eles foram para o ensino médio, entraram na faculdade, encontro com eles adultos, aí eu me sinto que... me sinto realizado, Não plenamente, mas mais realizado do que frustrado.

⁴³ Secretaria Municipal de Educação

Israel Paulino – Hoje tu é concursado, como pedagogo? Aqui na Universidade, pode nos falar como é? Descrever um pouco do teu trabalho. É o ser pedagogo, não num ambiente escolar, mas num ambiente universitário. Como o nosso roteiro não é fechado, não é todo amarrado, a gente pode fazer essas perguntas, essas colocações, explicar um pouco. Até agora eu já entrevistei um professor, um coordenador, aí eu tenho um diretor agendado, e mais um professor.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – É bom um orientador educacional também, porque atua diretamente com o alunos.

Israel Paulino – Pois é.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Assim, Israel, na Universidade o trabalho de pedagogo é mais técnico, é mais administrativo, técnico não porque lá também é técnico na escola, mas é mais administrativo, mexe com muita documentação, eu sinto falta do contato com os professores e alunos que eu tinha na escola. Eu acho que a gente precisa ainda encaminhar essas questões mais documentais e administrativas, pra ter mais contato, acho que a gente tinha que ter uma atuação mais direta com os professores e com os alunos, em relação ao trabalho pedagógico. Então assim, é um trabalho mais técnico, administrativo, e eu acho que poderia ser mais ligado a professores, aos alunos, acho que era bem interessante, que precisa dessa parte técnica, mas também, mas eu sinto falta desse contato, é isso.

Israel Paulino – Então tu falou sobre o... orientador educacional, tu poder falar um pouco? É o único que eu entrevistei que têm experiência nessa área.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Ah! Tá! Não, é a parte que eu mais gosto, mais do que dar aula, mais do que coordenar professores, é orientar os alunos, porque assim, dentro do trabalho de orientação educacional, o que é que eu fazia? Tinha essa parte psicopedagógica, que era trabalhar com a dificuldade dos alunos, eu mapeava os alunos que tava com baixo rendimento, ou que os professores me indicavam o aluno com problema e reunia esses alunos em grupos, atendia individualmente, orientava, montava um plano de estudo com eles, um roteiro, um cronograma, aí eu estabelecia horário de estudo, disciplinas, estratégias de estudo, e acompanhava esses alunos, acompanhava o rendimento deles, fazia eles montar estratégia pra melhorar o rendimento, aí além desse trabalho específico com aprendizagem, com a dificuldade que eles tinham de aprendizagem, é... eu também fazia um acompanhamento... É... Como é que eu posso te dizer? Emocional deles, porque eu sempre trabalhei com a lógica de que se o aluno é bem emocionalmente, ele vai render mais, ele vai aprender mais, então não adianta a gente dizer que o problema pessoal dele não interfere, não tem nada a ver com a escola. Tem! tem muito a ver! Como nos nossos tem, nos deles também tem, quando um aluno terminava um namoro, quando tava com problema familiar ou tinha perdido mãe, pai, ou tava doente. Eu sempre buscava identificar isso, trazer, conversar com eles, orientar, ouvi-los, atuar mesmo como um psicólogo na escola também, ajudava muito. Na medida que eles melhoraram o estado de espírito, eles melhoraram o rendimento, eu fazia um trabalho paralelo, pra mim todos os trabalhos que desenvolvi, esse é o que eu mais sinto falta, era o mais interessante, o que mais surtia efeito, é tanto que tinha muitos alunos que se achavam burros, depressivos e hoje estão estudando na UNIFESSPA, na UEPA, estudando fora, se achavam incapazes, né, e passaram né, porque era o trabalho de orientação educacional era legal, a gente consegue ver mesmo.

Israel Paulino – Tipo o resultado mais rápido.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não é nem mais rápido é mais significativo. Você enxerga, porque tu percebe que contribuiu de alguma maneira na mudança da vida daquela pessoa, você vê que transformou a vida dela a partir daquilo que fez é bem bacana, e os professores assim, tem uma mudança, mas já são adultos, então tem mais resistência pra mudar, pra querer aprender com outro, acham que já sabem, que não precisam, e a criança e o adolescente não, eles acreditam muito no que a gente diz, então nesse sentido eu acho mais interessante

Israel Paulino – Você acha que existe alguma diferença em como homens e mulheres atuam nessa área profissional?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Especificamente nas séries iniciais, né? Ou não?

Israel Paulino – Como pedagogo mesmo, na sala de aula é mais nítida, né

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Existe diferença de atuação? Existe, né! A gente não pode dizer que não existe, porque a forma como é, eu sei que depende da forma como a pessoa foi educada, criada, mas assim, é geralmente o homem é mais racional, então ele tem a parte emocional, mas ele tem muito a parte racional, então ele acaba sendo mais objetivo, não que não existam mulheres mais objetivas, mas o homem é mais objetivo, é mais direto, se ele tem que dar bronca, ele é firme, mas assim, então pra mim é mais diferente... A diferença principal é a mulher é mais detalhista e o homem é mais objetivo, não significa que seja melhor ou pior, mas a diferença principal de um trabalho eu vejo em relação a isso.

Israel Paulino – E com os pais e diretores de escola, existe diferente entre homens e mulheres? Principalmente nessa área, né, do primeiro ciclo. Pais e diretores, falou que teve dificuldade né, com os pais, mas que a diretora ela foi pulso firme, te deu todo apoio, mas tu acha que existe o outro lado do diretor? Que também não aceita, tu teve algum contato, alguma experiência assim?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não, eu não tive nenhum diretor que evitou colocar não, mas isso foi uma experiência que eu tive, nas escolas que eu trabalhei, que eu trabalhei as séries iniciais, os diretores não apresentaram nenhum tipo de receio ou de... de... de rejeição, em me lotar nas turmas, esse preconceito é mais inicial, daqui a pouco os meninos estavam lendo, escrevendo, aí os pais estavam felizes, final do ano normalmente tinha sempre um relato dos pais afirmando: olha, quando eu vi que meu filho ia com um professor fiquei com medo, mas hoje eu sei que... é tanto que, dessas turmas que era de repetentes, os pais no final do ano tavam chorando porque nem eu lia, nem o menino conseguia ler o que escrevia aqueles garranchos, e hoje ele escreve, eu entendo, ele entende, ele tá lendo, aí é lógico né, os pais que passam pela experiência com o professor, com o homem, depois eles começam a compartilhar com os outros pais, não, não se preocupa não, é igual à professora, só que lógico, eu assim como o João, que era o outro professor lá da escola que eu trabalhei, a gente tem aquela, Têm menos aquela ideia de que a mulher... A mulher tem muito aquela tendência de tratar como se fosse filho mesmo, né, e aí o homem ele trata com cuidado, tudo, mas ele trata como uma forma mais profissional, como aluno, mas das diretoras, eu nunca tive né, não sei se outras pessoas passaram por isso

Israel Paulino – Durante o processo de formação, se lembra se teve alguma coisa diferente, alguma... alguma atividade, alguma prática que diferenciava o homem da mulher?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não, não. Todas as atividades que a gente fez... até porque a minha turma, aqui na UFPA, aqui em Marabá, tinha uma

quantidade razoável de homens, quase a metade da turma era homens, e todas as atividades, o material que foi direcionado, quando a gente tinha que fazer oficina na escola ia todo mundo, a gente foi estagiar no abrigo, todo mundo foi, a gente foi estagiar nas escolas de ensino médio, ensino fundamental 1 e 2 todo mundo foi.

Israel Paulino – Eu tive muita dificuldade pra conseguir estágio. Estágio na creche e estágio na escola, e ensino fundamental 1, primeiro e segundo ciclo, dificuldade demais, a escola que eu achava que eu conseguia... Eu fui em 6 creches pra eu estagiar, aí eu achei a quinta, a diretora liberou, as 4 primeiras não liberaram, a quinta a diretora liberou, mas não tinha nenhuma professora que me aceitou na sala de aula, pra observar, era só observar, só viver no ambiente, não precisava dar aula. A diretora deu livre-arbítrio, mas nenhum professor aceitou, nenhuma professora aceitou

Jairo Belchior Freitas Oliveira – E as tuas colegas de classe, mulheres foram aceitas?

Israel Paulino – Em várias escolas. Aí eu achei uma escola, fui numa creche no bairro da paz, lá no bairro da paz, era professora, diretora, todo mundo me aceitou, mas foi na sexta creche, porque eram 3 homens, eu, Paulo e Walkimar, então a diretora falou assim, não, tudo bem, eu aceito, pode ficar um em cada sala, e na quinta creche nenhuma professora aceitou a gente. Foi engraçado, abriu uma turma na de estágio no SESI⁴⁴, a gente tava no terceiro semestre, vaga pra auxiliar, foram os 5 homens da sala foram na entrevista, na tentativa de conseguir a vaga, eu fui o último, a mulher falou assim: não tem mulher não? Na turma de vocês, porque só veio homem até agora, você pode falar pra elas que mulher pode vir também, viu? Não precisa só homem vir. A primeira mulher que foi depois de mim, conseguiu a vaga. Os outros cinco homens não foram, e entre os cinco homens, tem o walkimar, o walkimar ele tem mais de 10 anos de experiência, ele da aula desde os 16 anos, ele é músico, ele da aula de música, daí ele deu aula na casa da Cultura, várias escolas, projeto social, ele da aula em igreja, e nem assim ele consegui a vaga, pra auxiliar na sala de aula no Sesi.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Mas eu acho que tá muito relacionado à ideia do medo do assédio com as crianças, sabia? Eu tenho pra mim que tá muito relacionado a isso, não dá incapacidade de ensinar, mas do medo do assédio.

Israel Paulino – Isso hoje em dia é uma coisa tão supérflua, que se tu ver os escândalos que saiu em faculdades, entre professor e aluno, por exemplo, nos últimos 4 que saiu na linha de grande porte, 3 são mulheres, assediando aluno.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Fora que normalmente os assédios da professora com alunos, o aluno acha bom e não conta.

Israel Paulino – Justamente, nos Estados Unidos teve uma professora agora que ela foi condenada a 20 anos de prisão por ato libidinoso com criança na sala de aula, que pra nós seria primeiro e segundo ciclo do fundamental.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – É, e a própria sociedade não encara o assédio feminino como um abuso.

Israel Paulino – Não encara como abuso.

Israel Paulino – Como você descreveria a aceitação do professor, e qual importância dessa aceitação? Fala um pouco sobre isso, agora é focar na aceitação e importância

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Assim, a ideia da aceitação o próprio nome diz, não é a questão de querer, eu acho extremamente absurdo quando de

⁴⁴ Serviço Social da Indústria

repente se recusa, aí quando você faz qualquer tipo de rejeição de uma mulher, porque ela é mulher, aí já tem outro detalhe, se de alguma forma uma vaga de emprego ela é negada a uma mulher, porque ela é mulher, seja de motorista, mecânica, sejam aquelas profissões que são mais tidas como masculinas, as pessoas se escandalizam mais, mas o homem ser rejeitado pra exercer uma profissão que predominantemente é feminino, as pessoas não acham tão absurdo, acham que o preconceito é só de um lado, e a ideia de aceitação ela é necessária porque assim, homens e mulheres eles têm muita contribuição pra fazer, eles têm muita contribuição pra dar, e apesar de a gente ser fruto do nosso... da nossa vivência, do nosso meio, a forma como o homem atua, como a mulher atua, eles se complementam, e não se contradizem, não entram em conflito, impedir que um homem atue na escola, com crianças pequenas, é impedir que a criança tenha outras vivências diferentes do que seria uma vivência com uma professora mulher, eu acho que você mais prejudica do que ajuda o aluno, no caso da presença masculina na educação básica, se a ideia é proteger, eu acho que você acaba desprotegendo, e aí a figura masculina ela tem muito a contribuir, muito e é diferente, não é melhor do que a atuação da mulher, mas é diferente, e na diferença a gente aprende muito mais do que na igualdade.

Israel Paulino – Tem a pergunta que eu fiz ainda agora, sobre a dificuldade de conseguir trabalho na área, do início, e essa já pega um pouco da outra pergunta. Tu também falou sobre estágio, tu não teve dificuldade, né, de conseguir em determinados locais por ser homem, então essas duas perguntas eu vou pular, tu já respondeu, então só volta a entrevista

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Eu quero reforçar assim, eu não tive dificuldade, mas não quero dizer que não tenha percebido que existe a dificuldade. Digamos que eu tive sorte.

Israel Paulino – É podemos dizer que teve sorte pra conseguir

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Mas que ela existe, ela existe. Atuação dos homens na educação infantil, no fundamental 1, ela é bem rejeitada ela é, isso é fato.

Israel Paulino – Tem amplo conhecimento não, né? De alguma escola que não aceita homens?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não, não tenho, não, porque eu não tô tendo contato com escola, mas, acredito que possa até não declarar que não aceita, mas se for lá, vai fazer a seleção, mas vai dar prioridade para as mulheres, com certeza, isso é visível, basta a gente ver nas escolas.

Israel Paulino – Isso acontece.

Israel Paulino – Na tua esfera pessoal... há 17, senão me engano...

Jairo Belchior Freitas Oliveira – é 19

Israel Paulino – 19, né?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – A ideia do preconceito em relação à função, né?

Israel Paulino – Isso! Nas séries iniciais como docente mesmo, teve alguma...? Algum preconceito?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Teve, teve assim, porque todo mundo achava que eu tinha potencial pra ser engenheiro, um advogado e era muito mais por licenciatura, né, por estar fazendo licenciatura, pela ideia do ganho, do respeito que a sociedade tem com o professor, então assim, isso foi de uma maneira muito sutil, lá em casa o pessoal respeita muito a opinião, ninguém fica ditando o que o outro tem que fazer, pelo contrário, quando eu passei no vestibular, todo mundo veio

muito alegre, muito feliz, mas na minha família eu não tive problema em relação à escolha não, era mais em relação às vezes a algum professor, algum amigo, que "ah, você pode mais do que isso", aí eu já não comungava, eu nunca achei que a profissão de um médico era mais do que a de um professor, do engenheiro era mais do que a professor, que ganha mais, ganha, mas eu nunca achei, pelo contrário, desde pequeno eu sempre tive essa noção, que só existe médico porque existe professor, então eu pensava: poxa, se eu vou ser o professor do camarada, não tem como eu ser menos do que ele, mas isso por fora, na família não, na família eu passei no curso que eu queria, daí eu fiz, passei, e eles simplesmente ficaram feliz, fui o primeiro da família a entrar na faculdade, em toda família, não tinha ninguém.

Israel Paulino – É, digamos que...

Jairo Belchior Freitas Oliveira – É, tinha mais orgulho do que qualquer tipo de preocupação tinha moral, né

Israel Paulino – Já vivenciou algum questionamento em relação à sua orientação sexual? Baseado no fato de você trabalhar com a educação de crianças?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não

Israel Paulino – É porque normalmente tem esse preconceito...

Jairo Belchior Freitas Oliveira – É, Tem, a ideia de que não é pra homem, né. Na verdade, assim, porque que tem todo esse... Isso é histórico, né, esse preconceito... A...a educação infantil, do fundamental 1, surgiu com a ideia do cuidar e quem é que realmente cuidava dos filhos? As mães, então a escola, a ideia do ensinar, do cuidar, foi associada à mulher porque de fato era a mulher quem fazia isso, se profissionalizou isso, mas era o papel da mulher, é histórico, o homem provinha o alimento, né, e a segurança, e a mulher cuidava dos filhos, criava, então quando se transferiu isso para a escola, principalmente nas séries iniciais, a ideia era estender esse cuidado, pra fora, que tinha em casa pra fora, por isso que a mulher tinha esse papel, né... Então assim, Israel, não é uma, uma... como todo preconceito, né, pra quebrar, ele tem um fator histórico e a questão histórica era essa, quando a escola, as creches, e a educação infantil, o fundamental 1, surgiram, era aí que a ideia que tivesse um profissional que entendesse aquele papel de casa, e aí que a ideia de cuidar e educar era da mãe, e a mãe mulher, então, professoras mulheres, e aí depois... e aí depois vem a ideia, o homem que se interessa, que vem atuando, ele é mulher, ou ele tem vontade de ser mulher, porque ele tá cuidando de criança, é uma ideia... Mas eu nunca fui questionado a respeito disso não, se pensaram, não me falaram, não externalizaram né

Israel Paulino – Você foi à vírgula da curva, foi o primeiro orientador educacional que eu encontrei, é o primeiro que não teve esse tipo de preconceito.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – É o que eu tô falando, a não ser que...

Israel Paulino – Não externalizaram.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Se pensaram, não externalizaram, que também, acho que também, eu sempre tentei... estabelecer um respeito, não dou muito brecha pra nego ficar me desrespeitando não, então assim, atuava, me preocupava com os alunos, se eles estavam aprendendo, se eles tinham condição de... buscava alternativas, então, isso faz com, aí de repente você pega alunos que reprovavam três, quatro anos, que eram alunos que ninguém conseguia ensinar a ler, e aí eu conseguia, isso foi construindo respeito, e as pessoas de respeito elas têm mais receio de ficar fazendo, falando o que não deve, mas não, nunca aconteceu não, ou pelo menos nunca foi externalizado.

Israel Paulino – Você considera que há, o reconhecimento e a valorização necessária para a profissão que exerce na sua prática docente?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não, não acho. Nem valorização, nem reconhecimento, há assim, de boca, no Brasil há um reconhecimento, uma valorização de boca, todo mundo diz que o professor é importante, que não sei o que, mas na prática, não se valoriza, nem a educação, não só o professor, mas nem a educação, eu lembro quando teve uma crise, eu trabalhava numa escola particular, eu vi cenas de pais: ah, primeira atitude que o pai criou foi o filho da escola, aí eu lembro que eu visualizava alguns pais, todo final de semana em restaurante, tomando uma cervejinha, jantando fora, e a gente sabe que esses valores que tu gasta fora de casa, sai caro, né, e era muito mais do que a mensalidade da escola, e eu vi pais tirarem filhos brilhantes, estudiosos, que tinham plena condição de passar nos cursos que quisessem, mas dizem que a educação é prioridade, mas na hora da classificação de prioridade: onde é que eu corto? Aí vai lá e corta primeiro na educação, né, e aí a nossa sociedade, pra mim, fala que é importante, mas a gente não vê a sociedade se mobilizando pra que os políticos, o judiciário, o executivo, o legislativo, eles realmente respeitam o professor, você vê que, as pessoas querem que o filho seja advogado, médicos, engenheiro, mas não querem que o filho seja professor, porque se fala que é a profissão mais importante, mas na prática não se valoriza, nem financeiramente, nem culturalmente, e isso que é pior, quando a gente vê todos os países desenvolvidos no mundo, e aí eu dou exemplo do Japão, por exemplo, né, que a gente sabe que é a única pessoa no país pra quem o imperador se curva, é o professor, aí tem uma valorização, na só financeira, mas como cultural, e a cultural é mais importante porque a financeira vem mais por causa da cultura, se o país tem uma cultura de respeitar e valorizar aquele profissional, eles compreendem de fato que é verdade, que só vai existir imperador, se os professores... só vai existir o médico, o engenheiro, o arquiteto, se existirem bons professores, então os melhores alunos da turma se tornam professores, e a lógica é muito simples de entender, quem melhor ensinaria? Quem mais tem conhecimento, então os melhores alunos são os melhores alunos pra ser tornarem bons professores, e aqui no Brasil é ao contrário, infelizmente, com raras exceções, quem não passa pra nada, vai passar pra licenciatura, então vai ser professor, digamos que os piores, é lógico, nós sabemos que nem sempre é assim, porque tem aquelas pessoas que sonham e desejam, mas, normalmente a gente vê um percentual alto de licenciatura de pessoas frustradas que não conseguiram se dedicar por um motivo ou outro, que não conseguiram passar num curso, ou que talvez não sejam capaz de passar em um outro curso, e aí acabam entrando na licenciatura, que é mais fácil de entrar, pra ter um curso superior, e aí de certa forma tu acaba garantindo um sustento né, essa cultura é que é mais complicada, que a gente vê todos os países realmente desenvolvidos e quando eu digo desenvolvido não é financeiramente só, mas qualidade de vida e tal, eles tem uma outra visão do professor, muito diferente, que a gente tá é longe, e tá cada vez pior, e agora mais do que nunca, os professores estão sendo desvalorizados, as pessoas estão abrindo a boca pra falar besteira dos professores.

Israel Paulino – O abismo só aumenta

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Só aumenta

Israel Paulino – O tratamento que recebeu como profissional na área da educação de crianças, acha que foi condizente com as expectativas? Que tu imaginava que seria?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Não, com expectativa não. Até porque eu também não tinha experiência nenhuma, quando eu concluí, já fui pra sala de aula, e o tratamento, assim, na escola eu fui bem tratado, pelos colegas de trabalho

e tal, mas assim, eu desejava fazer muito mais do que eu tinha aprendido, não concordo com essa ideia que algumas pessoas dizem "ah, teoria é uma coisa, e prática é outra", "ah, estudar na Universidade é uma coisa, e pra prática não", boa parte não, tudo que eu aprendi na Universidade me ajudou, eu consegui os resultados que consegui, baseado nas teorias e nas aulas que tive com os professores, agora assim, a expectativa ela não foi, as minhas expectativas elas não foram concretizadas muito mais em relação à fatores externos, como infraestrutura, do que por falta de apoio interno, da direção, então assim, eu trabalhei em escola onde a gente atuava com sessenta alunos, cinquenta e cinco alunos em sala, quando eu fui pra trabalhar na coordenação, essa parte de orientação, eram dezenove salas, cada um com sessenta alunos, e eu tinha um trabalho medonho, mas não foi nem questão de conhecer todos os alunos, conhecer todos os professores, conversar com aluno por aluno, começar pelos que tinham um rendimento mais baixo, até chegar nos que tinham um rendimento forte, mas que tinha que fazer alguma coisa pra ele poder melhorar, então a expectativa de não conseguir fazer aquilo que eu sabia que tinha condições de fazer, era frustrante nesse sentido, porque era gente demais, estrutura de menos, então por isso.

Israel Paulino – Você acredita na educação pública?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Acredito! E eu te digo porque acredito, muito. Apesar de a gente estar vendo a educação como um todo, é... super desvalorizada, principalmente atualmente, a ideia de que qualquer um sabe de tudo por causa das redes sociais, todo mundo se acha especialista em tudo, né, todo mundo acha que pode praticar o trabalho de todo mundo, e saber... E apesar do que a gente vê, da eficiência da escola pública, quando você observa os melhores profissionais, você vai ver de onde eles vieram, foram das escolas públicas, tem... Eu digo isso porque uma vez, eu trabalhando numa escola particular e um colega de trabalho, um coordenador, disse que a escola pública não prestava, que não sei o que, e aí eu levantei uma questão interessante, de que a escola pública é ruim, mas todos nós que estamos aqui, desde o dono da escola, aos coordenadores, da Universidade, todos os profissionais excelentes que tinham, que estavam fazendo a escola crescer, eram todos de escola pública, todos, todos, todos. Então eu acredito muito na escola pública, a escola pública ela tem com todos os seus percalços, ela tem uma preocupação e vai além do ensino particular, o ensino particular ele visa o lucro e pronto, acabou -se, ele não quer saber se o aluno tá com tendências suicidas, se ele tá com problema familiar, se ele tá com baixo rendimento, ele quer saber se a mensalidade tá paga, e acabou -se,

Israel Paulino – Só vende o sonho.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – chegou final do ano, ninguém reprova, não que a reprovação seja algo bom, mas que todo mundo passa, pagou, ah, um bom pagador, então merece passar. Eu já vi experiências assim, nunca passei por experiência assim, mas tenho amigos que, de escola particular "não, mas fulano aqui paga bem, paga em dia e tal, vamos dar um jeito, e aí o problema é que, isso desestimula o professor, o coordenador, o orientador, e na escola pública a gente ainda tem essa preocupação, lógico, deveria ter mais, mas ali, por exemplo, quando você pensa em educação especial, única rede que dá apoio pra educação especial, é a rede pública, da fonoaudiólogo, tem psicólogo, tem psicopedagogo, tem... a escola particular não tem isso, ela não tem essa rede de apoio, pra criança que tem problema, alguma deficiência, algum problema de aprendizagem, a escola pública ela tem muito mais cuidado, e um outro detalhe, por exemplo, tem uma coisa que é fundamental, que a escola particular não faz, que é a formação continuada, e aí a

gente tem uma diferença grande, quando você trata de educação infantil, ensino fundamental básico, um, a escola pública é muito melhor que a escola particular, porque a escola particular ela recruta os profissionais pagando uma miséria, né, eles pagam... o menor salário da escola particular, é de quem atua na educação infantil, e aí depois o menor é quem atua no fundamental 1, e aí vai melhorando o salário conforme... e aí, o que acontece? Eles pegam os professores, normalmente recém-formados, que não conseguiram trabalhar na escola pública por não passar num concurso, aí eles acabam pegando esses, porque é pra ganhar bem pouco, eles pagam muito mal para esses professores. Aí o professor da educação infantil, e ensino básico da pública, ele tem: ele é concursado, ele ganha melhor, ele tem uma formação continuada, que é fundamental pra que o professor consiga melhorar o trabalho, ele tem uma formação na educação especial, ele tem formação na área da tecnologia, tem formação... Ele tem acompanhamento, ele tem uma equipe na SEMED que é... Ele tem uma rede de apoios ali pra ajudar dificuldades que ele tem, e isso acaba tornando ele um profissional melhor, é... Quando você pensa em alfabetização, por exemplo, a escola pública, ela se sobressai por causa disso, por causa dessa rede de apoio, por causa da formação que o camarada tem na pública, que na particular não tem, infelizmente. Às vezes, né, quando coincide de um professor que trabalha na educação pública, e atua na rede privada, e aí ele tem essa formação, ele faz um excelente trabalho porque lá na particular, ele tem a infraestrutura toda necessária pra fazer o trabalho, que é o que normalmente não tem na pública, mas eu acredito que a educação pública tem isso, porque todo mundo bom que eu conheço, vem da educação pública.

Israel Paulino – A última pergunta, existe algum fator ou evento relacionado à sua função, que você julga importante, que eu não lembrei de abordar? Ou que eu não citei, mas que tu acha que é importante?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Assim, Israel, eu acredito que... que a gente precisa trabalhar na mudança da cultura pra realmente de fato reconhecer... não só reconhecer, mas quando a gente fala de valorizar, as pessoas tendem a pensar "ah, valorizar é aumentar o salário", não! valorizar é uma série de coisas, eu já vi professor ganhando muito bem, trabalhando mal, desmotivado, e assim, existe uma série de fatores pra contribuir pra que o camarada seja feliz naquela profissão, porque se, ele tiver condições, aí entra salário, estrutura, orientação, acompanhamento daquele professor, formação pra ele, continuada mesmo, sabe? E aí ele se sinta feliz, isso vai atrair outras pessoas, é o sonho que eu imagino pra nossa...pra nosso país, é que os melhores alunos da turma, os melhores alunos, eles sonhem em ser professor, porque eles vão olhar e vão enxergar "poxa, aquele camarada ele ganha bem, ele é valorizado, ele tem estrutura, ele tem condição de trabalho, porque não tem coisa que mais te satisfaça do que tu ver um aluno teu lá na frente, tu viu que ele realmente deu certo, que ele conseguiu fazer uma faculdade, conseguiu se firmar, e hoje ganha mais do que tu inclusive, né, mas isso é errado, não é pra um camarada que eu ajudei a formar, ganhar mais do que eu, de forma alguma. Então assim, o que eu ressaltaria, que a gente deveria trabalhar essa ideia da mudança de cultura, e isso é possível, a gente que acha que não é, mas é. Eu vou te dar... só pra fazer uma analogia aí, uma comparação, o uso do cigarro, o cigarro na década de 70, 80, 90, ele imperava, onde as pessoas estavam, raramente tinha uma pessoa que não fumava, todo mundo fumava, era chique, os filmes, as novelas, era sinônimo de chiqueza, de riqueza, de beleza, elegância, tudo de bom era associado ao cigarro, então a gente tinha aquela cultura de que o cigarro representava, tanto que o moleque quando tava se tornando adolescente, que

queria transparecer que era adulto, fumava, né, botava um cigarro na boca, que era pra dar um... Eu lembro porque eu vivi isso, não fiz, mas vivi, e aí eu era tido um menino, porque eu não fumava, e aí quando de repente se combate o tabagismo em razão... por vários motivos, não é só por bondade, por se preocupar, entre... tinha preocupação com a saúde e tudo, mas, aí entra o governo com os gastos que se tem com doente, né, causados pelo cigarro, então você gera uns gráficos e visualiza a quantidade de dinheiro gasto com tratamento, porque quando vem do estado, tem muita relação com gastos, então é... e aí começou a fazer uma campanha contrária à isso, proibindo a divulgação como incentivo em novela, então a mídia... Aí os temas, propagandas da TV, né, que a gente via que as propagandas era um cara de cavalo, cara bonitão, a mulher tipo bonita, então isso foi se tirando, dessa forma a cultura foi mudando, até chegar na época da proibição, realmente, em lugares públicos, o uso do cigarro, né, e aí eu lembro que eu vivi essa época que todo mundo fumava, e era cultural, e era bonito, e era ok, mas as pessoas já morriam de câncer no pulmão, e outros problemas respiratórios, mas era culturalmente aceito, aí na medida que você começa a combater, você mudou a cultura, então eu tô dando esse exemplo pra provar que uma coisa que era na época, era assim, eu lembro que, quando começou a sair as primeiras propagandas de combate, todo "ah, isso não vai dar certo, porque todo mundo fuma mesmo", e aí a ideia que se tinha é a de que não ia dar certo, e deu, hoje você raramente você encontra uma pessoa que fuma, então aí é um exemplo de que a gente quisesse mudar a cultura em relação ao respeito, ao profissional da educação, que se a gente mudar a cabeça das pessoas, vai mudar a infraestrutura, o respeito, e conseqüentemente também o salário, aí a gente vai ter alunos bons querendo ser professores, aí o país modifica.

Israel Paulino – Aí nós anda...

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Mas caso não sai...

Israel Paulino – Agora, considerações, entrevista aqui fluiu bem, rendeu bastante, chegamos às considerações, alguma que tenha a fazer, sobre o trabalho, sobre a entrevista, alguma coisa pra integrar, pra modificar, um pensamento, um... motivacional, suas considerações.

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Como a entrevista ela é focada basicamente na ideia da atuação masculina do pedagogo na sala de aula na escola, principalmente na sala de aula, eu te digo assim... O que é que eu tenho pra falar de consideração. Eu não deixei que nada disso em impedisse de... Não era nem pra provar para os outros assim, tenho esse negócio de tá provando para os outros não, provar pra mim mesmo, eu não deixei que o preconceito, que essas ideias, "ah, se alguém vai achar que eu sou gay porque eu tô dando aula", porque antes era, hoje ainda é mais assim, qualquer tipo de professor, professor universitário, professor de ensino médio, professor de ensino fundamental, era tido como homossexual se desse aula, deu aula, porque a ideia, é realmente aquilo que eu falei no início, que a mulher era provida da capacidade de ensinar e não o homem, aí lógico, depois também aceito como universitário, também de ensino médio, como professor de fundamental 2, e acredito que a gente também vai chegar nesse período de professor da educação infantil, de séries iniciais, ele vai ser aceito, até porque, assim, também a ideia de quê "ah, o cara é gay e da aula", e daí? Uma coisa num tem nada a ver com a outra, uma coisa é a vida pessoal, a profissional é outra, né, e não é por aí que você tem que balizar o profissionalismo do cara, mas assim, o que eu penso, o que eu acho que é interessante, que você que tá se formando, e os homens que tão se formando, principalmente na área da pedagogia, é que, nada disso, nenhum tipo de comentário, de pensamento, ou de olhares, comportamentos,

impeçam vocês de atuarem, até porque assim, quando você for atuar lá na Universidade, ou no ensino médio, a experiência que tu teve lá na educação infantil, vai ser fundamental, porque tu vai entender os processos, né, como é que o camarada chega no ensino médio, como é que é que a formação dele, como é que ele foi alfabetizado, quais são os níveis de ensino, de aprendizagem, quando você domina tudo isso, é tanto por exemplo assim, a área que eu mais atuei, e atuei melhor, foi com adolescente, com ensino médio, apesar de ser pedagogo, porque todo mundo acha que o pedagogo é só professor de creche, mas quando eu chegava no ensino médio pra orientar os professores, ou no fundamental dois, pra orientar os professores, ou os alunos, eu chegava com propriedade, falando "olha, gente, o aluno "ah, o aluno não aprendeu", pois é, ele tem essa dificuldade e tal, ele de repente lá na educação infantil dele, ele teve um problema disso, então eu sabia, e tinha prioridade pra falar, por experiências de atuação, e por teoria também, pra fazer o professor enxergar o porquê do aluno tava tendo aquele rendimento, porque o aluno tava tendo aquele comportamento, aí quando eu chegava no ensino médio, oh professor, eles tão passando por problemas emocionais, em razão do hormônios, então tinha momentos que na formação eu levava essas formações fisiológicas do adolescente para o professor entender, não era pra ele aceitar, mas pra ele entender, pra saber lidar com aquele adolescente, digo, não adianta tu querer entrar em conflito com aluno, se tu não entende que ele tá... os hormônios tão mexendo com o humor dele, com a sonolência, com a alimentação, com um monte de coisa, então assim, compreende isso, isso eu aprendi onde? Na pedagogia, estudando as fases do desenvolvimento, as concepções de criança, que por um período no mundo era tido como adulto em miniatura, e quais foram os períodos que isso foi mudando, as concepções de criança, né, e aí fase... falava sobre a fase do personalismo, os 16 anos, que é a formação da personalidade, que é principalmente naquele período ali que se formam, então é importante, então eu poderia conversar com os pais, mesmo do fundamental 1 quanto do 2 e do ensino médio, eu citava esses conhecimentos que a gente tem construído sobre o desenvolvimento humano pra eles entenderem o porquê o filho dele tem a personalidade, de que forma ele podia ajudar em casa, então assim, é... não permita que esses preconceitos impeçam vocês de ter as experiências que precisam ter em todas as modalidades de ensino. Eu lembro que um professor veio aqui, finalizar, aí ele tava falando sobre o estágio e veio querer saber se ele não tinham, se os alunos já tinham estagiado no ensino médio, e tinham que estagiar no fundamental, aí se não tinha como os alunos estagiarem de novo no médio, aí eu tive que explicar pra ele que não, que eles tinham... "por quê?", porque o aluno tá saindo da licenciatura, ele precisa ter um contato, com todas as modalidades de ensino, pra ele saber como é que cada um funciona, até pra ele chegar ao ensino médio, dar aula no ensino médio, ou ser um coordenador pedagógico, ou orientador de ensino médio, se ele tem conhecimento de como funciona o fundamental 1, o 2, e a educação infantil, ele vai ser muito melhor. Não vai ficar dando ideias e sugestões do que ele não sabe.

Israel Paulino – Sem propriedade

Jairo Belchior Freitas Oliveira – É... Então, a minha finalização é em relação a isso, não permitir ou não permite, cada vez eu não ter medo de ter uma experiência porque os outros... eu fui e via, quando eu fui pra sala, os meninos atrás de mim, as mães com os olhos assim, os pais pareciam, o pai entrou na sala, ia juntar aqueles 30 menino, ia mandar tudo tirar a roupa e ia molestar todo mundo, o olhar do pessoal era esse, mas nunca teve nenhum caso não, graças à Deus

Israel Paulino – Disso aí não posso ser acusado, né?

Jairo Belchior Freitas Oliveira – Tenho nenhum interesse
Israel Paulino – Então obrigado!